

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE DIREITO
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS**

**Que desenvolvimento?
Sistematização do projeto Sampabeagá, aplicado
em duas escolas municipais de ensino fundamental**

Aluna: Rita Monte
Orientador: prof. dr. Elie Ghanem

São Paulo, outubro de 2006

Sumário

1. Aspecto estrutural: sistematização da experiência	1
1.1 Por quê uma sistematização?	1
1.2 Critérios: que desenvolvimento?	3
1.2.1 Desenvolvimento visado pelo Sampabeagá	3
1.2.2 Desenvolvimento e Direitos Humanos; Desenvolvimento para o PNUD	7
1.2.3 Desenvolvimento e Auto-Conhecimento	11
1.3 Metodologia empregada	11
2. Contexto do Sampabeagá	12
2.1 Questões-chave	16
2.1.1 Educação como resposta a necessidades básicas dos implicados	18
2.1.2 Ações de desenvolvimento profissional	20
2.1.3 Diálogo entre agentes educativos internos e externos	21
2.2 Em que pé estamos?	23
3. Descrição da experiência	25
3.1 Registros das reuniões de assessoria (2005-2006)	28
3.1.1 São Paulo: EMEF Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento	29
3.1.2 Belo Horizonte: EMEF Professora Alcida Torres	51
3.2 Entrevistas com a equipe técnica - BH	80
4. Limites e potencialidades: pontos centrais da experiência	99
4.1 Sustentabilidade do projeto Sampabeagá	100
4.2 Vontade de mudar: conforto em não ter respostas prontas	101
4.3 Que desenvolvimento? Transformações internas fazem parte do desenvolvimento humano?	102
5. Autores e colaboradores	102
6. Anexos	103
7. Bibliografia	113

1. Aspecto estrutural: sistematização da experiência

1.1 Por que uma sistematização?

A intenção deste trabalho é servir de ponto de partida para aprendizados sobre o projeto Sampabeagá. Assim, o primeiro cuidado que tivemos ao estruturá-lo foi separar seu problema do problema para qual o seu objeto pretende buscar soluções. Isso porque **o objeto de nosso trabalho é o Projeto Sampabeagá**, que tem um foco próprio¹, mas **o foco de nosso trabalho é outro**: é propiciar uma reflexão sobre *que desenvolvimento se faz nas escolas em que o Sampabeagá existe* – contextualizando essa pergunta no foco do projeto, que é promover o desenvolvimento das comunidades onde as escolas se inserem, por meio de do desenvolvimento profissional dos que trabalham na escola e de uma educação escolar que responda a necessidades básicas dos implicados na educação.

A escolha desse formato vem ao encontro da particularidade deste trabalho: não se trata de uma proposta de projeto de intervenção, de lei ou de política pública – casos que, pelo edital do curso de Especialização em Direitos Humanos, se encaixam no formato “monografia” – mas, antes, aproxima-se da idéia de **sistematizar a experiência** de um projeto de intervenção que já vem acontecendo há pelo menos dois anos e que certamente traz uma bagagem de experiências que pode servir de referência a outras iniciativas similares, com isso promovendo aprendizagens sobre modos de intervir positivamente na sociedade.

Assim entendemos o que implica fazer uma sistematização:

A sistematização é uma metodologia que teve origem nos anos 70, em experiências de desenvolvimento comunitário e de auto-gestão do conhecimento – educação de adultos com Paulo Freire, projetos de investigação-ação. Parte de postulados

¹ O problema a que o Sampabeagá pretende responder é o fraco envolvimento da educação escolar em iniciativas de desenvolvimento de comunidades locais. O objetivo geral do projeto é engajar o pessoal técnico e docente de escolas públicas em processos de formação que promovam tanto o desenvolvimento profissional quanto o de comunidades locais, respondendo a necessidades básicas das pessoas implicadas nas práticas educacionais.

epistemológicos, filosóficos e políticos que defendem a possibilidade da **produção do saber a partir da prática**, a importância da apropriação e uso do conhecimento pelos participantes de determinada experiência ou situação, bem como a importância da democratização do poder gerado pelo saber etc.

Sistematizar não é simplesmente ordenar as experiências e as bases documentais das mesmas – atas, documentos, fotos, vídeos, entre outros. Significa mais, significa ir além, interpretando as experiências vividas, identificando as influências do contexto, a potência e as limitações das estratégias e dos referenciais conceituais adotados. Para isso, **a ferramenta principal são as perguntas**, especialmente as que se dirigem a explorar os “comos” e os “porquês” do curso percorrido pelo projeto ou experiência.

Em termos gerais a sistematização se define como um processo de **reflexão coletiva e organizada**, que se realiza para **compreender determinado processo vivido por um coletivo, e que possibilita construir novos significados a respeito do que foi feito, à luz das circunstâncias atuais, bem como produzir conhecimento/teoria a respeito.**

Desse modo, vale a pena sistematizar tanto experiências bem-sucedidas, como as que não atingiram os objetivos inicialmente perseguidos: a sistematização é uma ferramenta útil para analisar e compreender processos, e a partir deles se constroem valiosas lições para o presente.

Não se busca com a sistematização obter UMA verdade, ou gerar UM consenso a respeito da interpretação e compreensão da experiência vivida. **Busca-se explicitar e pôr em diálogo as perspectivas dos diferentes sujeitos sociais que tomaram parte no processo.** A evidenciação dos diferentes olhares e esse diálogo coletivo são a maior riqueza do processo². *(grifo nosso).*

² Conceito e explicação dados na 22ª Oficina de Trabalho do V Congresso Nacional da Rede Unida (<http://www.redeunida.org.br>), em maio de 2003 no Paraná. Texto elaborado por Manuel Vicente Llanos Castilho (Universidade del Valle de Cali/Colômbia), Laura Camargo Macruz

Adotaremos a seguinte estrutura para embasar a sistematização proposta, a partir do capítulo 2 deste trabalho: *contexto; descrição da experiência; potencialidades e limites; autores e colaboradores; rede de contatos; anexos.*

1.2 Critérios: que desenvolvimento?

A sistematização proposta tem diversas perguntas orientadoras originadas nos diálogos e reflexões que ocorreram ao longo do projeto Sampabeagá. Muitas dessas perguntas serviram de roteiro para as entrevistas realizadas com a equipe técnica da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Alcida Torres, como “você considera que trabalha em equipe?”, “para você, o que é o projeto Sampabeagá?”, “você enxerga impactos positivos do projeto em sua prática profissional?”, “de quem é o projeto?”, e serão abordadas mais à frente. Por agora, nos debruçaremos sobre a pergunta-chave: *que desenvolvimento* efetivamente se pratica com o Projeto Sampabeagá desde seu início?

Para delimitar o espaço possível de resposta a essa questão, faz-se necessário refletir sobre o termo “desenvolvimento”, abordando seu emprego no projeto Sampabeagá e em contextos correlatos. Assim, escolhemos três eixos para reflexão: i) Desenvolvimento visado pelo Sampabeagá; ii) Desenvolvimento e Direitos Humanos; Desenvolvimento para o PNUD; iii) Desenvolvimento e Auto-Conhecimento.

1.2.1 Desenvolvimento visado pelo Sampabeagá

O projeto Sampabeagá nasceu durante o período em que seu gestor produzia uma pesquisa para a Universidade de São Paulo intitulada

“Mudança educacional: inovação e reforma”³, por meio da qual se estudaram, entre outras iniciativas, projetos considerados inovadores em educação escolar. “Inovação” é definida por práticas que se caracterizam por isolamento, fragmentação, descontinuidade no tempo, baixa visibilidade das ações e forte voluntarismo de educadoras e educadores; “reforma educacional” caracteriza-se por práticas criadas não por agentes diretos de sua execução, mas por autoridades (em geral, autoridades do Poder Executivo e acadêmicas das Universidades), práticas de caráter normativo e impositivo, com ampla abrangência, formato homogêneo e alta visibilidade; e “mudança educacional”, segundo propõe GHANEM em sua pesquisa, se define pela confluência dessas duas lógicas.

Três, das 17 iniciativas consideradas inovadoras pela pesquisa, fazem parte dos antecedentes do Sampabeagá: Projeto Integrar pela Educação, Projeto Raiz e Projeto Curuçá (todos na Zona Leste de São Paulo). Os três projetos têm em sua origem fatores que os ligam ao trabalho de mobilização e articulação entre os diversos atores sociais da Zona Leste, trabalho que vem sendo realizado há pelo menos 10 anos, protagonizado pelo Fórum de Educação da Zona Leste – que, por sua vez, tem forte presença da ONG Ação Educativa em seu fortalecimento. Traços essenciais unem dois desses projetos – Integrar pela Educação e Curuçá –, como os princípios da gestão democrática da educação, da participação política (especialmente no momento da formulação de políticas públicas), da educação como um direito fundamental – e, como tal, dependente da garantia de outros como o direito ao trabalho, à saúde, à moradia e à cultura –, do desenvolvimento sustentável da região representada pelo Fórum, da economia solidária, entre outros. Nos projetos Raiz e Curuçá há a participação da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento – escola que representa a parte “sampa” do projeto Sampabeagá.

O projeto assim define seu foco e seu objetivo geral:

³ _____, **Mudança Educacional** – inovação e reforma. Relatório final de pesquisa. São Paulo: Fapesp. 2006.

“O problema a que o projeto Sampabeagá pretende responder é o fraco envolvimento da educação escolar em **iniciativas de desenvolvimento de comunidades locais**. Dois exemplos de iniciativas dessa espécie são o **projeto Curuçá** e o programa **Cidadãos Planetários**. O projeto Curuçá, de responsabilidade de um grupo de cinco organizações, inclui variadas atividades de educação com jovens na Zona Leste do município de São Paulo (SP). O programa Cidadãos Planetários, do Instituto Pauline Reichstul, também forma e mobiliza jovens do Taquaril, no município de Belo Horizonte (MG). São projetos que apresentam inspiração comum e características similares, entre as quais, a busca de atuação articulada com escola pública de educação básica”.⁴ (*grifos nossos*)

Quando o Sampabeagá diz que pretende buscar respostas para o fraco envolvimento da educação escolar em iniciativas de desenvolvimento de comunidades locais, ele traz em sua voz a história do Integrar pela Educação e do Curuçá, e liga “desenvolvimento” a uma concepção da educação escolar como parte essencial de um projeto político para o Brasil. Os projetos Integrar pela Educação e Curuçá se unem ao Sampabeagá à medida que nele encontram ecos i) de *seu desenho* (ambos foram criados em conjunto com seus beneficiários, permitindo dizer que esta circunstância já foi a realização de um projeto: o exercício do diálogo, da construção conjunta, da negociação, do respeito pelo diferente), ii) de *sua proposta de educação escolar inovadora*, centrada na identificação de sentidos de todos os nela implicados (docentes, discentes, coordenadores pedagógicos, funcionários da escola, pais/mães, comunidade do entorno), e iii) da *conjugação de desenvolvimento local com educação escolar*. Ressalve-se que o item i), referente à elaboração conjunta do projeto com seus beneficiários, não ocorreu claramente no Sampabeagá em Belo Horizonte, apesar de ser esta uma das posições-chave que o gestor defende – é o que mostra a

⁴ GHANEM, Elie. **Projeto Sampabeagá**. Proposta para Extensão Universitária. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2004.

visão da equipe técnica da EMEF Professora Alcida Torres nas entrevistas individuais realizadas.

Não há uma explicação clara sobre o que envolve um “desenvolvimento comunitário que parte do desenvolvimento profissional do profissional da escola”. Até o momento presente, “desenvolvimento” fica relegado ao subtexto na comunicação entre os implicados no projeto, e ainda de uma maneira que se mostrou bastante discreta, já que a sensação de não se saber onde o projeto quer chegar é geral e faz supor que essa falta de respostas prontas, na visão das pessoas da equipe técnica, é indicativo de que o projeto não se “desenvolve” da melhor maneira (conforme entrevistas com equipe técnica de BH). O que se pode inferir da história e das circunstâncias em que o projeto foi elaborado é que a dimensão de “desenvolvimento” toma, na visão do gestor e de grande parte dos participantes do projeto, principalmente os aspectos social, coletivo e político do profissional da escola, situando-o antes como um ator social (que desempenha o papel de professor/professora, diretor/diretora, coordenador/coordenadora etc) que como ser humano que busca evoluir.

De qualquer maneira, o foco do trabalho do Sampabeagá até aqui empreendido é com os profissionais da escola, fortalecendo a equipe técnica (diretoras e vices, coordenadores pedagógicos) para que ela se enxergue co-responsável pela formação dos docentes – o que, para o projeto, implica dizer “disponibilizar outras formas de ver a educação escolar”.

1.2.2 Desenvolvimento e Direitos Humanos; Desenvolvimento para o PNUD

Para os Direitos Humanos e o Direito Internacional dos Direitos Humanos, “desenvolvimento” é uma “segmentação” da doutrina que incorpora elementos pragmáticos utilizados pela Economia, pela Política e pela Sociologia. O que se embute em seu significado, quando olhado pelo viés dos Direitos Humanos em geral, é bastante o que foi dito no Relatório de

Desenvolvimento Humano de 2000, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)⁵:

Os direitos humanos e o desenvolvimento humano tratam ambos da garantia das liberdades básicas. **Os direitos humanos** exprimem a idéia ousada de que **todas as pessoas têm direito aos arranjos sociais que as protegem dos piores abusos e privações — e que asseguram a liberdade de uma vida digna.** O **desenvolvimento humano**, por seu turno, é um **processo que melhora as capacidades humanas — alarga as escolhas e oportunidades, de forma que cada pessoa possa levar uma vida de respeito e valor.**

Os direitos humanos podem acrescentar valor à agenda do desenvolvimento. Chamam a atenção para a **responsabilidade de respeitar, proteger e cumprir os direitos humanos de todas as pessoas.** A tradição dos direitos humanos traz os instrumentos legais e as instituições — leis, sistema judicial e processo de litígio — enquanto meios que asseguram as liberdades e o desenvolvimento humano.

Os direitos também emprestam a legitimidade moral e o princípio da justiça social aos objetivos do desenvolvimento humano. A perspectiva dos direitos ajuda a transferir a prioridade para os mais pobres e excluídos, especialmente para privações devidas à discriminação. Também canaliza a atenção para a necessidade de informação e de voz política para todas as pessoas, como uma questão de desenvolvimento — e para os direitos civis e políticos, como partes integrantes do processo de desenvolvimento.

O desenvolvimento humano, por seu lado, traz uma perspectiva dinâmica de longo prazo ao cumprimento dos direitos. Canaliza a atenção para o contexto socioeconômico em que os direitos podem ser realizados — ou ameaçados. Os conceitos e instrumentos do desenvolvimento humano proporcionam uma avaliação sistemática dos constrangimentos econômicos e institucionais postos à realização dos direitos — assim como dos recursos e políticas disponíveis para os superar. O

⁵ Disponível em: http://www.pnud.org.br/rdh/hdr/hdr2000/docs/Sintese_RDH.pdf ; acessado em 13/10/2006

desenvolvimento humano contribui, assim, para construir uma estratégia de longo prazo para a realização dos direitos. (*grifos nossos*)

O trecho destacado do RDH 2000 também nos serve para lançar a seguinte idéia ao debate: o discurso dos Direitos Humanos, tomado sob a ótica Ocidental, é exaustivamente calcado na base da violação dos mesmos Direitos Humanos. Parece que o discurso é invocado quase que exclusivamente para fazer referência a situações em que os Direitos Humanos “faltam”; raramente se lhes faz menção, por exemplo, quando uma pessoa tem a oportunidade de, desde sua infância, freqüentar escolas particulares, graduar-se em curso superior e estar empregado – situação padrão da classe média brasileira. Isso seria uma situação em que os Direitos Humanos estão sendo praticados e “defendidos”?

Nesse sentido, nos é forte a sensação de que desde a sua base os Direitos Humanos e o Direito Internacional dos Direitos Humanos se constituíram num sistema de “proteção”, de “defesa” e de “monitoramento”, sistema cujo ponto de partida é mesmo sua violação (as próprias palavras entre aspas só fazem sentido num contexto de violência).

Fala-se em Direitos Humanos quando eles não estão presentes. O mesmo se daria com “desenvolvimento”? Só pode haver desenvolvimento motivado por faltas? Estaria a idéia de *possibilidade* de desenvolvimento organicamente atrelada à conformação de uma situação social, política e econômica – à conformação de uma ordem “externa” – suficiente a que direitos fundamentais sejam efetivamente garantidos a todos e todas? Ou pode a própria “falta” ou a própria situação de “desrespeito aos Direitos Humanos” ser mesmo uma parte do desenvolvimento quando este é tomado como um processo?

Quando fala em “desenvolvimento humano”, o PNUD lança mão de dois outros conceitos: IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e ODM

(Objetivos de Desenvolvimento do Milênio), sem apresentar uma idéia fechada sobre a expressão. O IDH mede o nível de desenvolvimento humano dos países utilizando como critérios indicadores a *educação* (alfabetização e taxa de matrícula), a *longevidade* (esperança de vida ao nascer) e a *renda* (PIB per capita).

Especificamente para a avaliação da dimensão educação, o cálculo do IDH *municipal* considera dois indicadores com pesos diferentes. A taxa de alfabetização de pessoas acima de 15 anos de idade tem peso dois, e a taxa bruta de freqüência à escola, peso um. O primeiro indicador é o percentual de pessoas com mais de 15 anos (consideradas adultos alfabetizados) capaz de ler e escrever um bilhete simples – o calendário do Ministério da Educação indica que se a criança não se atrasar na escola, completará esse ciclo aos 14 anos de idade, daí a medição do analfabetismo a partir dos 15 anos. O segundo indicador é resultado da soma de pessoas, independentemente da idade, que freqüentam os cursos fundamental, médio e superior, dividido pela população na faixa etária de 7 a 22 anos da localidade. Estão também incluídos na conta os alunos de EJA (Educação de Jovens e Adultos), de classes de aceleração e de pós-graduação universitária. Apenas classes especiais de alfabetização são descartadas para efeito do cálculo.

Vê-se que os indicadores construídos para avaliar “educação” no IDH medem sumamente resultados, desconsiderando o desenvolvimento profissional do profissional da educação (escolar e universitária).

Já os ODM são oito objetivos destacados de um acordo entre os líderes de 189 países que, em setembro de 2000, firmaram um pacto (Declaração do Milênio) durante a Cúpula do Milênio promovida pela Organização das Nações Unidas, em Nova York. A Declaração do Milênio estabeleceu como prioridade eliminar a extrema pobreza e a fome do planeta até 2015 e, para isso, os oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio devem ser alcançados por meio de ações específicas de combate à fome e à pobreza, associadas à implementação de políticas de saúde, saneamento, educação, habitação, promoção da igualdade de gênero e

meio ambiente. Definiu-se, também, o estabelecimento de uma parceria global para buscar construir o desenvolvimento sustentável. Para cada um dos oito objetivos foram estabelecidas metas, num total de 18, que podem ser acompanhadas por um conjunto de 48 indicadores propostos por um grupo de especialistas do Secretariado das Nações Unidas, do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Para o PNUD⁶,

Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) apontam para algumas das áreas prioritárias que precisam ser abordadas para eliminar a extrema pobreza. Esses objetivos não constituem uma visão compreensiva do desenvolvimento, mas são marcos referenciais, que oferecem indicações claras sobre o avanço do desenvolvimento inclusivo e equitativo nas sociedades.

1.2.3 Desenvolvimento e Auto-Conhecimento

O termo “desenvolvimento”, quando contextualizado em temas sociais, jurídicos, econômicos, políticos – temas que reportam à esfera pública – não costuma incluir em sua conotação a dimensão individual daquele que é representado por e que compõe signos como “docente”, “educando”, “militante”, “sem-terra” etc. Parece existir mesmo uma dicotomia entre esses dois universos.

No entanto, tal dicotomia pode ser equivocada. Auto-conhecer-se pode ser parte integrante de “qualquer desenvolvimento” que se refira, em alguma instância, ao ser humano, esteja este localizado no espaço público ou no privado. Em sendo assim, projetos sociais, políticas públicas, militâncias que enxerguem no aprendizado sobre si mesmo uma

⁶ Relatório de Acompanhamento dos ODM. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/odm/index.php> Acessado em 13/10/2006.

etapa necessária de suas propostas e lutas, instauram novas práticas sociais que podem ser, inclusive, mais eficazes que as até aqui empreendidas. Parece-nos que a experiência do Sampabeagá é um exemplo de como a reflexão sobre si mesmo, o auto-questionar-se para identificação de “o que sou” e “o que não sou” tomou parte imprescindível no processo de desenvolvimento do próprio projeto.

1.3 Metodologia empregada

Para a realização desta sistematização, optou-se por produzi-la apenas pela autora em colaboração com Elie Ghanem, o gestor do projeto. Em momento seguinte, para dar validade à sistematização (que é instrumento, por excelência, de aprendizagem – especialmente por parte dos implicados na experiência – e produtor de conhecimento), seu produto será apresentado aos participantes do Sampabeagá de modo a ser objeto de reflexão crítica sobre a prática até aqui empreendida, podendo gerar, inclusive, uma avaliação do projeto.

A metodologia adotada baseia-se primordialmente em **diálogos** que aconteceram entre os seguintes atores/pessoas:

- Gestor do projeto e Equipe Técnica;
- Equipe técnica e docentes;
- Gestor do projeto e sua assistente (autora do presente trabalho).

Dentro dessa premissa (diálogo), realizaram-se as seguintes atividades: registros de reuniões de assessoria (encontros entre o gestor e a equipe técnica); conversas entre gestor e assistente; entrevistas com a equipe técnica e com o gestor.

2. Contexto do Sampabeagá

Muitos traços do que se entende por inovação escolar estão presentes na proposta do Sampabeagá – bem como, em sua execução, as mesmas dificuldades atestadas pela pesquisa de GHANEM se fizeram presentes – como os destacados neste trecho:

Para o Brasil e para outros países latino-americanos, várias tentativas de alterar a educação são intencionais para melhorar ambientes e práticas imediatas, não para alterar o sistema educacional. E várias tentativas de alteração deliberada para melhorar o sistema educacional querem integrar diferentes grupos no sistema sem solicitar ou aceitar as sugestões desses grupos. Assim sendo, faz sentido a idéia de que a tradição autoritária explica em parte a falta de abertura de sistemas à inovação (SEMINÁRIO: 1972:9). Os dados reunidos neste estudo sustentam que a tradição autoritária explica substancialmente a indisposição do sistema educacional brasileiro à inovação.

Com essa **tradição autoritária**, tem sido impossível reunir condições há muito tempo identificadas como necessárias a um sistema educacional que incorpora a inovação em sua dinâmica constitutiva: **a mínima distância entre planejador e executor, a participação de todos os grupos afetados no planejamento e controle, o suprimento de informação de várias fontes, os conflitos acolhidos como indicadores de necessidade de mudança, a recompensa a autores de idéias novas, a contínua reavaliação de metas, o trânsito flexível de funções e o incentivo a ações livres ou experimentais** (SEMINÁRIO, 1972:11-12).⁷ [*grifos nossos*]

Sobre as condições necessárias a inovações enumeradas no trecho, pode-se dizer sem exagero que o Sampabeagá procurou segui-las, ainda que circunstâncias específicas de cada cidade determinassem “adaptações”.

⁷ GHANEM, Elie. Op.cit., p. 400

Por exemplo, quanto à mínima distância entre planejador e executor. O trabalho de assessoria às equipes técnicas é mesmo um trabalho educativo, em que o assessor (gestor do projeto) prepara reuniões de assessoria, reflete sobre os conteúdos que já emergiram nos encontros, formula novas questões e participa dos debates. Ou seja, planeja e executa o projeto, ao lado da própria equipe técnica, que também executa as propostas acordadas nos encontros ao longo do período entre reuniões (que geralmente é de um mês e meio a dois).

Sobre a participação de todos os grupos afetados no planejamento e controle, um momento em que isso se deu de maneira bastante intensa foi o do acordo construído nas duas escolas em fazer o Sampabeagá. Em São Paulo, quando foi proposto à EMEF MMISS, o projeto deu continuidade a um diálogo que vinha desde o projeto Integrar pela Educação e que culminou na formulação do projeto Curuçá. No Curuçá, a experiência de criar em conjunto a proposta – elaborada por um grupo composto por pessoas representantes dos mais diversos interesses da comunidade de Vila Curuçá – já havia rendido aprendizados para os envolvidos, além de ter construído uma ponte que mais tarde seria importante para Ghanem com a escola MMISS para o desenvolvimento do Sampabeagá. O projeto Curuçá, nos moldes como se construiu, não conseguiu captar recursos suficientes, de modo que sua parte “realizável”, que não demandava muitos recursos financeiros, cabia justamente a Ghanem: a formação dos docentes durante o exercício profissional visando à renovação das práticas escolares. Propôs-se, então, estender o foco do que antes era uma parte do projeto Curuçá para um projeto próprio que, inclusive, ousasse na questão do “como” fazer a formação de docentes e da equipe técnica: haveria um intercâmbio entre MMISS, de São Paulo, e alguma outra escola de ensino fundamental que ainda não havia sido definida, em Belo Horizonte. O nome do projeto, “Sampabeagá”, se deu por conta desta idéia de intercâmbio, mas essas viagens não foram possíveis porque a captação de recursos financeiros para este fim não se efetivou. Houve um esforço por parte do gestor em manter “sampa” e “beagá” informadas sobre o que acontecia em uma e

em outras cidades, mas nos parece que foi insuficiente – já que boa parte dessas informações aconteciam via e-mail, meio de comunicação que se mostrou inadequado.

Em BH, essa continuidade de um trabalho de diálogo, de formulação conjunta, tal como se deu em São Paulo, não existiu. A escolha da escola mineira para fazer parte do Sampabeagá teve como critério o contato que a Tenente-Coronel Miriam Lima, amiga de Ghanem e, como ele, parte de uma rede de profissionais que atuam no setor social chamada Ashoka, tinha em algumas escolas públicas na periferia de Belo Horizonte. A Tenente-Coronel coordenava, na época, um projeto de economia solidária no bairro do Taquaril chamado “Cidadãos Planetários”, incubado na ONG Instituto Pauline Reichstul. Antes de propor à EMPAT, Ghanem passou por outras duas escolas, também indicadas pela Ten. Cel., em que expôs a idéia do Sampabeagá, em vão. O processo de apresentação do projeto na EMPAT baseou-se em várias reuniões durante o ano de 2004: primeiro com a direção, depois com a equipe técnica e, finalmente, com os docentes, num sábado em que havia, pelo calendário, reunião pedagógica de dois ciclos. Em todas as reuniões de apresentação do Sampabeagá procurou-se levantar interesses desses públicos para que o projeto os incorporasse.

Em se tratando de dificuldades, uma bastante clara, que expressa a referida tradição autoritária da educação pública brasileira, é o desenho administrativo da rede municipal nas duas cidades. A legislação educacional, especialmente referente a cronograma escolar e distribuição do tempo do docente no ano letivo, é um enorme obstáculo a que ele/ela encontre tempo e espaço para refletir sobre sua prática – situação que causa, no mínimo, perplexidade, especialmente por se tratar do ofício de educar. Na lei, o momento por excelência para esta atividade de reflexão sobre a própria prática é a chamada “reunião pedagógica”: em São Paulo, ela ocorre quatro vezes ao ano durante um período (algo em torno de quatro horas) e, para cumprir pauta própria, esses quatro encontros já são insuficientes – situação que retira a possibilidade de usar esse tempo para uma reunião do Sampabeagá com docentes, por exemplo. Em Belo

Horizonte, uma portaria recente da Prefeitura estabeleceu, para o ensino fundamental, algo semelhante a “hora extra” para o docente realizar reuniões pedagógicas quando lhe convier. Com isso, as oportunidades de encontros entre docentes para reflexão e troca de experiências sobre sua prática diminuem consideravelmente. Estas normas administrativas, que influenciam sobremaneira a qualidade da educação escolar, são postas a partir da Secretaria de Educação sem consulta prévia às direções das escolas, a suas equipes técnicas, a docentes e demais profissionais da unidade. Não rara, também, é a situação, como a da recente portaria que alterou o regime de reuniões pedagógicas em BH, em que a Administração Pública decide alterar o sistema de gestão escolar subitamente – o mesmo acontecendo quando a Administração decide realizar algum programa (como o Pós-Escola da cidade de São Paulo, implementado em 2006 pela gestão Serra) que segue determinada política pública que não ouviu seus maiores interessados, mas que altera absolutamente a dinâmica organizativa da unidade escolar, afetando a qualidade da educação nela praticada. No meio desta situação, sem tempo ou motivação para refletir sobre sua prática, o docente comparece a seu ofício – apenas ministrar a aula – e deixa a unidade escolar assim que termina seu dever, não raro seguindo imediatamente ao cumprimento de sua outra jornada, em outra unidade escolar.

Esta situação, bastante presente durante o projeto Sampabeagá nas duas escolas, leva a uma outra que é a alta rotatividade de docentes e de pessoas nos cargos técnicos da escola. Só nos dois anos de Sampabeagá, a diretoria da EMPAT mudou, fazendo com que a nova diretora embarcasse no projeto depois de toda a mobilização efetuada em 2004; a composição da coordenação pedagógica das duas escolas se alterou mais de três vezes, obrigando a um tipo de inclusão no processo de desenvolvimento do Sampabeagá que se resumiu ou a breves explicações que o gestor procurava dar durante as reuniões de assessoria – o que não foi suficiente, visto que, além de tais explicações não poderem durar mais que 20 minutos, já que a própria reunião, quase bimestral, durava 2 horas; ou a explicações variadas que cada membro da

equipe técnica dava, cada um com uma versão diferente sobre o foco do projeto – situação que, nos parece, pode ter contribuído para a sensação geral de desorientação acerca dos objetivos do Sampabeagá.

Dado esse panorama geral do projeto, aprofundaremos em alguns pontos que afloraram como questões-chave de seu processo de desenvolvimento.

2.1 Questões-chave

Em sua proposta, o Sampabeagá destacou três grandes orientações para seguir da Declaração Mundial de Educação para Todos (Jomtien, 1990):

- Apoiar-se em um conceito amplo de educação básica (inicia com o nascimento e ocorre ao longo de toda a vida);
- Centrar a educação na aprendizagem, potencializando-a ao fazer com que decorra de intervenções deliberadas nas realidades e da reflexão sobre estas intervenções;
- Educar para satisfazer necessidades básicas.

Estas orientações foram de alguma forma debatidas com as equipes técnicas nas reuniões, mas podem ter se situado em segundo plano por diversas vezes à medida que o projeto foi se realizando. Em muitas delas, questões operacionais se mostraram às equipes mais relevantes que o debate acerca da proposta de centrar a educação na aprendizagem, por exemplo. Não obstante, houve algumas pessoas que puderam enxergar as questões-chave que estão por trás do que se mostrou como simplesmente operacional, e, na visão do gestor, são as mesmas pessoas que escolheram embarcar no projeto por inteiro.

As questões-chave tiveram lugar no Sampabeagá não só nas reuniões de assessoria, mas nas atividades propostas à equipe para serem realizadas nos períodos entre reuniões, como, por exemplo, a de identificar

necessidades dos alunos – atividade proposta à EMPAT no encontro de junho de 2006 e que foi repetida no encontro seguinte (agosto). Destacamos as seguintes questões-chave do Sampabeagá, que se intercomunicam: educação como resposta a necessidades básicas dos implicados; ações de desenvolvimento profissional; diálogo entre agentes educativos internos e externos.

2.1.1 Educação como resposta a necessidades básicas dos implicados

Mudar o foco da educação escolar: do que docentes, coordenadores pedagógicos e direção supõem ser necessário ensinar para o que discentes e comunidade escolar efetivamente colocam como necessário, equilibrando-se esses dois pólos. É o que pretende esse tópico. “Implicados” na educação são todos esses públicos, que, para terem voz paritária na escola precisam, em primeiro lugar, querer ter essa voz. E para que isto aconteça, é necessário que haja uma reorientação cultural e pedagógica na educação escolar – se todos esses públicos enxergarem sentido nessa reorientação –de modo que a gestão escolar se abra à inclusão desses outros atores sociais. Esta situação, base do Sampabeagá, contrapõe-se à lógica da reforma educacional, que possui certas características como as que o trecho destaca:

(...) Entretanto, quase não se manifestam críticas quanto à visão que se tem de reforma educacional e quanto aos modos e processos de elaboração de políticas. Nestes, pode-se observar que:

- **Necessidades e expectativas das maiorias nos povos de nossos países são presumidas e estipuladas.**

- **Características e peculiaridades dos sistemas escolares são ignoradas.**
- **A experiência e as interpretações de docentes são desprezadas**

As reformas têm sido justificadas por discursos econômicos ingênuos ou cínicos e implantadas quase exclusivamente como processo de modernização administrativa de órgãos gestores e de escolas.⁸ [*grifo nosso*]

Esta lógica de reforma pode, compreensivelmente, ter sido confundida por alguns participantes do Sampabeagá como a lógica adotada pelo projeto, conforme se depreende de algumas falas, como este trecho da entrevista com o coordenador Cícero Neves Filho:

Como você estava falando aqui, o grupo daqui “tem empreendido projetos próprios sem interferência de consultoria”.. Você considera o projeto Sampabeagá como uma consultoria?

Veja bem, tudo o que vem por fora, que tem um acompanhamento, é uma consultoria.

Você encara que essa é uma coisa que veio de fora...?

Veja bem, você não pertence à escola, ao quadro; o outro também não pertence à escola. Isso quer dizer que nós não vamos fechar as portas para vocês, porque a idéia é bem-vinda, mas todas as idéias que chegam fora do núcleo da escola é uma consultoria. Você sugeriu, p.ex, um pai sugeriu – não, o pai não porque o pai faz parte da comunidade escolar, o pai, o vizinho, o bairro, faz parte da comunidade escolar –, agora, você é de São Paulo, o outro lá é lá do bairro do Estoril, se ele vem pra cá e fala “quero te dar uma idéia”, eu vou ouvir a idéia, mas ...

⁸ GHANEM, Elie. **Para quem quer mudar o mundo** - Interrogações a partir da educação na América Latina e Caribe. Texto produzido para o “Encontro de Fellows da Ashoka”, em julho de 2006.

Ao mesmo tempo, corroborando a reorientação pedagógica como uma quebra total de concepção de educação escolar, Ivana Lott, outra coordenadora pedagógica da EMPAT, comentou a experiência propiciada pelo Sampabeagá⁹:

(...) É uma desconstrução. Essa semana a gente conversou mesmo sobre quais são as necessidades dos alunos, e como detectar essas necessidades, ele [o gestor] jogou primeiro essa pergunta: “como detectar necessidades”. Eu passei um mês pensando nessa pergunta, eu não tive resposta pra ela... E quando ele chegou, eu continuei sem resposta. Porque na verdade, a gente já tem uma concepção de educação e o que ele está fazendo conosco, e eu já falei pra ele que eu estou sofrendo muito, ele está destruindo essa concepção de educação pra construir uma nova. Eu acho legal, muito bom, e tem mexido muito com a cabeça da gente. É um conflito, às vezes, entre o que a gente pretende e a prática que a gente tem, as coisas se chocam, as duas coisas se encontram e até nem combinam às vezes...

2.1.2 Ações de desenvolvimento profissional

O Sampabeagá propõe que todas as ações de desenvolvimento profissional aconteçam durante o exercício profissional dos docentes e da equipe técnica, fazendo contraponto à participação em cursos fora dos horários de trabalho. A equipe técnica tem papel fundamental nessa situação, uma vez que lhe cabe apoiar essas ações como co-responsável pelo desenvolvimento profissional dos docentes. Esta proposta, ao mesmo tempo em que é “conteúdo” do projeto Sampabeagá, é também sua metodologia, à medida que o projeto foca seu trabalho na equipe técnica, colocando-a como mediadora *do processo de formação que é o próprio Sampabeagá*. Em uma das conversas com a assistente, o gestor afirmou que a intenção das reuniões de assessoria é que elas se

⁹ Vide entrevistas completas no item 3.2 desta sistematização.

reproduzam na relação equipe técnica/docentes, respeitando o binômio apoio/liberdade que deve existir nesta co-responsabilidade pelo desenvolvimento dos docentes – daí, também, a inovação educacional se legitima, posto que parte de dentro da escola, por meio da equipe técnica. Sobre este propósito, o projeto tem buscado concentrar sua atuação no fortalecimento da equipe, procurando incentivar a criação de laços de trabalho capazes de definir a atuação daquele grupo efetivamente como uma “equipe” – o mesmo se dando com a classificação “técnica”. Obviamente, são várias as dificuldades em se arquitetar esse trabalho da “equipe” como “equipe técnica”, e isto foi antecipado pelo projeto – tanto gestor como a própria equipe por vezes apontaram obstáculos ao desenvolvimento da proposta, apesar de esses obstáculos mais “visíveis” serem de ordem administrativo-operacional (alguns já foram mencionados, como o desenho administrativo da escola de educação básica e fundamental). Entretanto, outras questões influenciam consideravelmente a configuração do grupo como equipe técnica, questões de caráter subjetivo, que dizem respeito mais à escolha de cada pessoa em participar da proposta feita pelo projeto, priorizando suas atividades. Com relação a estas circunstâncias, a coordenadora de EJA (Educação de Jovens e Adultos) Zulma Canutto comenta:

.. Essa coisa de organizar, então, acho que a gente teria que priorizar o projeto [não priorizam pois, segundo Zulma, há muitas outras coisas a fazer]. Então acho que deixa a desejar um pouco nesse aspecto da gente formar uma equipe mesmo e tocar pra frente... Acho que fica mais nas iniciativas individuais.. Não está assim um grupo, né, eu procuro fazer, tem uns “para casa” que eu procuro fazer, mas aí às vezes não deu tempo de o pessoal fazer porque é um tempo doido essa coisa de escola: a gente se programa mas nunca dá pra cumprir. Mas tem que esforçar.

2.1.3 Diálogo entre agentes educativos internos e externos

A premissa do diálogo proposto pelo projeto segue a concepção de educação em sentido amplo, em que todos os seres humanos são educadores e aprendizes. Assim, além da questão do fortalecimento da equipe técnica (sua co-responsabilidade por seu desenvolvimento profissional e o de docentes e sua posição de “mediadora” de processos de inovação educacional), a formação profissional inclui identificação de ofertas de formação na própria comunidade do entorno da unidade escolar. Esse é um dos elos propostos pelo projeto para unir o desenvolvimento profissional dos que trabalham na escola ao desenvolvimento local. Apesar de ter esse elo ficado claro ou não para as equipes técnicas trabalhadas, o fato é que atividades de reconhecimento da comunidade e de levantamento de oportunidades no entorno foram realizadas com a participação de boa parte do corpo docente das duas escolas. Na MMISS, em São Paulo, as visitas a lugares previamente selecionados pelos docentes (houve uma pesquisa de opinião que levantou mais de 20 lugares na comunidade que poderiam ser visitados) tiveram a adesão de mais de 30 professores e professoras, que foram ao Posto de Saúde, a um lar de idosos chamado “Casa do Ancião” e a uma escola para deficientes auditivos, “Instituto Severino Fabriani (Escola para Crianças Surdas do Jd. Nazaré)”. A partir dessa atividade, realizada em setembro de 2005, docentes e equipe técnica deram as seguintes sugestões: fazer atividade semelhante à que foi feita no Posto de Saúde envolvendo os alunos de EJA (Suplência); desenvolver ações que integrem a escola às instituições visitadas¹⁰.

Também, um bom indício de que o diálogo proposto tem ressonância em parte dos profissionais da EMPAT é o que tem acontecido desde meados de abril de 2006: professores/as, alunos/as, ex-alunos/as e alguns moradores do Taquaril e região que não têm vínculo formal com a escola, têm organizado juntos oficinas de diversas atividades (como desenho artístico, bombom, fabricação de bijuteria etc), em que são ora educadores (oficineiros), ora educandos. Segundo o coordenador pedagógico da manhã Cícero, a iniciativa nasceu no bojo da escola, mas

¹⁰ Vide tabulação dessa experiência no item 3.1.1, “X”.

ele se responsabilizou por organizá-las. Várias dessas oficinas são propostas e realizadas pelos/as próprios alunos/as. Cícero comenta, situando na história da EMPAT essa abertura da escola em integrar as oficinas como práticas educativas que ocorrem nos horários de aula:

Nos 6 anos que estou aqui, as ações pedagógicas que estamos tendo esse ano, não é porque a outra não dava conta não [outra diretora], porque a outra era boa, acho que o grupo é que ainda não tinha maturidade para aceitar, talvez seja isso. Então você percebe o seguinte, nós temos um cronograma aqui, temos um calendário, você sabe o que vai acontecer, isso é uma concepção que você passa para os professores e nada é de improviso. E olha que nós não temos reunião pedagógica, infelizmente – a prefeitura cortou isso. Talvez esses jogos pedagógicos não saíram porque não adianta eu montar as coisas, eu estou chamando o professor, conversando com ele pra ele ter uma idéia mas não adianta... A primeira pessoa de uma escola, querendo ou não, são os professores, somos nós professores, não tem jeito... Se você não motivar o professor, se você não demonstrar sua importância, eu mesmo aqui, em várias conversas com professor, eles disseram “eu não vou fazer isso não por várias razões, por isso, isso e isso...”. Hoje já não, “ó, vou fazer”, estão topando.. Então tem toda essa discussão.

2.2 Em que pé estamos?

Até outubro de 2006 (data de produção desta sistematização), a situação do Sampabeagá era a seguinte:

Na EMEF Madre Imilda do Santíssimo Sacramento, MMISS, em São Paulo, a última reunião de assessoria se deu em 24 de janeiro de 2006, antes do início do ano letivo.

Por depoimentos da equipe técnica da MMISS, uma das situações objetivas que parecem ter colaborado para o distanciamento em relação

ao projeto Sampabeagá foi a adesão ao programa de pós-escola “São Paulo é uma Escola”, da prefeitura de São Paulo, que dobrou o período de determinados ciclos. A permanência de alunos/as além do tempo de aula forçou uma reorganização da administração escolar, reduzindo ainda mais os momentos de encontros para reflexão sobre práticas educativas (entre esses momentos, os das reuniões de assessoria.) A esse propósito, não se conseguiu agendar entrevistas para esta sistematização com a equipe técnica da escola MMISS.

Outra situação que contribuiu para esse afastamento foi a greve de professores da rede municipal ocorrida entre março e abril desse ano e que foi a maior paralisação desde 1987 – a greve durou 17 dias.

O gestor tentou estabelecer contato com a escola, mas não conseguiu.

Na EMEF Professora Alcida Torres, em Belo Horizonte, houve três reuniões neste ano e há uma próxima agendada para o dia 25 de outubro. Neste mês há eleições internas para diretoria e coordenação pedagógica. Quando perguntada sobre a continuidade do Sampabeagá frente à possibilidade de renovação da equipe ou da direção, Regina, a atual diretora, respondeu:

Então eu acredito que ele vá continuar. A gente tem é de ser mais objetivo daqui pra frente pra dar mais encaminhamento e até mesmo essa continuidade da gente na direção é porque tem muita proposta ainda que a gente não acabou, uma delas é o Sampabeagá.. Claro que projetos não têm fim, alguém tem que dar uma continuidade, eles mudam os rumos, mas não acabam, principalmente esse que é um projeto a longo prazo mesmo, pra dar certo, é um projeto que tem que ter mais pessoas envolvidas, né?, e que ainda é bebê pra mim...

A coordenadora Ivana parece concordar, afirmando, quando questionada se sem o gestor o projeto tinha condições de se sustentar:

Sem ele o projeto não vai pra frente?

(silêncio). Não sei... A idéia está plantada, principalmente essa coisa do conversar está plantado, e eu acho que isso aí já é um passo bom, e essa questão de estar próximo da realidade dos meninos está bem plantada. Agora, se vai parar, eu acredito que não... Parar não para não, talvez não chame mais Sampabeagá, talvez chame só Taquaril... Porque é trabalhar uma realidade nossa.

3. Descrição da experiência

A descrição do projeto em sua proposta escrita¹¹ é lógica, factível e, de certa forma, simples, na qual se encadeiam desenvolvimento profissional e desenvolvimento local, identificação, priorização, elaboração e implementação de ações que respondam às necessidades identificadas e priorizadas das pessoas implicadas na educação, arrematadas pela democratização da gestão escolar:

O problema a que este projeto pretende responder é o fraco envolvimento da educação escolar em iniciativas de desenvolvimento de comunidades locais. Porém, a atuação articulada com escola exige também uma profunda reorientação da educação escolar. Essa reorientação, por sua vez, depende essencialmente do engajamento dos profissionais da escola. Por questão de coerência, as iniciativas de desenvolvimento local precisam contar com práticas formativas que ofereçam estímulo e apoio àqueles profissionais, especialmente técnicos e docentes.

O propósito de desenvolvimento local, além disso, determina que se adote uma concepção ampla de educação e que as práticas formativas de profissionais dessa área se orientem para: a) identificação e priorização de das necessidades das pessoas implicadas na educação (a começar dos profissionais, dos educandos e de seus familiares); b) elaboração e implementação de ações que respondam às necessidades identificadas e priorizadas.

¹¹ Vide documento na íntegra no Anexo 1.

Práticas educativas nessa perspectiva precisam constituir-se, ao mesmo tempo, como processos abertos de tomada de decisões, ou seja, de gestão da educação. Requer-se, portanto, praticar a democratização da gestão escolar de modo a viabilizar a implementação de uma educação com significado amplo, dedicada efetivamente ao desenvolvimento das comunidades com as quais interagem as escolas.

Vê-se que a proposta antecipou resultados que podem levar anos para se atingir – se é que serão atingidos. Da mesma forma, o encadeamento de situações, a descrição do “como” (a execução do projeto) é clara e simples. Mas é na simplicidade que, paradoxalmente, se escondem as maiores dificuldades. “Simples e difícil”, é o que o gestor costuma dizer.

Quando da proposição do projeto, já se contava com a presença de muitas das dificuldades, fruto da experiência anterior do gestor com projetos de novos sentidos para a educação implantados em escolas públicas. Fatores como o desenho administrativo da educação escolar municipal e estadual, a carga de jornada que cada docente escolhe ter (muitos trabalham nos três turnos em escolas diferentes), os reduzidos momentos para a realização das reuniões pedagógicas, todas essas situações já foram consideradas na redação do projeto. A *execução* da idéia trouxe, naturalmente, aspectos imprevisíveis – e “invisíveis” – que podem ter determinado o encaminhamento do projeto – e que, por vezes, foram ou são encarados como obstáculos a esse encaminhamento, seja por parte da equipe, seja pelo gestor. Não seria exagerado afirmar que fatores que se incluem nas searas da “vontade” de experimentar a proposta, da “motivação” para nela prosseguir, da “identificação” com o projeto podem ter tido peso maior na determinação de certos caminhos que o projeto seguiu numa escola e em outra do que as circunstâncias objetivas, de contexto da educação escolar brasileira. A propósito, quando perguntado sobre que lugar o Sampabeagá teria para as equipes técnicas trabalhadas, o gestor respondeu: “o projeto é totalmente marginal!”.

Seguindo essa idéia, nos parece claro que o desenrolar do projeto, seu *desenvolvimento*, segue, essencialmente, um caminho *descontínuo*, ora avançando, ora retrocedendo – e, nesse *processo*, o fator “tempo” para “medir resultados” é irrelevante. Sobre esse ponto vista, de ser o desenvolvimento – humano, profissional, de iniciativas sociais – um processo, e sobre como empreender um projeto a partir dessa visão, algumas palavras que nos parecem providenciais:

Mas como aprender a se manter centrado, a fim de enxergar o mundo e conseguir intervir sobre ele, mesmo em meio ao movimento, à contradição e à confusão? Primeiro, temos de aprender a enxergar o processo em si, o que significa enxergar o invisível, apreciar o todo subjacente. Ver todo o sistema como um só ser, em vez de focalizar cada parte componente. Depois, precisamos aprender a compreender os padrões arquetípicos que permeiam o processo humano e social e, por outro lado, a ler a unicidade dos caminhos individuais que se manifestam através desses padrões arquetípicos. Todos eles – padrões e caminhos – invisíveis. Em seguida, temos de integrar a disciplina da intervenção a esses processos sociais, para que ela se torne uma prática familiar; rigorosa, mas flexível. Estar centrado, estar auto-consciente, significa se sentir à vontade com a noção de vazio. Não significa se abarrotar de opiniões, informações e soluções de especialistas, mas sim se esvaziar, para permitir que o processo do próprio organismo social evolua com integridade e justiça. **O novo nasce sozinho, não é criado. A única aspiração que podemos ter é a de criar as condições favoráveis para que ele nasça**¹². [*grifos nossos*]

A experiência do projeto reunida até agora mostrou que a premissa do encadeamento de *processos* de desenvolvimento *distintos* que integram a proposta não necessariamente é válida quando ela é posta em prática. Nesse sentido, talvez, a própria proposta ateste o caráter experimental do projeto, quando coloca que:

¹² KAPLAN, Allan. **Artistas do Invisível**: o processo social e o profissional do desenvolvimento. Ed. Peirópolis e Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social. São Paulo: 2005. pp 23-24.

Os modos de realizar esse tipo de perspectiva educacional se insinuam em muitas situações e lugares e requerem observação atenta, reflexão, muita experimentação e, sobretudo, muito diálogo e cooperação. Na Zona Leste do município de São Paulo, aproveitam-se os resultados da atuação concentrada nos últimos quatro anos [*refere-se aos projetos Raiz e Integrar pela Educação*] como base para a elaboração e implementação de projetos educativos, centrados nas gerações mais jovens como animadoras e, ao mesmo tempo, como aprendizes.

A seguir, serão apresentados, na íntegra, registros das reuniões de assessoria realizadas até agosto de 2006 (data do último encontro na EMPAT), cuja redação coube essencialmente ao gestor. Também será apresentada a transcrição, editada, das entrevistas feitas com membros da equipe técnica da EMPAT. Mais à frente, no item 4, há reflexões sobre este material.

3.1 Registros das reuniões de assessoria (2005-2006)

Desde o início do projeto, o gestor tomou para si o papel central de movimentar a comunicação nos períodos entre reuniões (períodos em que a equipe técnica realiza as tarefas propostas o que, em BH, denominaram “para casa”, que é o modo como lá chamam a lição de casa). Os agendamentos de encontros geralmente se dão nas reuniões anteriores e, quando se está próximo à data marcada, o gestor entra em contato via e-mail ou telefone com a escola a fim de confirmar o encontro.

A “reunião-padrão” de assessoria se dá da mesma forma nas duas escolas: com atrasos dos participantes, faltas (o que, dado o espaçamento entre reuniões, deixa quem faltou bastante à parte do andamento das atividades), muitas interrupções – apesar de as reuniões serem marcadas em horários de intervalo entre um turno e outro ou fora dos turnos em que aqueles membros da equipe não trabalham – e

repetição sistemática sobre o que é o projeto Sampabeagá a todo novo integrante da equipe ou a quem faltou em reuniões anteriores.

3.1.1 São Paulo: EMEF Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento

I. Reunião de assessoria - 27/4/5

Presentes: Elie Ghanem elie@usp.br; Enildo de Souza Lima enildosou@pop.com.br; Rosane Gomes Rodrigues de Matos Oliveira ro.gomesmatos@ig.com.br; Vera Maria de Souza veramsou@ig.com.br

Foi feita leitura e comentários sobre o projeto Sampabeaga, a ser apresentado para solicitação de recursos junto ao Fundo de Cultura e Extensão Universitária da USP. Combinou-se de enviá-lo tal como está formulado.

As pessoas presentes informaram sobre a composição da equipe técnica:

- 1.Vera Maria de Souza (diretora)
- 2.Rosane Gomes Rodrigues de Matos Oliveira (assistente de direção)
- 3.Joana Gomes Ribeiro Francisco (auxiliar de direção)
- 4.Sandra Carvalho Batista (auxiliar de direção)
- 5.Luci Oliboni Baio (auxiliar de direção)
- 6.Irene Aparecida N. Oliveira (auxiliar de direção)
- 7.Enildo de Souza Lima (coordenador pedagógico)
- 8.Ana Paula Notaroberto Custódio Silva (coordenadora pedagógica)

As demais integrantes que não estavam presentes à reunião serão convidadas para as atividades de assessoria, conforme proposto no projeto Sampabeaga.

Definiram-se tarefas, recomendando-se informar sobre seu andamento até 18/5/5:

- 1.Fazer ampla lista de ofertas de formação para docentes (encarregados: Vera M. Souza e Enildo S. Lima)
- 2.Fazer lista de possíveis duplas de conversa entre profissionais técnico-docente (encarregada: Rosane G. R. M. Oliveira)
- 3.Fazer ampla lista de quem atua ou atuaria na Vila Curuçá (encarregada: Joana G. R. Francisco)
- 4.Convidar toda a equipe técnica para as atividades de assessoria (encarregada: Vera M. Souza)
- 5.Reunir subsídios de análises e informações para realização do projeto Sampabeaga (encarregado: Elie Ghanem)

Próxima reunião de assessoria: 3/6/5, 17h30 às 19h30. Pauta: tarefas executadas e uso de seus resultados; agendamento de reuniões de assessoria.

II. Carta enviada à USP com intenção de transformar o Sampabeagá em projeto de extensão universitária (uma das tentativas de captar recursos)

São Paulo, 16 de maio de 2005.

Feusp

EDF-Departamento de Filosofia da

Educação e Ciências da Educação

a/c Prof. José Sérgio Fonseca de Carvalho (Chefe do EDF)

Prezado professor,

Encaminho anexo projeto de extensão universitária a ser submetido à apreciação de V.Sa., bem como do Conselho do EDF, para avaliação e posterior encaminhamento à Comissão de Cultura e Extensão Universitária da Feusp.

Atenciosamente,

Prof. Elie Ghanem

Feusp-EDF

III. Reunião de assessoria - 3/6/5

Escola Municipal de Ensino Fundamental Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento

Presentes: Ana Paula Notaroberto Custódio Silva

paulanotaroberto@hotmail.com; Elie Ghanem elie@usp.br; Enildo de

Souza Lima enildosou@pop.com.br; Irene Aparecida Nascimento de

Oliveira Lima; Joana Gomes Ribeiro Francisco

jo_ana2003_1@yahoo.com.br; Luci Oliboni Baio; Rosane Gomes

Rodrigues de Matos Oliveira ro.gomesmatos@ig.com.br; Sandra Carvalho Batista ardnascar@bol.com.br e n.som@ig.com.br; Vera Maria de Souza veramsou@ig.com.br e memariaimilda@ig.com.br.

Foi resumido oralmente e comentado o projeto Sampabeaga, a ser apresentado para solicitação de recursos junto ao Fundo de Cultura e Extensão Universitária da USP.

As pessoas presentes se posicionaram favoravelmente à participação no projeto e à sua realização tal como proposto no texto.

Foi relido o informe da reunião de assessoria com equipe técnica de 27/4/5. Das tarefas previstas, acertou-se:

1.Fazer ampla lista de ofertas de formação para docentes (encarregado: Enildo S. Lima). Tarefa iniciada e lista apresentada. Enildo S. Lima encarregou-se de fazer acréscimos à lista inicial e enviar ao grupo até 20/6/5.

2.Fazer lista de possíveis duplas de conversa entre profissionais técnico-docente (encarregada: Rosane G. R. M. Oliveira). Tarefa a ser realizada.

3.Fazer ampla lista de quem atua ou atuaria na Vila Curuçá (encarregada: Joana G. R. Francisco). Tarefa a ser realizada.

4.Convidar toda a equipe técnica para as atividades de assessoria (encarregada: Vera M. Souza). Tarefa realizada.

5.Reunir subsídios de análises e informações para realização do projeto Sampabeaga (encarregado: Elie Ghanem). Tarefa a ser realizada.

Próxima reunião de assessoria: 1/7/5, 18h às 20h. Pauta: tarefas executadas e uso de seus resultados; agendamento de reuniões de assessoria.

IV. E-mail e documento contendo levantamento sobre espaços de formação na comunidade de Vila Curuçá

São Paulo, 29 de junho de 2005.

Caríssimo prof. Enildo de Souza Lima,

Obrigado pelo envio. Vamos ampliar a lista aos poucos e utilizá-la.

Abração!

Elie Ghanem (professor)

29/6/5

Assunto: ESPAÇOS DE FORMAÇÃO

Prioridade: Alta

Senhor Elie

Não foi possível recolher as contribuições dos demais colegas. Encaminho o que ainda, e a "primeira versão da lista"

Obrigado

ENILDO DE SOUZA LIMA

ESPAÇOS DE FORMAÇÃO

- UNIVERSIDADES - USP, UMC, UNICID, UNIVERSIDADE DE GUARULHOS, SÃO JUDAS, CRUZEIRO DO SUL, UNIARARAS (Curso Itaim Paulista)
- BIBLIOTECAS - (vide relação)
- SALA DE LEITURA DA UNIDADE ESCOLAR (Há um acervo específico de obras pedagógicas)
- TELECENTROS - Unidade de Vila Curuçá e Jardim Helena
- CONSELHOS TUTELARES - Itaim/Vila Curuçá, Distrito Jd. Helena e Municipal
- ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS: Casa de Isabel, Associação de Mulheres da Zona Leste (AMZOL), Associação Cultural Recreativa Itaim e Parque Paulistano (ACRIPA)
- SINDICATOS - SINPEEM, APROFEM e APEOESP
- CENTROS EDUCACIONAIS UNIFICADOS - (CEU) - Parque Veredas, Vila Curuçá e São Carlos
- FORUM DE EDUCAÇÃO DA ZONA LESTE
- LIVRARIAS - Nobel (Shopping Penha e Shopping Tatuapé) e Siciliano

- CINEMAS - Shopping Itaim, Shopping Penha, Aricanduva e Tatuapé
- SEBO - Itaim: Rua Barão de Alagoas; São Miguel: Rua Salvador de Medeiros
- VÍDEO-LOCADORA - "A Poderosa", New Holiday, Cláudia (São Miguel), Top Gun
- PASTORAL DA CRIANÇA; Grupo Jardim Robrú e Grupo Vila Mara
- ASSOCIAÇÃO SEMENTE: trabalho de recuperação de pessoas em situação de drogadição e alcoolismo
- ENTIDADE 'AÇÃO E VIDA'
- PESSOAS QUE EXERCEM PAPEL DE LIDERANÇA NA COMUNIDADE
- IGREJA: Paróquia Nossa Sra. De Fátima, Igreja Batista, Igreja Metodista e Igreja Presbiteriana
- SESC ITAQUERA
- CASA ESPERANÇA
- UBS Vila Curuçá - Enfermeira Sionéis e UBS Itaim - Ass. Social Ivone

V. E-mail e documento sobre levantamento de organizações atuantes na Vila Curuçá, de 26 de julho de 2005

São Paulo, 26 de julho de 2005.

Graaaaaaaaaande Joana!

Você é demais. As colegas receberam também? Anote o e-mail da Luci: lobaio@uol.com.br

Estou copiando esta mensagem para ela.

Beijão!

--

Elie Ghanem (professor)

Faculdade de Educação da USP

Avenida da Universidade 308 Cidade Universitária

05508-900 São Paulo SP

Citando Joana grf <jo_ana2003_1@yahoo.com.br>:

> Lista de quem atua ou atuaria na Vila Curuçá

Escolas Particulares:

Colégio S. Francisco R. Benjamim Capusso 296 F. 6135 5640

Colégio San'Antonio Luckesi Av. Guaraitá, 1128 V. Curuçá F. 6511 4619
Colégio Zeus R. Espírito Santo do Dourado 139 F. 6584 3776

Escolas Estaduais

EE. José Borges Andrade (Diretor Eugênio e Vice-Diretora Zaíra) R. Rainha Margarida 20 F. 6135 4955

EE. Pedro Viriato Parigot de Souza, Eng^o (Diretora Vania) R. Benjamim Capusso 6 F. 6135 5677

EE. Siquichi Agari (Diretora Juleni) R. João Maximiano Mafra 351 F. 6135 4466

Escolas Municipais

CEU Curuçá

EMEF José Honório Rodrigues (Diretor Mauro e Ass. Dir. Vanda)

EMEF Madre Maria Imilda do SS. Sacramento (Diretora Vera e Ass. Dir. Rosane) R. Gendiroba 210 F. 6584 5448

EMEI Graciliano Ramos (Diretora Marta)

Creches

Creche V. Curuçá

Creche Curuçá II

Telecentro

Clube Curuçá

Igreja Nossa Senhora de Fátima (Católica Romana)

Igreja Santo Antonio (Católica Brasileira)

Asilo "Casa do Ancião"

Centro Espírita Bezerra de Meneses

Centro de Saúde da V. Curuçá (SUS)

Centro de Reciclagem de lixo

Parque Chico Mendes

Fábrica de Leite Gege

Comércios

Padarias (Rosa de Saron, Nova Clara,...)

Mercadinhos (Nishikawa, Barros,...)

Supermercados (Nagumo)
Farmácias
Açougues
Bazares/Armarinhos
Correio
Pizzarias
> Postos de Gasolina
> Quitandas
> Salão de Cabeleireiros
> Prestadores de Serviços
> Consultórios (Dentistas e Psicólogos)
> Casa Lotéricas
> Vídeo Locadoras
> Loja de Artigos para Animais
> Oficinas de Carros (Bruma)
> Distribuidora da Yakult
> Imobiliárias
> Advocacias
> Fábricas de Produtos de Limpeza
> Fábrica de Rodos, Vassouras, etc...
> MAKRO
> ATACADÃO

VI. Reunião de assessoria - 1/7/2005

Presentes: Ana Paula Notaroberto Custódio Silva
paulanotaroberto@hotmail.com; Elie Ghanem elie@usp.br; Enildo de Souza Lima enildosou@pop.com.br; Irene Aparecida Nascimento de Oliveira Lima; Luci Oliboni Baio; Rosane Gomes Rodrigues de Matos Oliveira ro.gomesmatos@ig.com.br;

Ausentes: Joana Gomes Ribeiro Francisco jo_ana2003_1@yahoo.com.br; Sandra Carvalho Batista ardnascar@bol.com.br e n.som@ig.com.br; Vera Maria de Souza veramsou@ig.com.br e memariaimilda@ig.com.br.

Luci O. Baio encarregou-se de providenciar endereço eletrônico para si mesma e para Irene A. N. O. Lima.

Retomou-se a finalidade de elaborar as três listas - de ofertas de formação para docentes, de possíveis duplas de conversa entre

profissionais técnico-docente e de quem atua ou atuaria na Vila Curuçá – e a relação entre elas.

Rosane G. R. M. Oliveira apresentou proposta que havia elaborado de possíveis duplas de conversa, a partir da qual definiu-se:

Cada um dos oito integrantes da equipe técnica se encarregará de conversar com onze docentes. Rosane Oliveira combinará com cada integrante quem serão os respectivos onze.

Cada integrante da equipe técnica conversará com cinco docentes numa semana e com seis na outra, no máximo.

Para as conversas, será usado primeiro o “horário individual” e, neste, será proposto o uso do horário de aula.

Para uso do horário de aula, será preciso elaborar uma atividade educativa que ocorrerá com os alunos simultaneamente.

A conversa será a mais livre possível, em torno do trabalho proposto com as turmas e o andamento de sua realização.

Com base nas primeiras conversas, a equipe técnica formulará propostas de orientação das conversas futuras.

Cada docente com quem a integrante da equipe técnica pretende manter conversas em duplas será convidado(a) individualmente, com uma explicação sobre o projeto Sampabeaga, cuja implementação a equipe técnica está iniciando. Na ocasião do convite, será entregue cópia do texto do projeto para ser lido com calma e será marcada a primeira conversa, na qual se tratará primeiro do próprio projeto.

Para as conversas em duplas, considerar-se-á que: Luci Baio faz TEX (8h/aula/semana); Sandra Batista, Joana Francisco e Irene Lima fazem 3h/atividade/semana; as demais pessoas da equipe técnica fazem 40h/semana.

É preciso examinar as tarefas oficialmente estabelecidas para auxiliar de direção a fim de reinterpretá-las e redistribuí-las. Rosane Oliveira fornecerá texto oficial e o tema será pautado.

Quanto à lista ampla de quem atua ou atuaria na Vila Curuçá, considerou-se conveniente que integrantes da equipe técnica adiantem os contatos sempre que possível.

Elie Ghanem ficou encarregado de enviar texto resumo do livro de Jaume Carbonell.

Próxima reunião de assessoria: 27/7/5, 8h30 às 11h. Pauta: tarefas executadas e uso de seus resultados; detalhamento de propostas.

VII. Reunião de assessoria - 27/7/5

Presentes: Ana Paula Notaroberto Custódio Silva
paulanotaroberto@hotmail.com; Elie Ghanem elie@usp.br; Enildo de Souza Lima enildosou@pop.com.br;; Joana Gomes Ribeiro Francisco

jo_ana2003_1@yahoo.com.br; Luci Oliboni Baio lobaio@uol.com.br ;
Rosane Gomes Rodrigues de Matos Oliveira ro.gomesmatos@ig.com.br;
Sandra Carvalho Batista ardnascar@bol.com.br e n.som@ig.com.br; Vera
Maria de Souza veramsou@ig.com.br e memariaimilda@ig.com.br.

Visitante: Ana Beatriz Terra (Be-a-Ba do Cidadão) biaterra@uol.com.br

Ana Beatriz Terra visitou a Escola Madre Imilda por sugestão de Elie Ghanem, para conhecer a equipe técnica e apresentar o trabalho da organização não governamental Be-a-Ba do Cidadão, tendo em vista possibilidades de atuação conjunta. Ana Beatriz informou que o trabalho de seu grupo começou como um projeto de alunos de Direito da PUC-SP, pelo qual se elaboraram cartilhas sobre direitos (ambientais, do consumidor etc.) para a distribuição em escolas. Um dos projetos atuais do Be-a-Ba do Cidadão se chama Direito na Escola, com atividades uma hora e meia por semana com alunos, tratando de vários temas: existência do Estado, seu funcionamento, eficiência, os três poderes, democracia participativa e direitos específicos (educação inclusiva, segurança pública etc.). Esse trabalho foi experimentado no segundo semestre de 2004 em escola municipal do Sapopemba, com duas turmas de oitava série e duas de sétima. Os primeiros três meses são mais informativos e, depois, passa-se a pensar com os alunos sobre projetos de intervenção em problemas da escola ou de seu entorno e sobre formas de encaminhamento e solução. Uma grande dificuldade da proposta é que requer grande envolvimento de alunos e docentes, já que as integrantes do Be-a-ba passam a manter contatos a distância. Não encontraram a cooperação necessária de docentes porque não trataram desse aspecto referente ao seu envolvimento e não haviam ainda percebido o quanto era importante. Devem iniciar o trabalho com uma escola no Ipiranga e com um grupo participante do projeto Agente Jovem (Freguesia do Ó). Mas ainda pretendem definir uma região para concentrar o trabalho.

Levantou-se uma possibilidade de aproveitar o trabalho do Be-a-Ba com alunos de educação de jovens e adultos da Escola Madre Imilda, que parecem precisar de um incentivo especial. Por exemplo, atuar junto com docentes de ciências quanto a temas ambientais e com docentes de história quanto a outros direitos.

Luci Baio ressaltou que os alunos estão mais ligados à afirmação de seus direitos em prejuízo de seus deveres, afirmação de direito a não fazer lição, a bagunçar em sala de aula etc.

Elie Ghanem propôs elaborar-se uma oficina sobre deveres de crianças a se realizar com adultos (docentes e outros funcionários, familiares de alunos). Essa elaboração precisaria ser programada. Sobre o assunto, Ganem propôs-se enviar texto de entrevista com François Dubet.

Luci Baio levantou também a possibilidade de se fazer uma seleção de livros relacionados aos temas do projeto Sampabeaga para uso de docentes. Essa biblioteca já começou a ser montada com doações de Elie Ghanem, cujos títulos estão sendo organizados e relacionados em uma lista para divulgação e uso de docentes.

Joana G. R. Francisco encarregou-se de enviar, em agosto, por correio eletrônico, ao conjunto da equipe técnica, a lista que iniciou a elaborar sobre quem atua ou atuaria na Vila Curuçá. As pessoas que a receberão farão os acréscimos que julgarem necessários.

A definição da lista de duplas de conversa entre profissionais (técnico-docente) deverá ser concluída até 3/8/5 e a informação sobre docentes que aceitaram participar dessas atividades de conversa foi prevista para ser completada até 2/9/5, prazo necessário para convites, esclarecimentos e entendimentos.

Marcou-se uma reunião geral de docentes em 27/9/5, na qual se iniciará um planejamento amplo de contatos e atividades com agentes educacionais externos à Escola Madre Imilda.

Elie Ghanem solicitou que fosse lido o resumo que ele enviara do livro de Jaume Carbonell sobre inovação educacional e que, a partir desse texto, cada pessoa formulasse uma pergunta sobre a educação brasileira.

Próxima reunião de assessoria: 10/8/5, 8h30 às 11h. Pauta: preparar reunião de 27/9/5 e fazer comentários às perguntas elaboradas a partir do texto de Carbonell.

VIII. Lista de duplas

SANDRA CARVALHO:

Maria José
Regina Lúcia
Maria Alves
Luiz Sérgio
Sonia Paz
Pascoalina
Márcia Carlos
Yuriko
Márcia Filomena
Márcia Sassi
Mônica

LUCI:

Pedro Olavo
Terezinha
Miriam
Simone
Cleunice
Virgínia
Valdiva
Celina

ROSANE:

Zélia
Beth

Sonia Meneghel
Neusa
Olívia
Silvia
Sandra Luna

IRENE:

Patrícia
Mércia
Nádia
Marcelo
Miriam Castro
Nair
Marina Inazawa

VERA:

Alcides
Sueli Cancian
Gilda
Isabel
Adriana
Aurízia
Estrela

ANA PAULA:

Conceição
João Batista
Gladys
Luzinete
Araci
Maurício
Francisco

ENILDO E JOANA (ainda não formaram duplas)

IX. Reunião de assessoria e documento contendo relatos sobre a rodada de conversa em duplas – 6/09/2005

Presentes: Enildo, Elie, Ana Paula, Vera e Rosane

Pauta: Definir locais a serem visitados pelos docentes de V. Curuçá; comentar a primeira rodada de conversas em duplas na EMEF Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento; preparar oficina de deveres.

Conversas:

1. Vera:

Conversou com Alcides, prof. de Educação Física:

Falta de professores e de limpeza (no período da tarde). Quadra não coberta prejudica o trabalho programado. Mas só faltam 3 anos e meio para se aposentar. Fazer abaixo-assinado e pressionar. Aulas: procura agradar os alunos, dando só futebol. [Vera questionou]. Grupo de JEI tem muitas discordâncias, principalmente quanto a moral, valores e religião. Acha que a escola deveria ser lugar em que os alunos gostassem do que fazem e os professores também. Estes deveriam ser mais conscientes do que fazem e não são. Conhecer propostas diferenciadas, p. ex., escola sem paredes. Conheço quase tudo, moro aqui, mas acho que deveria ter mais trabalho integrado com postos de saúde, conhecer os templos (mesquita, igrejas, centros espíritas, colégio de freiras, asilo perto da casa dele). Chácaras, plantio de verduras. Estúdios fotográficos para aluno aprender e criar aqui na escola também.

Conversou com Sueli Cancian, professora

Sugeri alguns locais para visita das crianças: Posto de Saúde – tem agente do PSF, que podem informar os pais a respeito; Parque Chico Mendes; Casa do Ancião; Instituto Severino Fabriani. Para ela: USP-Leste, Fatec e Parque Ecológico. Crianças estão muito desinteressadas e famílias, muito desmotivadas. Não se via e agora se vêem casos de indisciplina já no 1º turno. Acha que é culpa das famílias. Uma coisa muito positiva é a equipe de professores, mais acolhedora, quer trabalhar junta e conversar sobre o trabalho. O resto da escola é muito tranquilo, elogiou o Enildo.

Conversou com Auzira (eventual):

Não conhece nada na V. Curuçá. Colocou coisas só positivas. Como vai em todas as salas, acha que os professores são muito comprometidos com os alunos. Vê trabalho. E compromisso da escola (equipe) é grande. Vê que as discussões internas foram formativas e ajudaram muito, agora tem estudado para concurso e nota isso.

Conversou com Isabel, professora

Isabel estava muito chateada. Nesta escola só tem amigos e as pessoas que entram desconhecem a caminhada e desrespeitam o grupo. Para a visita, sugere a casa de portadores de HIV.

2. Enildo:

Sentiu as pessoas valorizadas, mas foram rápidas (40 minutos).

Conversou com Sueli Gomes, professora:

Conversa sucinta. Quanto à escola, foi categórica quanto à visão errada que os pais têm de participação na escola. Interferir no trabalho do professor em vez de acompanhar o trabalho do filho e dar voto de confiança no trabalho do professor. Propõe formação para os pais (pessoas especialistas). Achou interessante o projeto.

Enildo se surpreendeu com o fato de todos os professores terem aceitado prontamente participar do projeto.

Conversou com Rodes, professora:

Sobre o projeto, o trabalho dela e como vê a escola, Rodes reclamou dos colegas porque não aceitaram ir para a excursão das turmas ao metrô. Falou muito sobre um curso que ela está fazendo (Apae). Não basta haver palestras, no curso, tem contato com crianças cegas e outros, aprendeu a mexer na máquina que escreve em braile. Sugeriu a Casa do Ancião.

3. Ana Paula:

Não conversou em duplas. Será substituída por Rui Lima.

4. Rosane:

Conversou com Estela, professora:

Revoltada com curso que está fazendo pela outra escola (EMEF Engenheiro Horácio), onde é coordenadora. Propôs visitar a Casa de Isabel (perto do CEU Veredas, atrás da 50ª DP e recebe alunos com problemas de aprendizagem, profs.). Profa. Sônia sugeriu Apae de Mogi. A única que perguntou se era obrigada a participar do projeto foi Sílvia, mas ela não sabia do que se tratava.

Objetivos da próxima reunião, de 27/09/2005:

- Conhecer organizações da V. Curuçá que trabalham com comunidades locais;
- Verificar possibilidades de atuação conjunta com MMISS ou de aperfeiçoamento desta;
- Obter subsídios para elaborar atividades educacionais inovadoras.

X. Reunião de assessoria – avaliação das visitas de docentes a espaços educativos da comunidade - 1/10/2005

Presentes: Elie Ghanem; Enildo de Souza Lima; Irene Lima; Joana Francisco; Rui Lima; Rosane Gomes Matos; Sandra Carvalho; Vera Maria de Souza

Ausentes: Luci Oliboni.

Pauta: a) avaliação das visitas à Unidade Básica de Saúde de Vila Curuçá, à Escola Severino Fabriani (de surdos) e à Casa do Ancião; b) preparar oficina sobre deveres discentes.

a) Avaliação das visitas: observações da equipe técnica

Docentes visitantes: 51 à Unidade de Saúde, 17 à Casa do Ancião e 6 à Escola Severino Fabriani, somando 74, de um total de 82 integrantes do corpo docente. Uma pessoa faltou ao trabalho no dia da visita, uma não quis fazer a visita, duas não podiam porque têm acúmulo de cargos e 4 estavam em licença médica. O número de participantes na atividade foi considerado bom e correspondeu à frequência normal em reuniões pedagógicas.

Os locais visitados foram indicados por docentes e houve inscrição prévia, o que despertou interesse dos visitantes e ajudou na adesão à proposta.

Muitos tinham uma expectativa negativa (não queriam ver pessoas velhas, doentes ou surdas), mas tiveram sua expectativa revertida, ainda que não tenham feito ligação da atividade com o projeto Sampabeaga.

Poucos visitantes manifestaram desconhecer o objetivo da atividade, o que pode ter advindo de explicitação insuficiente do objetivo, que havia sido assim formulado: conhecer os locais visitados, estabelecer uma relação com instituições que também fazem educação na região.

Os trabalhos visitados foram apresentados somente em seus aspectos positivos, o que costuma ocorrer em momentos de contato inicial.

Entre as pessoas visitantes, algumas, ao saberem da existência de dados reunidos pelo Programa de Saúde da Família, interessaram-se por utilizá-los, como a profa. Adriana, que pensou na abordagem do tema da água filtrada.

Um funcionário não-docente reclamou de não ter participado e outra funcionária não-docente afirmou não ter feito a visita porque estava obrigada a ficar limpando a escola. A equipe técnica estranhou o questionamento porque os dias em que as aulas são suspensas são aproveitados também para fazer limpeza.

Elie Ghanem propôs que se distribuísse meia folha de papel para que as pessoas que participaram respondessem: gostou? (sim ou não); aprendeu

algo com a atividade? (sim ou não); se aprendeu, o que foi? Identificar se é do sexo masculino ou feminino. A equipe técnica preferiu levantar essas informações nas conversas em duplas com docentes. As pessoas da equipe técnica responderam afirmativamente às duas primeiras perguntas e indicaram os seguintes aprendizados:

1. Identifiquei, na Unidade de Saúde, uma equipe profissional muito experiente e com um trabalho bem orientado.
2. A abordagem da qualidade de vida feita nas atividades da Unidade de Saúde (Viva Vida) para manter a saúde e que o pessoal dessa unidade está sempre se atualizando.
3. O tipo de trabalho da Unidade de Saúde é integrado e sério.
4. Temos que estar abertos para conhecer outros espaços como o da Casa do Ancião.
5. Observar a educação inclusiva sob outro aspecto, não oficial, na visão de quem faz. Quem faz acha que a escola comum não está preparada.
6. Existem outras pessoas preocupadas com educação.
7. Há outras possibilidades para a escola, além dos nossos muros e perto.
8. Considerando a Escola Severino Fabriani, todo mundo aprende, desde que haja alguém interessado em ajudar.
9. Nós temos muito para aprender.
10. Temos noção muito superficial desses espaços, como a história de Severino Fabriani, monge italiano que ficou mudo e procurou se comunicar.

b) Preparar oficina sobre deveres

Informou-se que os deveres dos alunos constam do Regimento da Escola e que, às vezes, faz-se um levantamento de deveres com alguns alunos e professores. Não entre os professores. Os deveres definidos juntamente com os alunos não são seguidos. O Regimento foi aprovado em 1999. Todo início de ano, faz-se um combinado em cada turma e por período, com base nos deveres estabelecidos no Regimento. É possível fazer um levantamento de casos de descumprimento de deveres de alunos, tanto junto aos adultos quanto consultando o livro de atas do Conselho de Escola.

Um entendimento possível é o de que os deveres não são mera determinação de alguém sobre outras pessoas, mas que são funcionais para o convívio, por exemplo, falar baixo para ser entendida, tratar com gentileza.

Elie Ghanem perguntou para que se faria uma oficina com adultos sobre deveres de alunos e as respostas surgidas foram: para a convivência na escola ser melhor; não sabemos lidar com adolescentes hoje; não há consenso sobre o conceito de disciplina.

A expectativa quanto a essa oficina: co-responsabilidade dos adultos quanto aos deveres (normas de conduta); conseguir trabalhar alguns conceitos; levar em conta que a proposta pode não agradar alguns participantes (assunto muito amplo e ausência de respostas para todos os seus aspectos).

Mencionou-se também que, em uma reunião com docentes, perguntaram: o que vocês vão fazer quando a gente mandar aluno (indisciplinado) lá (à diretoria)?

Foi sugerido, para a oficina, utilizar a discussão de casos exemplares de indisciplina.

Próxima reunião em 20/10/5, das 15h às 18h. Pauta: preparar oficina sobre deveres.

XI. Reunião de assessoria – 20/10/2005

Presentes: Elie Ghanem elie@usp.br; Enildo de Souza Lima enildosou@pop.com.br; Luci Oliboni Baio lobaio@uol.com.br; Rosane Gomes Rodrigues de Matos Oliveira ro.gomesmatos@ig.com.br; Rui Lima ruilima@gmail.com; Sandra Carvalho Batista carvalhosandrinha@yahoo.com.br; Vera Maria de Souza veramsou@ig.com.br e memariaimilda@ig.com.br.

Pauta: preparar oficina sobre deveres de alunos.

Elie Ghanem trouxe doação da Faculdade de Educação da USP: 10 exemplares de SHILLING, Flávia (Org.) *Direitos humanos e educação*: outras palavras, outras práticas. São Paulo: Cortez, 2005. 264 p. Para a equipe técnica e para a biblioteca da Emef Madre Imilda.

Sobre a avaliação das visitas de docentes à Unidade Básica de Saúde de Vila Curuçá, à Escola Severino Fabriani e à Casa do Idoso, Enildo Lima informou que o formulário para coleta de opiniões foi distribuído e havia boa parte ainda para retornar. Esse retorno deveria estar concluído até 27/10/5, quando Enildo Lima fará tabulação.

Elie Ghanem fez uma sugestão de possíveis pontos a abordar na oficina sobre deveres. Antes, porém, lembrou de um programa antigo de entrevistas da TV Cultura com o sertanista Orlando Villas Boas sobre os índios do Xingu, no qual contava o episódio da construção de uma grande casa, que se incendiou pela ação de um curumim enquanto a tribo havia saído da aldeia para os afazeres da roça e da caça. Ao retornar, vendo em cinzas a casa que levou meses para ser construída, ninguém proferiu sequer uma palavra de repreensão. Todos retomaram a construção de uma nova casa.

Ghanem expressou também sua opinião quanto a critérios de proibição a atos infantis: somente aquilo que põe em risco o bem-estar (integridade) de si e dos outros. Dito isso, passou às sugestões de pontos para a

oficina: a) algo que chame a atenção para o motivo de se estabelecerem normas; b) sobre o que é importante estabelecer normas?; c) que normas existem na escola?; d) confrontar aquilo sobre o que é importante estabelecer normas com as normas existentes na escola; e) priorizar pontos julgados importantes para estabelecer normas; f) identificar possíveis deveres de cada um (adultos e mais novos) em relação aos pontos priorizados; g) definir meios para assegurar o cumprimento de deveres (inclusive, mas não somente punições); h) apresentar e analisar dois casos que desafiam a definição de normas e o cumprimento dos deveres; i) propor ações (com prazo) quanto à identificação de deveres, ao estabelecimento de normas e à garantia de seu cumprimento; j) experimentar as propostas; k) examinar a experimentação (entre adultos e entre estes e mais novos).

Rui Lima levantou alguns aspectos relacionados ao descumprimento de normas: ruptura brusca ao passar da escola de educação infantil ou do universo doméstico ao primeiro ano do ensino fundamental, ou do quarto para o quinto ano (mais professores); diferentes fases de desenvolvimento psíquico; condições físicas do prédio e instalações da escola.

Apontou-se também a existência de falhas quanto a especificar normas ao longo do processo, a modificar as que são inadequadas, a formulá-las de modo a viabilizar seu cumprimento, a exigir seu cumprimento, a adotar normas comuns (entre docentes e entre estes e funcionários não-docentes), a informar normas adotadas particularmente por esta ou aquele docente.

Próxima reunião de assessoria: 11/11/5, 13h às 16h. Pauta: as três listas (duplas; outros agentes de Vila Curuçá; ofertas de formação); preparação da oficina sobre deveres.

XII. Reunião de assessoria - 11/11/2005

Presentes: Elie Ghanem elie@usp.br; Enildo de Souza Lima enildosou@pop.com.br; Rosane Gomes Rodrigues de Matos Oliveira ro.gomesmatos@ig.com.br; Rui Lima rruilima@gmail.com; Vera Maria de Souza veramsou@ig.com.br e memariaimilda@ig.com.br.

Ausentes: Irene Aparecida Nascimento de Oliveira Lima; Joana Gomes Ribeiro Francisco jo_ana2003_1@yahoo.com.br; Luci Oliboni Baio lobaio@uol.com.br; Sandra Carvalho Batista carvalhosandrinha@yahoo.com.br;

Pauta: as três listas (duplas; outros agentes de Vila Curuçá; ofertas de formação); preparação da oficina sobre deveres.

Enildo Lima não conseguiu concluir a tabulação do formulário para coleta de opiniões sobre as visitas, distribuído ao corpo docente. Afirmou que estará tabulado e divulgado até 25/11/5.

Rosane Oliveira encarregou-se de providenciar lista de docentes e não-docentes, com respectivos endereços eletrônicos.

Enildo Lima informou que só houve uma rodada de conversas em duplas e que quem participou achou bom. Ressaltou que este não é um final de ano comum porque a quantidade de demandas é extraordinária (por exemplo, selecionar oficineiros para janeiro, no Recreio nas Férias, a Anresc-Avaliação Nacional do Rendimento Escolar, do MEC, com reuniões preparatórias já convocadas; preparar e participar do Congresso Municipal de Educação; convocações para cursos sobre gestão e sobre o programa Ler e Escrever na Escola; selecionar 30 alunos para atividades do programa Pós-escola, a ser desenvolvidas no CEU; Semana da Consciência Negra).

Rosane Oliveira lembrou que o objetivo era fazer conversas (em duplas) e que, havendo uma demanda específica (consultar sobre locais para visitar), foi mais fácil realizar as conversas. Inclusive porque docentes estão acostumados a só conversar sobre “providências” a tomar.

Para Enildo Lima, é sintomático não estar presente nesta reunião nenhuma auxiliar de direção, justamente porque o tipo de trabalho delas coloca mais dificuldades para que organizem conversas em duplas, “elas não param um minuto”. Vera Souza ressaltou que isso depende da época também e que os coordenadores pedagógicos estão na mesma situação também. Elie Ghanem lembrou que é preciso rever a lista de atribuições legais de auxiliares de direção, a fim de reinterpretá-las. Perguntou quando será possível outra rodada de conversas em duplas. Combinou-se realizá-las em meados de dezembro de 2005. Vera Souza assinalou que algumas docentes já haviam levantado espontaneamente pontos que querem tratar em novas conversas e Rui Lima acrescentou que o envolvimento também se mostrou no fato de algumas terem começado, também espontaneamente, a contar sua própria história de escolarização e profissional.

Elie Ghanem propôs que se adotasse como mote das próximas conversas o resultado (tabulado) da avaliação das visitas de docentes à Unidade Básica de Saúde de Vila Curuçá, à Escola Severino Fabriani e à Casa do Idoso. Vera Souza propôs também que se explicitassem expectativas, desejos e propostas próprias de atuação profissional (pessoal e coletiva no projeto Sampabeaga) de docentes. Informou, ainda, a impossibilidade de utilizar outra reunião pedagógica, em 2005, para tratar do projeto porque a Secretaria Municipal de Educação baixa um calendário com apenas quatro reuniões pedagógicas ao ano, que devem ser utilizadas para: a) conselho de classe (uma reunião exclusivamente para isso); b) formação sistemática de professores; c) avaliação da escola; d) fornecer informações administrativas e pedagógicas.

Próximas reuniões de assessoria: 23 e 24 de janeiro de 2006, 8h às 12h. Pauta: ações do projeto em 2006.

XIII. Reunião de assessoria - 24/1/2006 (única reunião de 2006)

Presentes: Elie Ghanem elie@usp.br; Enildo de Souza Lima enildosou@pop.com.br; Juvandete Santos Machado juvandete.smrosa@uol.com.br; Rita Monte les_timbales@yahoo.com.br; Rosane Gomes Rodrigues de Matos Oliveira ro.gomesmatos@ig.com.br; Vera Maria de Souza veramsou@ig.com.br e memariaimilda@ig.com.br.

Ausentes: Irene Aparecida Nascimento de Oliveira Lima; Joana Gomes Ribeiro Francisco jo_ana2003_1@yahoo.com.br; Luci Oliboni Baio lobaio@uol.com.br; Sandra Carvalho Batista carvalhosandrinha@yahoo.com.br;

Pauta: ações do projeto em 2006.

A reunião, marcada para as 9h, começou às 9h40 e terminou às 12h30. Iniciou-se com relato sobre o encontro com o Secretário de Educação, José Aristodemo Pinotti, no dia anterior. Vera Souza, Juvandete Machado e Rosane Oliveira disseram que o foco do encontro foi o programa Pré e Pós-escola, da Prefeitura, no qual discentes dobram de período nas escolas. As três estão preocupadas com a forma como essa mudança afetará o tempo disponível de docentes e equipe técnica (inclusive no tocante à agenda do Sampabeaga).

Após, Rita Monte foi apresentada ao grupo, que lhe deu as boas vindas. Ela é orientanda de Elie Ghanem no curso de especialização em Direitos Humanos e colaborará nas discussões de assessoria e na redação de informes do projeto Sampabeaga.

Juvandete Machado, nova coordenadora pedagógica, ouviu uma breve explicação sobre o Sampabeaga, que busca praticar novos modos de educação na escola pública, por meio do desenvolvimento profissional do corpo docente, ativado pela equipe técnica, enquanto esta é fortalecida como equipe e como técnica: 4 auxiliares de direção por período, 2 coordenadores pedagógicos, diretora e assistente de direção. É muito difícil reunir essas oito pessoas. As atividades do projeto são baseadas em três eixos: i) cada docente deve conversar periodicamente com uma integrante da equipe técnica (em 2005, houve uma rodada dessas conversas em duplas e Vera Souza diz que foi uma boa experiência); ii) lista de oferta de formação para docentes (cursos, museus, Secretaria de Educação etc.); iii) colaboração com outros agentes educativos do entorno (Vila Curuçá). Em setembro de 2005, foram feitas visitas a três lugares: Unidade Básica de Saúde de Vila Curuçá; Escola Severino Fabriani (surdos) e Casa do Ancião. Paralelamente, começou a ser elaborada uma oficina sobre deveres dos alunos/as. Houve também avaliação feita pela equipe técnica e por docentes sobre as visitas ocorridas em setembro. Enildo Lima se comprometeu a sistematizar essas informações e enviá-las por e-mail.

Elie Ghanem, então, esclareceu a pauta da reunião e reforçou o pedido de mais tempo para reuniões de assessoria com a equipe técnica, lançando, ao final, a necessidade de elaborarem uma agenda de encontros, o que passou a ser feito.

Tempo

Primeiramente, cogitou-se fazer as reuniões entre docentes e equipe técnica numa das 4 reuniões pedagógicas que ocorrem ao ano. Viu-se, no entanto, que essas reuniões, para cumprirem pauta própria, já são insuficientes e que seria inviável substituir uma delas por outra, do Sampabeaga. Partiu-se do ideal: uma reunião por mês entre docentes e equipe técnica, durante um período. Assim, como a agenda da escola poderia ser organizada de modo a desocupar um período por mês para esses encontros? Os horários de docentes titulares e adjuntos são os seguintes:

JEI (Jornada Especial Integral, 25h de aula/semana, mais 8h coletivas na escola, mais 2h individuais fora). Atualmente, são 22 docentes titulares no ciclo I (21 em exercício, 1 readaptada; 17 lecionarão, somente 6 têm JEI) e 31 docentes titulares no ciclo II (9 são assistentes, ou readaptadas, ou orientadoras de sala de leitura etc.; 15 têm JEI). Vera Souza informou que o horário coletivo de JEI está reservado com 4h para o projeto Ler e Escrever e 4h para o São Paulo na Escola (há uma portaria publicada no Diário Oficial, Rosane Oliveira informará data e página).

JEA (Jornada Especial Ampliada, 25h de aula/semana, mais 2h coletivas na escola, mais 3h individuais fora).

JB (Jornada Básica, 18h de aula/semana, mais 1h individual na escola, mais 1h fora).

O número de professores adjuntos é indeterminado (a atribuição será de 2 a 6/2/6). Qualquer adjunto pode fazer opção por alguma jornada e até passar um ano para sair da JB. Não se sabe de antemão a quantidade de docentes que farão JEI.

Decidiu-se selecionar docentes para participar das reuniões do Sampabeaga de acordo com horas de “trabalho individual”; assim, apenas docentes de JEI participarão diretamente.

Cálculo

Como reinterpretar a legislação administrativa referente à gestão escolar? Como criar espaços/tempo dentro da jornada de trabalho de docentes e da equipe técnica?

Surgiram, a princípio, duas alternativas: dispensar, a cada mês, as turmas de um período; realizar reuniões durante horário das aulas.

Vera Souza comentou sobre os conselhos de classes, dizendo que duas das quatro reuniões pedagógicas serão para estes. Um dos momentos bastante aguardados por docentes é a avaliação de seu desempenho por seus pares, alunos/as e pais/mães. Levantou-se a questão de que, se essa avaliação se desse em horários ou espaços que não os do conselho, daria para usar esse momento para realizar as reuniões entre docentes e equipe técnica. Mas Vera Souza disse que seria impossível, já que, no conselho de classe, há troca de experiência entre docentes e entre esses e seus alunos/as.

Elie Ghanem levantou a hipótese de fazer, dentro do horário do conselho, a reunião. Mas Rosane Oliveira e Vera Souza disseram da impaciência de docentes (pois querem discutir outros temas, como a indisciplina, p. ex.), pela qual não aproveitariam o debate.

Sobre a dispensa de um período, Vera Souza disse que tem receio de fazer, devido à pressão externa e à interna. Pais/mães e alguns funcionários que interpretam a medida como falta de aula para os alunos/as e, portanto, má condução da escola. Assim, o grupo optou pela realização das reuniões nos horários de aulas, substituindo os docentes participantes por agentes educativos externos a ser convidados. O cálculo ficaria assim: reunião de 4 horas (1 período); 7 docentes de ciclo I e 10 docentes de ciclo II (total de 17 docentes, 14 turmas, 420 a 560 alunos/as (30 a 40 alunos por sala). Este cálculo não inclui adjuntos. Estimou-se serem necessários 20 agentes externos para atuar junto às 14 turmas. Talvez mais.

Agentes externos deverão manter-se em contato com docentes das turmas com as quais atuarão. Esse contato - prévio, ao longo das atividades e posterior a estas – acabará se dando à distância, por telefone e e-mail. A comunicação precisa ser a menos falha possível. É preciso começar a pensar na lista de agentes externos a convidar. Rita Monte informou sobre a possibilidade de chamar algumas pessoas da Associação Bê-a-Bá do Cidadão, ONG de educação em direitos humanos que já entrou em contato com a escola, em visita da educadora Ana Beatriz Terra.

Comunicação

Rosane Oliveira fará lista de e-mails de docentes participantes e da equipe técnica e mandará para Elie Ghanem em 14/2/6. A comunicação entre docentes e agentes externos convidados deverá incluir: i) o convite, definindo seu papel na escola e nas relações com cada docente e com alunos/as; ii) preparação da pessoa convidada para a turma com quem irá trabalhar; iii) preparação de docente da turma com a qual a convidada atuará; iv) troca de experiências entre docentes e agentes externos.

Iniciou-se uma discussão sobre a função legal de cada componente da equipe técnica. Vera Souza, Rosane Oliveira, Juvandete Machado e Enildo Lima disseram que acabam realizando trabalho de outros funcionários além de suas próprias atividades. Ponto polêmico foi a descrição da função de auxiliar de direção. Elie Ghanem chamou atenção para o fato de o trabalho da equipe técnica ser, justamente, em equipe. Para que isso possa acontecer, sugeriu que houvesse, nos próximos encontros, uma reflexão sobre uma re-interpretação do texto da lei que define as funções de profissionais da escola. Atentou para o fato de metade da equipe técnica ser composta por auxiliares de direção. Elie Ghanem sugeriu, para a próxima reunião, colocar em pauta possibilidades de re-interpretação da lei que descreve as funções da equipe técnica. Para isso, é necessário que todas as pessoas participantes leiam essas atribuições legais (Rosane Oliveira enviará).

Próxima reunião: 21/2/6, das 16h às 18h. Pauta: concluir planejamento das reuniões com docentes e visitas de agentes externos; encaminhar re- interpretação de funções da equipe técnica; encaminhar oficina sobre deveres.

Tarefas pendentes: Enildo Lima enviará, o mais rápido possível, por e-mail, a tabulação que fez das opiniões de docentes sobre as visitas realizadas em setembro de 2005; Rosane Oliveira enviará, até 14/2/6, lista de e-mails de docentes e adjuntos que participarão do projeto e texto sobre fragmentação de horários e jornadas.

3.1.2 Belo Horizonte: EMEF Professora Alcida Torres

I. Documento referente à atividade de levantamento de espaços de formação da cidade, de 10 de maio de 2005

SMED - Secretaria Municipal de Educação:

Portal da PBH: www.pbh.gov.br

GERED - Gerências Regionais de Educação

Acompanhamento Sistemático às Escolas

Núcleos Temáticos da GCPF (Gerência de Coordenação Pedagógica e Formação)

CAPE- ONLINE: www.pbh.gov.br/smed/capeonline

Centros Culturais Regionais

Mostra Plural

Biblioteca do Professor

Formação de Diretores

Curso de Libras

Conferências do Conselho Municipal de Educação

- ⑩ UFMG - Cursos e Seminários
- ⑩ Centro Cultural da UFMG
- ⑩ Museu Abílio Barreto
- ⑩ Centro de Referência do Professor
- ⑩ Centro de Cultura de Belo Horizonte
- ⑩ Palácio da Artes
- ⑩ Zoológico
- ⑩ Parque Municipal
- ⑩ Parque dos Mangabeiras
- ⑩ Parque Lagoa do Nado

- ⑩Biblioteca Estadual
- ⑩ASMARE - Associação dos catadores de papel
- ⑩Casa do Conde
- ⑩Unidade de Educação Ambiental - SLU
- ⑩Biblioteca Infanto-juvenil
- ⑩Fundação João Pinheiro
- ⑩Serraria Souza Pinto

II. E-mail do gestor e documento com levantamento sobre possíveis espaços de formação na comunidade do Taquaril, de 25 de julho de 2005

São Paulo, 25 de julho de 2005.

Caríssimo Emmerson Ziviani de Moraes,

Parabéns pelo levantamentoto. Obrigadodo. Pelo envioo.

Vamos analisar esses dados juntos na nossa reunião de 2/8/5, com a equipe técnica da EMPAT.

Abração!

--

Elie Ghanem (professor)

Faculdade de Educação da USP

Avenida da Universidade 308 Cidade Universitária

05508-900 São Paulo SP

Citando Emmerson Ziviani de Moraes <eziviani@yahoo.com>:

LEVANTAMENTOTO DE DADOS DE PROJETOS DESENVOLVIDOS NA COMUNIDADE

1. Agente Jovem. É uma ONG voltada para o ramo da informática. São selecionados pelos organizadores alguns adolescentes que possuem os pré-requisitos exigidos pelos mesmos, para oferecerem cursos de computação na comunidade, recebendo uma quantia de R\$ 65,00 pelo trabalho que irão desenvolver. Os cursos de computação acontecem na Igreja Shekna e cada pessoa interessada em participar dos mesmos, paga um valor de R\$15,00.

2. Banco Popular do Brasil. As irmãs de caridade prestam serviços voluntários para esta obra, que funciona no prédio da Igreja Shekna. O

Banco Popular do Brasil, que não cobra taxa de manutenção de contas, atende às pessoas de baixa renda, dando às mesmas a oportunidade de crédito no mercado.

3. Biblioteca Pública. Este projeto está para ser colocado em prática nos próximos meses e acontecerá onde hoje está a rádio Taquaril, que é um espaço da associação do bairro. Responsável: Ednéia.

4. Conselho Tutelar. É um programa da PBH que atende as crianças e as famílias que estão em vulnerabilidade social, encaminhando os mesmos aos órgãos competentes, de acordo com as suas necessidades. O conselheiro da Região Leste, Sr. José Aparecido, é morador do Taquaril.

5. Criar - Centro de Referência em Áreas de Risco. O objetivo deste projeto é acolher as famílias que moram em áreas de risco. Funciona como um dormitório, em um alojamento, no setor 6. As famílias, durante o período das chuvas (principalmente), dormem no referido local para sentirem mais segurança durante o sono. Funciona e 19 às 07horas. Quando possível, é servida uma sopa às famílias que recorrem ao CREAM. Responsável Cláudia.

6. ECC. Reúne na Escola Municipal Professora Alcida Torres, tem a finalidade de evangelizar famílias e ajudá-las no que for preciso; além de promover atividades na comunidade como: bingo, feijoada, caldos, show, etc. Coordenador Antônio.

7. Escola Aberta (Projeto Programa). Tem como objetivo tirar os jovens da rua e trazê-los para a escola nos finais de semana. Este projeto desenvolve um trabalho social em nossa comunidade, com atividades como: bordado, crochê, artesanato, bijuteria, recreação, esportes (futsal masculino e feminino) e danças. Participam pessoas de todas as faixas etárias e acontece, no Taquaril, nas escolas municipais Fernando Dias Costa e Professora Alcida Torres, onde funcionam sete oficinas em cada instituição. O projeto conta, também, com prestadores de serviços voluntários, em cultura e arte.

8. Fica Vivo (Projeto). No Taquaril, a responsável pelo funcionamento do Projeto Fica Vivo, Josiane, tem a função acompanhar as oficinas que atendem um público de pessoas entre 14 a 21 anos, que estão em situação de risco social. Por acontecer em vários outros bairros, há um intercâmbio de experiências. Os coordenadores do Projeto selecionam as oficinas que irão acontecer em cada comunidade, de acordo com as suas necessidades. No Taquaril, funciona, com êxito, a Pizzaria Cidadãos Planetários, que gera empregos à várias pessoas da comunidade. O Projeto é mantido pelo Governo Federal e ONGs não governamentais.

9. Grupo da Terceira Idade / Programa Vida Ativa. Incentiva as pessoas da terceira idade, levantando a auto-estima e proporcionando momentos de lazer. O grupo se reúne em um galpão próximo ao final do ônibus 9412. Responsável: D. Tereza.

10. Internet Cidadã. A partir de 1º de agosto de 2005 o projeto funcionará na Escola Municipal Professora Alcida Torres. A PBH enviou computadores para a escola e selecionou estagiários para auxiliar a comunidade a usar a Internet.

11. Legião de Maria. Coordenadora D.Carmelita. É formada por um grupo de senhoras que prestam serviços comunitários, ajudando várias famílias em seus lares.

12. Natureza Jovem (Projeto). Funciona como um trabalho de preparação para o mercado de trabalho de jovens não contratados pela Assprom. Os cursos são oferecidos em uma sala da Paróquia de São Gabriel, no Taquaril, sob a coordenação de Elena Curi. Após o término dos cursos os jovens são encaminhados, pela coordenadora, para o mercado de trabalho.

13. Papári (Projeto). Este projeto tem o objetivo de desenvolver uma farmácia de plantas medicinais em prol da comunidade. Atua como um banco de troca de saberes, no Posto de Saúde Novo Horizonte e as plantas medicinais são encontradas na própria comunidade.

14. Providência Páscoa (Projeto). Há mais de onze anos em nossa comunidade, com as seguintes atividades desenvolvidas: aula de recreação, de horta, trabalho manuais, formação-sócio-política-religiosa e ambiental, cursos profissionalizantes como: culinária, costura, arte em madeira, eletricidade e informática. As crianças e adolescentes que participam do projeto moram no Taquaril e recebem, diariamente, além de todas as atividades oferecidas, quatro refeições diárias. O consumo diário com a alimentação na unidade, além de carnes e verduras, é de 60 Kg de arroz, 30 Kg de feijão, 12 latas de óleo e 120 L de leite. Atendendo, aproximadamente, mais de 850 adolescentes e crianças. Responsável: Padre Mário Pozzóli, diretor-presidente mantém o projeto com a ajuda de doações em geral.

15 Quero Viver (Projeto). Além de ajudar 50 crianças e adolescentes da comunidade a realizarem os deveres de casa , oferece atividades de recreação e merenda (almoço e jantar). Recebe ajuda da PBH e para a manutenção do mesmo, cobra um valor de R\$ 10,00 (dez reais) das pessoas interessadas em participar das aulas de informática. Atua na formação evangélica, sob a responsabilidade de Walmir.

16 Rádio Taquaril. Presta serviços comunitários com programas educativos e de divulgação de atividades no Taquaril e seus arredores.

17 Restaurante Popular PBH. Funciona no prédio da Igreja Shekma em parceria com a PBH, oferecendo uma alimentação variada de 2ª a 6ª feira, no valor de R\$1,00 por pessoa.

18 Social (Projeto). Voluntário no Taquaril com aulas de percussão, flauta; acontece na E. M. Fernando Dias Costa. Responsáveis: Professora Rocine e Professor Sérgio.

19 Vicentinos. Faz um trabalho, na comunidade, de evangelização e doação de cestas básicas, materiais escolares, remédios, roupas, etc. É importante ressaltar que, antes de acontecerem as doações, são feitos levantamentos a respeito das famílias a serem beneficiadas.

III. Relato sobre conversas em duplas feitas pela coordenadora de EJA Zulma Canuto – 28/08/2005

De: Zulma Canuto – coordenadora/EJA

Para: Elie Ghanem c/ cópia para: Regina, Emerson, Dorinha, Edna, Ivana, Marco Flávio e Ronei. Obs: Ainda não tenho o e-mail do João Bosco e nem do Ronaldo.

Olá Elie, olá colegas do projeto Sampabeagá

Estou repassando a vocês a conversa feita nos encontros com os 10 professores que compõem o grupo de Educação de Jovens e Adultos nesta escola, conforme acordado na última reunião (02/08).

Os encontros foram feitos nos horários de projeto dos professores entre os dias 08 e 17 de agosto e na sua maioria individuais pela dificuldade de conciliar horário das duplas com o meu horário.

Para introduzir a conversa, falei do “Para Casa” da equipe técnica em decorrência do projeto de formação Sampabeagá e que gostaria de saber quais são as inquietações/preocupações/dificuldades enquanto profissionais da Eja nesta Escola. Seguem abaixo a transcrição das falas das 09 professoras e 01 professor:

Primeiro Segmento

- Vera Gomes – prof^a. referência da turma do final do 1º segmento responsável por todos os conteúdos da nossa PPP, exceto matemática e ed. física. Este é o primeiro ano da professora na EJA.

Reclama da falta de material de leitura adequado para se trabalhar com o adulto. Os textos quando não são infantis demais, são muito densos. Tem priorizado no seu trabalho a leitura/interpretação e atualmente tem enfatizado a ortografia (uso do x e ch). Outra grande preocupação é com a rotatividade dos alunos (faltam demais) e isto traz desânimo para ela e para os alunos. Tem tido grande dificuldade com a aluna Alzira, pois a mesma não consegue fazer nada. Acredita que ela não entende nada.

Fiquei de encontrar com a aluna, para fazer uma avaliação diagnóstica e sugerir intervenções.

- Auxiliadora – prof^a referência da outra turma do final do 1º segmento responsável por todos os conteúdos da nossa PPP, exceto matemática e ed. física. Mesmo assim tem trabalhado a matemática à medida que ela vai surgindo nos textos e nas discussões em sala. Diz procurar fazer um trabalho interdisciplinar. É o seu 4º ano de trabalho com o público da Eja e o primeiro com turma já alfabetizada.

O maior complicador para ela está na rotatividade dos alunos, gerando uma dificuldade de continuidade e prosseguimento no trabalho

desenvolvido. Traz também algumas questões: - Como corrigir as produções textuais dos alunos (passo traço embaixo, faço uma marca, tem alguma linha neste sentido?) – Desenvolve um trabalho mais focado nos temas e textos trazidos pelos alunos, de interesse deles e tem diversificado com outros textos dela, isto é correto? Tem receio de estar puxando muito, já que alguns alunos não dão conta de realizar as tarefas propostas.

- Andréa Garófolo – prof^a referência da turma intermediária do 1º segmento (2º ano).

Também tem o professor para trabalhar matemática e ed. física. É o primeiro contato dela com esta modalidade de ensino e com este público (entrou em maio/05). Está gostando muito de trabalhar com este público mas não do horário noturno, que também é novidade em sua vida.

A sua dúvida é se está agradando aos alunos, se eles estão entendendo. Tem dificuldade em trabalhar com alunos ainda não alfabetizados na turma. Percebe que os alunos da sua turma gostam mais de textos curtos e simples como lendas, músicas, trava-línguas, adivinhações, cruzadinhas, cartas enigmáticas. Não gostam de fazer leitura em voz alta na turma. Aponta também como dificultador para uma continuidade do trabalho, o número de faltas dos alunos. Acha que eles também tem pouca aula de matemática e perguntou se poderia dar aulas de matemática também. Respondi que sim, que esta divisão foi feita mais para a organização do horário do professor e não para fragmentar o trabalho, que isto não cabe, principalmente nas turmas que ainda não concluíram o seu processo de alfabetização, como a dela.

- Edna – prof^a referência da turma de alfabetização inicial. Já é o 5º ano de trabalho dela com a Eja nesta escola. É coordenadora no turno da tarde.

Sua preocupação maior é se está atendendo às necessidades dos alunos, se eles estão entendendo a sua mensagem, a proposta de trabalho. Preocupa-se também com o relacionamento professor/aluno; aluno/aluno em função da faixa etária muito diversa (alguns muito jovens e outros muitos mais velhos, além de 4 alunos com deficiência mental). Procura ser afetiva e calorosa com todos eles. Além disso, ressenete-se da falta de material pedagógico adequado ao público atendido.

- Dorinha – prof^a de apoio das 4 turmas do 1º segmento responsável pelo desenvolvimento do conteúdo da matemática. É o 3º ano dela na Eja e sempre trabalhou com a matemática. É coordenadora no turno da manhã.

Sua preocupação maior é com o afastamento do aluno (desistências com justificativas de cunho pessoal). Percebe uma evolução muito lenta com os alunos da sala da Edinha.

Na sala da professora Andréa sua dificuldade maior é com o aluno Maurício (é o mais agarrado). Nas outras duas turmas está tranquilo.

Segundo Segmento

- Natália – prof^a de Língua Portuguesa nas 4 turmas do 2º segmento, com carga horária maior nas turmas intermediária e final do segmento. É o 3º ano dela na Eja com o 2º segmento.

Suas inquietações estão nas dificuldades que alguns alunos têm de aprender/compreender (José Ricardo e Maria Aparecida). Como intervir. São esforçados, frequentes mas avançam pouco, principalmente na compreensão. Como ainda não fez, sugeri que fizesse um atendimento individualizado ou com a dupla para poder avaliá-los melhor.

A ortografia também é um ponto que a preocupa muito . Além disso tem dúvidas quanto à definição curricular. Exemplo, que aspectos da gramática devem ser mais enfocados? Análise sintática, até que parte?

Marília – prof^a de Língua Portuguesa em 3 turmas do 2º segmento e tem complementado a carga horária com matemática nas 2 turmas de início do segmento.

É o primeiro ano dela na Eja.

Aponta a dificuldade de encontrar material de leitura adequado para o público adulto.

Fez avaliação de uma das turmas (sala 7) – Apesar de ainda muito melindrosos nas relações, melhoraram na convivência, mas são tão “avoadinhos”, têm muita dificuldade para entender. Esta conversa foi feita em conjunto com a prof^a Natália. O restante do encontro foi utilizado para elaborar listagem dos alunos que irão participar das oficinas de ortografia e de leitura.

- Robertson (conhecido como Robu) – professor de Ciências das 4 turmas do 2º segmento. É o seu 5º ano de trabalho com alunos da Eja nesta escola.

Acha que estamos indo bem, mas sempre pode-se melhorar. Mesmo sendo dessa opinião, não tem em vista nenhuma proposta de mudança, de melhora em seu trabalho ou no de seus colegas. Utiliza como referência para o desenvolvimento de seu trabalho os conteúdos dos livros seriados do E. Fundamental (5ª à 8ª). Procura privilegiar os assuntos verbalizados pelos alunos como tema de estudo e discussão (ex: verminose, tétano, etc) Acha que a nossa escola e mais precisamente o nosso turno é o paraíso.

- Denise – prof^a de matemática e de arte nas 4 turmas do 2º segmento, com um nº maior de aulas na turma intermediária e final do segmento É o seu 5º ano de trabalho com alunos da Eja nesta escola.

O que a incomoda muito é lidar com as faltas dos alunos e com as entradas (matrículas) de novos alunos durante o ano inteiro. Não têm como acompanhar a turma, ficam pra trás. Outra grande dificuldade é lidar com os desníveis de raciocínio dos alunos (uns fazem rápido demais e outros são lentos demais), os ritmos são muito diferentes, as turmas são muito heterogêneas. Como lidar com os vários níveis?

- Vanda – prof^a de geografia e história das 4 turmas do 2º segmento. É o seu 4º ano de trabalho com a Eja.

Suas principais preocupações são com o nº reduzido de suas aulas nas salas 5 e o nº reduzido dos alunos nesta mesma sala. Se preocupa muito com a rotatividade dos alunos de modo geral. Avalia que as turmas das salas 4 e 6 tem um nível maior de compreensão, facilitando o desenvolvimento do trabalho. Tem enorme prazer em trabalhar com a turma da sala 4, são interessados, participativos, há uma interação maior. Tem muita dificuldade em lidar com as limitações de alguns alunos (Edson e Geralda). De um modo geral, tem procurado voltar seu trabalho para que o aluno vá além do texto explícito, onde percebe grande dificuldade.

.....

Como você pode observar pelas falas Elie, temos algumas preocupações em comum como: afastamento do aluno, a falta de material pedagógico adequado ao adulto, as incertezas quanto à priorização curricular e à aprendizagem de alguns alunos.

Aproveito também para dizer de uma das minhas inquietações. Já algum tempo tenho me preocupado com o abandono/desistência de muitos alunos, sempre com as justificativas de problemas familiares, de saúde e do mundo do trabalho. Já tenho algumas hipóteses e gostaria muito de fazer um projeto de pesquisa neste sentido. Quem sabe você pode me ajudar com algumas dicas e referências bibliográficas?

Gostaria de dizer também que não estamos parados, estamos tentando resolver os nossos problemas e para isto algumas ações estão sendo feitas, como por exemplo, o redimensionamento do nº de aulas, a assessoria para a discussão do Ensino da Matemática na Eja, que começou no dia 19/08 (o grupo gostou, parece que vai ser legal), a reorganização do nosso tempo e espaço, com a implementação de oficinas de Leitura, Ortografia, Matemática, Alfabetização, Informática e outras temáticas, para atender as especificidades e necessidades dos nossos alunos, entre outras ações.

E para terminar, gostaríamos de enfatizar que, enquanto grupo, estamos apostando muito na sua colaboração/contribuição para o bom desenvolvimento do nosso trabalho.

Até o próximo encontro,

Zulma ,

IV. Resposta do gestor ao relato de Zulma, com a formulação de 45 perguntas – 5/09/2005

Caríssima profa. Zulma Canuto,

As anotações que você me enviou sobre as conversas em duplas são muito interessantes e me provocaram 45 blocos de perguntas. Acredito que pode ser útil para todo mundo pensar a respeito.

1. Zulma diz: “Os encontros foram feitos nos horários de projeto dos professores entre os dias 08 e 17 de agosto e na sua maioria individuais pela dificuldade de conciliar horário das duplas com o meu horário”. A proposta era você (e cada um dos demais integrantes da equipe técnica) compor uma dupla de conversa com cada um dos dez professores. Ou seja, seriam dez duplas, nas quais sempre você estaria como uma das duas pessoas da dupla. Você havia entendido dessa forma?

2. Zulma diz que Vera Gomes é professora referência da turma. O que é uma professora referência de turma?

3. Zulma diz que Vera Gomes é “responsável por todos os conteúdos da nossa PPP”. Que “conteúdos” são? Quem define? Com que critérios são definidos?

4. Zulma diz que Vera Gomes reclama da falta de material de leitura adequado para trabalhar com adulto. O que os alunos querem ler? Que assuntos interessam a eles? Por que se interessam por tais ou quais assuntos? Há algum assunto que Vera Gomes considera importante e os alunos não conhecem ou não querem abordar? Por que Vera Gomes consideraria o assunto importante? Por que os alunos não queriam aborda-lo?

5. Segundo Vera Gomes (e outras colegas), os alunos faltam demais. Quanto é faltar demais? Os meus alunos de faculdade também faltam demais (para mim, faltar dois num total de 15 dias letivos já é faltar demais) e eu não consegui descobrir os motivos. Vera Gomes (e outras colegas) sabem mesmo por que os alunos faltam?

6. Vera Gomes diz que sua aluna, Alzira, “não consegue fazer nada”. O que Vera Gomes quer que Alzira faça? Por que quer que faça essas coisas? Por que Vera Gomes pensa que Alzira não consegue?

7. Auxiliadora se pergunta como corrigir textos dos alunos. Tem dúvida se grifa ou faz uma marca. Pergunto: o que Auxiliadora preferiria? Por que preferiria isso? O que Zulma Canuto preferiria? Por que preferiria isso? Para mim, tanto faz a marca. O importante é perguntar à pessoa que

escreveu o texto coisas para que ela “descubra” o que pode ter sido um equívoco.

8. Auxiliadora tem dúvida se é correto focar “nos temas e textos trazidos pelos alunos, de interesse deles e tem diversificado com outros textos dela”. O que Alzira e Zulma acham? Por que os temas e textos que os alunos trazem não seriam suficientes? O que faltaria? Por que?

9. Auxiliadora diz que alguns alunos não dão conta de realizar as tarefas propostas. Para que serve cada uma das tarefas?

10. Andréa Garófalo tem dúvida se está agradando os alunos e se eles estão entendendo. Como ela pensa em descobrir se está agradando os alunos e se eles estão entendendo? O que deve ser entendido?

11. Andréa Garófalo diz ter dificuldade em trabalhar com alunos ainda não alfabetizados. Que dificuldade?

12. Andréa Garófalo diz que os alunos não gostam de fazer leitura em voz alta. Andréa faz leitura em voz alta? De que textos? São grandes ou pequenos? Engraçados ou tristes? Os alunos levam algo que acham interessante ler para os colegas e para a professora?

13. Por que Andréa Garófalo acha que os alunos têm pouca aula de matemática? Os alunos acham pouca?

14. Edna é coordenadora do turno da tarde. O que implica ser coordenadora do turno da tarde?

15. Edna preocupa-se em atender às necessidades dos alunos. Como identificar as necessidades dos alunos? De que tipo?

16. Edna se preocupa se os alunos entendem sua proposta de trabalho. Em que consiste a proposta?

17. Edna se preocupa com o relacionamento professor/aluno. O que a preocupa?

18. Edna se preocupa com o relacionamento aluno/aluno. O que é esse relacionamento?

19. Edna se ressentida da falta de material pedagógico adequado. O que pode ser material pedagógico adequado?

20. Dorinha é profa. de apoio e coordenadora do turno da manhã. O que implica ser profa. de apoio e ser coordenadora do turno da manhã?

21. Por que a preocupação maior de Dorinha é com o afastamento do aluno (desistências com justificativas de cunho pessoal)?

22. Dorinha acha muito lenta a evolução dos alunos da Edinha. Por que acha lenta?

23. Dorinha diz que o aluno Maurício (da profa. Andréa) é “o mais agarrado”. De que se trata?

24. As inquietações de Natália “estão nas dificuldades que alguns alunos têm de aprender/compreender”. Aprender/compreender o que? A que Natália atribui tais dificuldades de José Ricardo e Maria Aparecida?

25. A ortografia preocupa muito Natália. Por que?

26. Natália tem dúvidas quanto à definição curricular. Quais dúvidas? O que quer dizer com definição curricular?

27. Natália não sabe se os aspectos da gramática devem ser mais enfocados. Para que?

28. Marília diz que “apesar de ainda muito melindrosos nas relações [os alunos] melhoraram na convivência, mas são tão ‘avoadinhos’”. Há exemplos de melindres, de melhoria na convivência e de “avoação”?

29. Marília diz que as turmas têm dificuldade para entender. O que?

30. Elaborou-se uma lista de alunos para participar de oficinas de ortografia e leitura. Como é uma oficina dessas?

31. Por que Robertson usa como referência para o seu trabalho os “conteúdos dos livros seriados” do ensino fundamental (5a. a 8a.)?

32. Robertson diz que procura privilegiar os assuntos verbalizados pelos alunos como tema de estudo e discussão e dá os exemplos da verminose e do tétano. Por que são esses assuntos?

33. Denise se incomoda com a entrada de alunos novos durante o ano. Por que entram no meio?

34. Denise diz que os que entram durante o ano não “têm como acompanhar a turma”. O que seria acompanhar a turma? Por que teriam que acompanhar? Em que?

35. Denise aponta a dificuldade de lidar com os “desníveis de raciocínio dos alunos”. Por que isso é um problema?

36. Por que Vanda tem como uma de suas principais preocupações o número reduzido de suas aulas e de alunos na sala 5?

37. Vanda crê que os alunos das salas 4 e 6 têm “um nível maior de compreensão”. De que? Por que é maior?

38. Vanda diz ter “muita dificuldade em lidar com as limitações de alguns alunos”. Que dificuldade? Quais limitações?

39. Vanda tem procurado “voltar seu trabalho para que o aluno vá além do texto explícito”. O que quer dizer ir além?
40. Zulma também tem se “preocupado com o abandono/desistência de muitos alunos”. Por que?
41. Zulma diz que tem “algumas hipóteses”. O que Zulma quer descobrir?
42. Zulma fala em redimensionamento do número de aulas e de assessoria quanto ao ensino de matemática e que “o grupo gostou”. De que exatamente o grupo gostou?
43. Zulma fala de reorganização “do nosso tempo e espaço”. Do que se trata?
44. Zulma fala em implementação de oficinas. De onde vieram as oficinas. Como funcionam?
45. Zulma diz que as oficinas são para “atender as especificidades e necessidades de nossos alunos”. Quais são? Como são identificadas? Quem identifica? Quando? Faz-se alguma priorização?

V. Relatos das conversas em duplas realizadas pelas coordenadoras Ivana e Edna com docentes – 5/09/2005

Estamos enviando-lhe o nosso para casa. Conversamos com 15 professores que atuam no 1 e 2 ciclos no período da tarde em nossa escola. Essas conversas foram feitas nos tempos pedagógicos de cada um. Devido as dificuldades que temos com as constantes falta de professores, não foi fácil realizar o para casa e nem todos tiveram disponibilidades para responder nossas questões. Segue a transcrição das falas .

Cleusa : principal preocupação é com os alunos que não venceram etapas no processo de aprendizagem e continuaram passando a etapa seguinte do seu ciclo, sem o conhecimento básico que cada etapa requer. Com turmas com mais de 30 alunos é difícil fazer trabalhos individuais. Outra

preocupação é com o critério de enturmação da escola plural (idade), onde os alunos vão tendo cada vez mais dificuldades para avançar dentro da limitação de cada um, fazendo com que o profissional fique com a terrível inquietação de que não conseguiu fazer o seu trabalho com eficiência.

Lourdes: A maior preocupação é sanar as dificuldades que envolve a alfabetização em todo o seu processo. Crianças que paralisam no processo de alfabetização. Acha que a maior demanda é a formação de

professores. Acredita também que falta material apropriado para o atendimento mais

adequado as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem

Mary: A sua maior preocupação é que a escola não deve só repassar o conhecimento, deve também procurar despertar o desejo de aprender junto, tendo a criança como eixo em todo o seu processo para que possa valorizar o seu aprendizado. Acredita que é necessário despertar no grupo um

sentimento de coletivo construindo um ambiente de paz e harmonia.

Acredita que é fundamental encontros semanais voltados para a prática, que favorece a aprendizagem de um modo geral. Acha também importante a ajuda de outros profissionais para troca de experiências, treinamento em várias áreas.

Maria do Carmo vê a escola inserida numa sociedade cada vez mais complexa. As famílias estão desestruturadas e sem condições de oferecer o suporte necessário ao bom desenvolvimento das crianças. Faltam bens, falta carinho, falta tempo. Muitas destas crianças tem o seu sistema

neurológico e também psicológico bastante afetados, necessitando de acompanhamentos paralelos.

Vera tem muitas inquietações principalmente quanto ao rumo da educação.

Para ela a figura do professor não está mais definida e o professor tem andado na contramão dos pais. Questiona os rumos para conseguir a formação dessas crianças. Quanto às dificuldades ela aponta a falta de meios e recursos para ajudar o educando. O que fazer com a disciplina/indisciplina, com a falta de respeito do aluno com o professor e demais funcionários da educação?

Vanesca tem a maior preocupação com a qualidade de ensino. Quanto a demandas espera que o acompanhamento familiar melhore, pois percebe-se que os alunos que possuem assistência em casa são mais estimulados e possuem mais facilidade para aprender.

Aline tem a preocupação com os princípios básicos, limites, materialidade. A falta de compromisso da família com a educação. Ela diz ter feito a sua parte enquanto profissional, acompanha todo o processo, Sente que necessita de uma formação de pós-graduação á nível de crescimento pessoal e não profissional .

Ana Cristina acredita que a maior preocupação da escola deveria ser com os alunos com defasagem nos conteúdos e que são "empurrados" para o

ano seguinte. Sente que falta coordenação pedagógica na escola e sente falta de uma equipe de suporte (fonoaudiólogo, psicólogo, assistente social e

outros). Acha também que nossa escola faltam regras bem definidas tanto para professores , alunos e demais funcionários.

Solange preocupa principalmente com o grande número de alunos que não atinge os objetivos propostos. Acha que isto se deve muitas vezes a falta de sistematização dos trabalhos. Ela se preocupa também com a qualidade do ensino e com a acomodação dos professores. Acredita que a

maior demanda da escola hoje é o cargo de pedagogo para que haja maior organização do trabalho pedagógico.

Margarete sente que a falta de solidariedade entre os colegas é um fator que emperra o trabalho pedagógico. A ausência da família na escola, o descompromisso do poder público e a falta de acompanhamento pedagógico são fatores que também entravam o trabalho. Ela acredita que mais cursos de formação para os professores podem amenizar o problema.

Cleide tem a preocupação com os alunos que saem do fundamental sem realmente ter aprendido o que era proposto para este nível de ensino. Ela acredita que a culpa não é só do professor e que toda a estrutura precisa ser revista.

Rita tem grande preocupação com o descaso da família para com a escola. Ela só se preocupa quando acha que seu filho ficou prejudicado. Para ela, a escola perdeu o valor enquanto instituição de formação ela passou só ter importância como um lugar para a criança ficar enquanto a mãe

trabalha ou para receber a bolsa-escola. Ela acredita que acabou o respeito dentro da escola.

Ivana Lott

----- Mensagem Original -----

Assunto: para casa do último encontro

De: edna.pereira@pbh.gov.br

Data: Ter, Setembro 6, 2005 6:37 pm

Para: edna.pereira@pbh.gov.br

Ei Elie!! Estamos novamente dando continuidade ao nosso para casa. A professora Rita de Cássia tem como preocupação o descaso da família com a escola. O não acompanhamento quanto ao rendimento escolar. A família temse preocupado em fazer da escola um lugar enquanto a mãe trabalha ou parareceber a bolsa escola. Acabou o respeito dentro da escola. A professora

Rita de Cássia acha que as demandas estão em:

Trabalhar com a família mais valores

Maior presença dos pais na escola

ter mais momentos de atendimento com os pais (momento com os pais).

Já a professora Marisa se preocupa com relação as seguintes questões:

Materialidade, desinteresse das autoridades responsáveis pela educação pública, escassez de profissionais desestruturação do sistema educacional público, ausência da referencia familiar dos alunos, instabilidades trabalhistas e financeira, anseios pessoais não realizados, faltas de perspectivas.

A professora Denise tem as seguintes inquietações:

Desvalorização do profissional, Falta de apoio pedagógico para alunos necessitados (estrutura, organização, inclusão...), o sentido do saber para crianças tão sem referencia e estrutura familiar (estudar para quê?), fracasso escolar aliado a indisciplina (como lidar?), política pedagógica

demagoga que manda "respeitar" as individualidades mas se esquece do indivíduo.

----- Mensagem Original -----

Assunto: continuação do para casa

De: edna.pereira@pbh.gov.br

Data: Ter, Setembro 6, 2005 6:56 pm

Para: edna.pereira@pbh.gov.br

Expectativas:

Precisamos de respostas, urgentemente. Chega de perguntas e vazios. A professora Andreia Gomes e que suas inquietações estão relacionadas ao caos em que a nossa sociedade se encontra; o fato de observar e não poder agir diante da violência, da falta de limites dos alunos, da falta de

estrutura familiar e até da falta de condições básicas de sobrevivência.

As preocupações giram em torno do dia-a-dia escolar conturbado, resultado da situação descrita acima e da dúvida: será que estou agindo da melhor maneira?

Encontro dificuldades em lidar com situações que fogem do nosso controle, como por exemplo a ausência dos pais.

As inquietações da professora Andreia Lúcia são: qual é a linguagem que deve ser usada para chamar os pais a responsabilidade, participação? Qual é o vetor que nos levará à propagação do que queremos transmitir? Que rumo tomar para conseguir a formação desses jovens abandonados pela família?

Suas dificuldades são a falta de meios, recursos para ajudar o educando; a falta de respeito do aluno com os professores e demais profissionais da educação, a ignorância da família.

Um abraço Elie, até sexta-feira.

Edna e Ivana.

IV. Reunião de assessoria – 9/10/2005

Pauta: revisão e preparação de tarefas.

Elie Ghanem leu perguntas formuladas a partir de relato de Zulma Canuto sobre as conversas em duplas já realizadas. Cada pergunta foi brevemente comentada.

Zulma Canuto ficou encarregada de escrever sobre sua experiência em programar o trabalho com as turmas quando trabalhou como professora eventual. Ivana Lott ficou também de escrever sobre a atitude das professoras (melindres e sua superação, queixas quanto à disciplina de alunos e quanto a pais etc.).

Emerson Zivianni ficou de fazer uma lista de docentes e não-docentes, com os respectivos endereços eletrônicos existentes, para viabilizar a comunicação à distância.

Dorinha e Edna Bernardete chamaram a atenção para dificuldades referentes à indisciplina de alunos, à atuação educativa das famílias e à criminalidade local.

Regina Silva observou que é necessário “mudar a cabeça do pessoal” quanto à prática de “dar aula por dar aula”.

Ivana Lott informou que estava previsto um encontro com organizações locais em 21/9/5, às 14h, na sede do projeto Providência. Combinou-se comparecer ao encontro para manter contato com as organizações presentes.

Quanto a visitas a algumas dessas organizações por docentes da EMPAT, combinou-se de consultar o corpo docente sobre quais gostariam de visitar.

Elie Ghanem encarregou-se de organizar os assuntos surgidos nas conversas em duplas com docentes. Com uma lista, na reunião de assessoria seguinte, serão apontados assuntos prioritários para abordá-los metodicamente.

Próxima reunião de assessoria: 21/10/5, 18h às 20h. Pauta: lista de assuntos prioritários; planejar visitas de docentes a organizações locais.

VII. Levantamento de espaços educativos da comunidade para visitação

Belo Horizonte, 19/10/05

Elié, estamos enviando o nosso "para casa" do encontro passado.

Na reunião com os professores do segundo turno conversamos sobre quais locais da comunidade gostariam de visitar ou conhecer melhor. Todos se mostraram interessados no assunto e a discussão foi bastante proveitosa. Chegamos a conclusão que pouco conhecemos da comunidade na qual trabalhamos. Para os professores do 2º turno deveríamos conhecer: a Pizzaria, o restaurante, o projeto providência e a rádio Taquaril. Achamos que seria interessante sairmos da escola numa sexta-feira para as eventuais visitas. No momento estamos participando de um projeto pela paz encaminhado pelo Projeto Providência que tem a adesão também da rádio e do projeto Fica-Vivo. acreditamos que será uma boa oportunidade para iniciar-mos o contato entre escola e comunidade.

Grande abraço, Ivana e Edna

Escola Municipal Professora Alcida Torres

VIII. Reunião de assessoria – 21/10/2005

Presentes: Elie Ghanem elie@usp.br; Dorinha maria.araujo@pbh.gov.br; Edna Bernardete missisjosi@yahoo.com.br; Ivana Lott ivana.lott@pbh.gov.br; Regina Maria Félix de Melo e Silva regina.silva@pbh.gov.br; Zulma Canuto zulmacanuto@bol.com.br

Pauta: lista de assuntos prioritários; planejar visitas de docentes a organizações locais.

Elie Ghanem lembrou tarefas combinadas anteriormente: a) escrever sobre sua experiência em programar o trabalho com as turmas quando trabalhou como professora eventual (Zulma Canuto); b) escrever sobre a atitude das professoras, tais como melindres e sua superação, queixas quanto à disciplina de alunos e quanto a pais etc. (Ivana Lott); c) lista de docentes e não-docentes, com os respectivos endereços eletrônicos existentes, para viabilizar a comunicação à distância (Emerson Zivianni). As tarefas de escrever não se realizaram porque a Semana da Criança e

o Dia do Professor ocuparam demais as pessoas. Ivana Lott comprometeu-se a fazer a tarefa antes destinada a Emmerson Zivianni.

Ivana Lott informou sobre encontro (da micro-região) com organizações locais realizado em 21/9/5, às 14h, na sede do projeto Providência. Compareceu o pessoal das escolas e de duas associações. Aprovaram a realização de uma campanha com o lema: A paz depende de nós: nossa família tem o compromisso com a paz. Em 16/11/5, das 8h às 16h, haverá atividades na praça Che Guevara: uma caminhada, uma celebração com o padre Mário, rua de lazer, apresentação de coral e violão. Foi feito e impresso um cartaz da campanha. No final do mês, haverá também concentração na favela Fazendinha, com pessoas do projeto Providência. Elie Ghanem apresentou uma lista com 26 assuntos extraídos de relatos de conversas em duplas com docentes, registrados por Dorinha, Edna Bernardete, Ivana Lott e Zulma Canuto:

- 1.O que é um “horário de projeto dos professores”?
- 2.O que é uma “professora referência da turma”?
- 3.Como identificar necessidades dos alunos?
- 4.O que é material pedagógico adequado?
- 5.Baixa freqüência e evasão escolar: causas e formas de enfrentamento.
- 6.Ritmos de aprendizagem.
- 7.Alunos que parecem não entender a professora (assuntos e a forma como estes se apresentam).
- 8.Gramática e ortografia: escrever conforme a regra e para ser entendido.
- 9.Interesse dos alunos nos assuntos do professor e interesse do professor nos assuntos dos alunos (ver 3.).
- 10.Alunos que entram no meio do ano: causas e abordagens (ver 5.).
- 11.Concorrência e desprezo: que princípios devem pautar as relações entre as pessoas na escola: ajuda mútua na aprendizagem? Ajuda mútua?
- 12.Por que os professores faltam (absenteísmo)?
- 13.O que é preciso aprender? Quem define? Com quais critérios? (ver 1., 3., 7. e 9.). Mary (conversou com Edna Bernardete): “a escola não deve só repassar o conhecimento, deve também despertar o desejo de aprender junto (...) despertar no grupo um sentimento de coletivo, construindo um ambiente de paz e harmonia”.
- 14.Critério de idade na enturmação da Escola Plural (ver 1., 3., 7., 9., 11. e 13.).
- 15.Quantas famílias são desestruturadas?
- 16.A falta de bens ou de tempo dos adultos está relacionada à falta de carinho? A falta de carinho está relacionada às dificuldades de aprendizagem ou da vida escolar? Esses fenômenos se manifestam em quantos alunos? Como são enfrentados?

17. Que condutas as professoras esperam das famílias dos alunos tendo em vista a aprendizagem? Que meios seriam necessários para o desempenho esperado das famílias?

18. Que condutas são consideradas indisciplina (falta de respeito de alunos com adultos)?

19. Que professoras querem estudar? O que querem? (ver 10. e 12.)

20. Cooperação entre serviços escolares e serviços de saúde (fonoaudiologia, psicologia, medicina).

21. Definição de normas de conduta. (ver 16. e 18.)

22. Solidariedade entre docentes. (ver 10., 12., 17. e 19.)

23. As expectativas das famílias de alunos(as) quanto à educação escolar são diferentes das expectativas das professoras? (ver 13., 14., 15., 16. e 17.)

24. Momentos de entendimento entre familiares de alunos(as) e professoras [talvez visitas domiciliares?]. (ver 12., 13., 14. 15., 16., 17., 21. e 23.)

25. Quantidade adequada de profissionais: (valorização) jornadas e remuneração.

26. Educação escolar e alternativas de sobrevivência (integração na economia).

Desse conjunto de assuntos, foram indicados como prioritários os seguintes:

Como identificar necessidades dos alunos?

Concorrência e desprezo: que princípios devem pautar as relações entre as pessoas na escola: ajuda mútua na aprendizagem? Ajuda mútua?

Que professoras querem estudar? O que querem? (ver 10. e 12.)

Próxima reunião de assessoria: 21/10/5 [posteriormente, adiada para 2/12/5], 18h às 20h. Pauta: lista de assuntos prioritários; planejar visitas de docentes a organizações locais.

IX. Conversa entre gestor e a coordenadora Ivana Lott – novembro/2005

São Paulo, 16 de novembro de 2005.

Caríssima profa. Ivana Lott,

Estou bem, obrigado. Desejo o mesmo a você. Vejo que diversos fatores se conjugam para que o trabalho de pessoas das equipes técnicas seja cerceado e mesmo neutralizado. Um dos principais é a noção que a maioria das pessoas, inclusive das docentes, do que deve ser a atividade educativa na escola. O trabalho docente é concebido como trabalho

solitário. As expectativas gerais são de que esses(as) profissionais dominam todo o saber necessário para trabalhar.

As jornadas, por sua vez, se adequam muito a essa concepção e a conversa entre docentes sobre seu trabalho é vista como supérflua, ocasional, fortuita e marginal. Nesse ambiente, as tentativas de interação são consideradas inconveniência de intrusos. A divisão de funções se cristaliza em um funcionamento mecânico da escola. Por tudo isso, seria um equívoco atribuir as dificuldades de instalar diálogos produtivos entre profissionais como mera incapacidade pessoal. Acredito que você tem toda razão quando diz: "Poderia ter sido melhor mas o sistema não permitiu".

O projeto Sampabega, que estamos implementando, é um dos esforços para encontrar vias de enfrentar esse estado de coisas. Voltaremos a falar disso. Obrigado por ter escrito.

Abração!

--

Elie Ghanem (professor)

Faculdade de Educação da USP

Avenida da Universidade 308 Cidade Universitária

05508-900 São Paulo SP

Citando "ivana.lott" <ivana.lott@pbh.gov.br>:

> Belo Horizonte, 16/11/05

> Elié, Como vai!

> Estive pensando no relato sobre a coordenação pedagógica na EMPAT. Não foi tarefa fácil redigir sobre esse assunto pois exigiu muita reflexão acerca do trabalho realizado. A princípio tive certa resistência a escrever pois de uma forma ou de outra achava que expunha minha incompetência para o cargo uma vez que em poucos momentos exerci o papel que acredito ser de coordenador pedagógico . Depois entendi que a estrutura do 2º turno não permite o trabalho do coordenador, ficando este restrito a ser eventual. Cheguei na escola em fevereiro de 2004 e no decorrer do ano não entendia o trabalho do professor sozinho sem acompanhamento pedagógico. Foi então que resolvi candidatar-me ao cargo de coordenação. Por ser novata na escola senti uma resistência inicial dos professores. Nenhuma proposta encaminhada foi implementada. Achei que fosse comigo mas depois compreendi que é com a coordenação, seja ela quem for. O coordenador é visto como eventual e disciplinário.

Recentemente alguns professores me procuraram com desejo de acompanhamento pedagógico. Dentro dos limites que tenho atendi como pude. Poderia ter sido melhor mas o sistema não permitiu. Não sei se isso poderá mudar algum dia. Sei que vou levantar a questão na primeira oportunidade que tiver, pois acredito que a coordenação pedagógica vai

além de ser eventual ou disciplinário. Acredito também que o professor precisa de alguém para acompanhá-lo para dizer onde está errando e até onde está acertando.

Com o tempo acho que poderei elaborar melhor meu pensamento.

Um grande abraço, Ivana

X. Reunião de assessoria – 2/12/2005

Presentes: Edna Edinha Bernardete Pereira ednapereira@pbh.gov.br;
Elie Ghanem elie@usp.br; Maria Auxiliadora Dorinha Araújo
maria.araujo@pbh.gov.br; Mirian Assumpção e Lima
mirian@pmmg.mg.gov.br; Zulma Canuto zulma@pbh.gov.br

Ausentes: Emmerson Ziviani eziviani@yahoo.com; Ivana Lott
ivana.lott@pbh.gov.br; João Bosco Guimarães daniet@terra.com.br;
Marcos Flávio Prata mfprata@pib.com.br; Regina Maria Félix de Melo e
Silva regina.silva@pbh.gov.br; Ronei Marcelo roneim@pbh.gov.br

Pauta: lista de assuntos prioritários; planejar visitas de docentes a organizações locais.

Os assuntos que haviam sido priorizados para abordar coletivamente pelo corpo docente e equipe técnica estavam com a seguinte redação:

1. Como identificar necessidades dos alunos?
2. Concorrência e desprezo: que princípios devem pautar as relações entre as pessoas na escola: ajuda mútua na aprendizagem? Ajuda mútua?
3. Que professoras querem estudar? O que querem?

Para que se possa dar tratamento a esses assuntos, Zulma Canuto sugeriu utilizar “sábados escolares” (são quatro por ano e a prefeitura cogita de estabelecer 10 durante 2006) e as noites de sexta-feira, já disponíveis para formação de docentes. O corpo docente dos períodos da manhã e da tarde não dispõe desse tempo. Mirian Lima propôs que o Instituto Pauline Reischtul assumisse atividades com alunos da manhã e da tarde nos dias em que docentes estiverem conversando sobre os assuntos priorizados. Uma vez por mês (toda última sexta-feira), serão programadas atividades com as 19 turmas da manhã e com as 19 turmas da tarde.

Elie Ghanem apontou o cuidado que se deve ter para que não haja uma rígida divisão de tarefas, separando docentes da escola e educadores(as) do Instituto, pois há um aprendizado a gerar com a atuação conjunta desses dois tipos de profissionais em contato direto com alunos(as), em atividades que não seriam aulas conforme convencionalmente se entende. Mirian Lima propôs que se estudasse a articulação desses dois grupos nas atividades do segundo semestre de 2006. A sexta-feira em

que se iniciará essa prática pelo Instituto será 24/2/6. Mirian Lima apresentará, em 1/2/6, proposta detalhada para entendimentos com a equipe técnica e o corpo docente da Empat.

O modo de tratamento dos assuntos priorizados obedecerá aos seguintes passos: a) Consultas a docentes em rodada de conversas em duplas (uma integrante da equipe técnica com uma do corpo docente) para explicitar hipóteses e propostas de procedimentos, incentivando que falem livremente a respeito; b) Equipe técnica sistematiza o que for colhido nas conversas em duplas e circula para obter comentários sobre o conjunto do material; c) Equipe técnica sistematiza material e comentários, interpreta e submete ao corpo docente, em conversas por duplas e em reuniões, para firmar pactos de ação; d) Somente após iniciado o processo de abordagem do assunto 1, dar-se-á início ao processo de abordagem do assunto 2 e, após iniciado com este, dar-se-á início com o assunto 3.

A próxima rodada de conversas em duplas está prevista para fevereiro de 2006.

Próxima reunião de assessoria: Elie Ghanem entrará em contato em fevereiro de 2006 para marcar reunião em março. Pauta: balanço das ações iniciadas pela equipe técnica; definição de cronograma de atividades em 2006.

XI. Reunião de assessoria – 25/04/2006

Presentes: Elie Ghanem – elie@usp.br; Rita Monte – les_timbales@yahoo.com.br; Tenente-Coronel Miriam - ; Cícero -; Regina -; Edna-; Dorinha-; Ivana-; Vera-.

Antes da reunião começar, prof. Cícero e Elie conversaram sobre o projeto Sampabeagá e sobre os projetos que a EMPAT estava desenvolvendo desde a última reunião de assessoria, em _ de dezembro de 2005. O prof. Cícero informou que a escola está realizando oficinas, feitas por docentes e alunos. Ele os mobilizou para realizar o primeiro ciclo de oficinas, e já fez levantamento de interesses desses alunos e docentes a fim de formatar novas oficinas. Ele disse que está descobrindo e incentivando o uso dos talentos dos docentes nas aulas: “para que eles sintam que a escola pode ser outra escola”, comentou. Citou o prof. Marcos Flávio, que é artista plástico e que poderá dar oficina de mangá (tipo de ilustração japonesa). Informou que há tantoicineiros de fora da escola, como os próprios docentes e até os alunos.

O prof. Cícero também tirou fotos de todos os alunos para fazer ficha de identificação para a escola (e que, depois, as disponibilizará na internet). Além disso, informou que docentes e alunos do período da manhã criaram um pacto de convivência e destacou que os alunos querem mais punição que os docentes. (Cícero ficou de enviar cópia desse pacto para Elie por e-mail).

Percebeu-se que as oficinas, já realizadas pela EMPAT, serão um bom artifício para liberar tempo para as reuniões do Sampabeagá da Equipe Técnica com os docentes. Dividiu-se, então, essa intenção em 2 fases:

- Fase 1: docentes e alunos fazem a oficina (como oficinairos e participantes);
- Fase 2: educadores dão oficinas e docentes são liberados para as reuniões com a Equipe Técnica.

Alunos querem que as oficinas sejam quinzenais. Se isso for assim para a fase 2 será excelente.

No entanto, foi informado que esse esquema de oficinas só está acontecendo para o 1º turno. O 2º turno está sendo “testado”.

Outro informe: no dia 16/05 haverá um encontro na escola com 16 entidades da “comunidade”, visando ao estabelecimento de parcerias.

Ivana fez um relato sobre como o Sampabeagá influenciou na transformação das práticas da docência na escola. Disse que ela refletiu bastante desde que começou a trabalhar com o projeto, e atestou que em duplas os professores se “expõem” mais para falar sobre “fraquezas”.

Elie começou retomou o ponto em que o trabalho parou (conforme ata da reunião anterior, lida no momento); a Equipe Técnica havia eleito 3 prioridades de atuação.

Juntando-se o momento das oficinas com as prioridades de atuação da Equipe, sugeriu-se o seguinte (combinado para a próxima reunião):

- refletir sobre o que é determinar necessidades dos alunos – como esse debate se dá no interior da Equipe Técnica?

Com essa reflexão, que será realizada no período ATÉ o próximo encontro da Assessoria do Sampabeagá, a próxima reunião poderá ter mais subsídios para debater os próximos passos do projeto.

Próx. Reunião: marcada para 23/05, terça-feira, às 17h30, na EMPAT.

Para casa:

Vera – enviará a Cícero, que enviará a Elie e à Rita, resultado da reunião com as entidades da comunidade de 16/05;

Cícero – enviará a Elie cópia do pacto;

Todos – refletirão sobre o que é “determinar necessidades dos alunos”, para fomentar o debate para o próximo encontro.

XII. E-mail do gestor comentando sistematização realizada pela equipe técnica acerca dos interesses dos alunos – 05/08/2006

São Paulo, 8 de agosto de 2006.

Caríssima profa Zulma Canuto,

Muito obrigado pelo envio da sua sistematização. As informações são Muito interessantes.

Fiquei com uma dúvida. Aparentemente, você perguntou a colegas docentes quais as necessidades de alunos(as), na opinião de docentes. E o pessoal respondeu. Mas, a pergunta que tínhamos era: como identificar necessidades (de docentes e estudantes)? Entre outros aspectos, essa pergunta remete à idéia de que tais necessidades são mutantes, são vistas de modos diferentes pelas pessoas e podem ter importância variável para cada uma. Isso requer procedimentos constantes e versáteis de identificação de tais necessidades. Além de procedimentos para hierarquizá-las de maneira a enfrentar as consideradas prioritárias. Conforme combinamos em nossa reunião mais recente (23 de maio de 2006).

Vamos conversar a respeito do tema na próxima. Proponho que seja em 23 de Agosto próximo, às 17h30, aí na Escola Municipal Profa. Alcida Torres, Belo Horizonte.

É possível? O pessoal da equipe técnica poderá?

Abração!

--

Elie Ghanem (professor)
Faculdade de Educação da USP
Avenida da Universidade 308 Cidade Universitária
05508-900 São Paulo SP

----- Mensagem encaminhada de zulma@pbh.gov.br -----

Data: Sat, 5 Aug 2006 19:12:20 -0300 (BRT)

De: zulma@pbh.gov.br

Responder para: zulma@pbh.gov.br

Assunto: Quadro 1 e 2 Empat

Para: elie@usp.br

Olá Elie, como foi de férias?

Por aqui, tudo bem, retornamos os trabalhos no dia 1º. Gostaria de dar notícias sobre o "Para Casa": o que pensam os professores da EJA sobre as necessidades de nossos alunos. Usei a seguinte estratégia em reunião pedagógica ocorrida na primeira semana de julho:

- Em duplas ou individualmente, os professores deveriam preencher o quadro 1 e individualmente, o quadro 2. (Quadros com sistematização anexados)
- Este mês, usarei a mesma estratégia com os alunos para preenchimento do quadro 2 e depois confrontarei com o quadro 1, ou seja, com a visão dos professores de quais seriam as necessidades dos alunos.
- Deu para entender? Maiores detalhes e esclarecimentos serão feitos quando vier à Empat.
Um grande abraço,

QUADRO 1

QUAIS AS NECESSIDADES DOS NOSSOS ALUNOS?	QUEM DEVE ATENDÊ-LAS?	COMO ATENDÊ-LAS?
<p>.Carinho, afetividade, companheirismo, acompanhamento diário, regras e limites</p> <p>. Emprego, lazer, cultura, saúde, educação, moradia, segurança, trabalho, dinheiro, lugar onde deixar os filhos com segurança</p> <p>. Certificado de conclusão do E.Fundamental</p> <p>. Inserção ao mundo cultural</p> <p>. Ingressar e ou permanecer no mercado de trabalho</p> <p>. Cognitivas – desenvolvimento das competências básicas: lingüísticas, fazer uso da língua falada e escrita, interpretar o mundo, desenvolver a capacidade do raciocínio lógico, domínio do “mundo matemático”, compreensão das diferentes relações (contexto causa x efeito, dominação...) para entender os fatos atuais</p> <p>. Alunos adultos com boa aprendizagem – material didático (livros ou apostilas)</p>	<p>Família/escola</p> <p>Governo, escola, sociedade</p> <p>Aluno x Escola</p> <p>Escola (coordenação e professores)</p> <p>Instituições públicas, políticas públicas</p> <p>Escola (coordenação, professores e política educacional)</p> <p>A escola ou grupo de professores</p> <p>A escola através dos professores e outros profissionais</p> <p>A PBH e a escola</p>	<p>Abertura para a família na escola</p> <p>Estabelecendo políticas públicas</p> <p>Currículo e metodologias adequadas ao aluno real</p> <p>Organizar atividades que “agradem” aos alunos e prepará-los para aproveitá-las</p> <p>Escola – desenvolvimento da linguagem oral, leitura, escrita, etc, etc.</p> <p>Conhecer o grupo. Trabalho mais personalizado (agrupamentos, aulas partilhadas...) para atender realmente a cada aluno</p> <p>A escola adquirir ou elaborar apostilas</p> <p>Organização por agrupamentos, atividades em grupos, parcerias com a PBH ou universidades</p>

<p>. Alunos adultos com dificuldade de aprendizagem: acompanhamento mais individualizado; atividades de valorização da auto-estima; Orientação para a vida extra-escolar feita por profissionais especializados ou pelos próprios professores; material didático como livros ou apostilas</p> <p>. Alunos jovens com dificuldade de aprendizagem: ensino profissionalizante, atividades esportivas saudáveis, orientação sobre sexo e saúde, aprender a ler e a escrever</p> <p>. Cidadania</p>	<p>Movimento popular</p>	<p>Parcerias, oficinas, organização da escola</p> <p>A escola – indicando as organizações que devem ser procuradas</p>
---	--------------------------	--

QUADRO 2

QUAIS SÃO AS MINHAS NECESSIDADES?	QUEM DEVE ATENDÊ-LAS?	COMO ATENDÊ-LAS?
<p>Financeiras, educação, lazer e cultura, segurança, ganhar mais e trabalhar menos para atender melhor, valorização profissional</p> <p>. Coletânea de livros de literatura, escaninho novo c/ divisão e alto, conseguir manter o aluno presente</p> <p>. Integração direção/coordenação, materiais específicos para Ed. Física, uma escola</p>	<p>Nós mesmos, o governo, a sociedade</p> <p>Escola / nós</p> <p>Direção, PBH, nós professores, coordenadores, direção, porteiros, etc</p> <p>O professor/ a escola</p>	<p>Salário digno, oportunidade de aperfeiçoamento profissional, formas de lazer e entretenimento mais acessíveis e diversificados, mais emprego e eficiência policial</p> <p>Priorizar itens na lista de aquisições, projeto de “motivação”, projetos de trabalhos mais interessantes</p> <p>Batalhando por eles</p>

<p>mais humana e disciplinada</p> <p>. Atender as demandas do coletivo, saber conciliar teoria e prática, para avançar no processo do ensino da leitura e escrita</p> <p>. Materialidade disponível e equipamentos da escola funcionando</p> <p>. Material didático adequado ao público da EJA p/ serem distribuídos aos alunos</p> <p>Trabalhar de forma estimulante e satisfatória, retorno dos alunos: estão aprendendo, gostam das aulas, estão mais críticos e conscientes? Seriedade e respeito</p>	<p>PBH</p> <p>A escola/PBH</p> <p>A escola – pessoal da administração e coordenação – pode e deve dar um suporte básico: materialidade, infra-estrutura, apoio</p>	<p>Conhecer mais o coletivo, cursos de formação</p> <p>Desburocratizando a escola , revalorização da profissão</p> <p>Procurar adquirir ou elaborar no formato de cadernos ou apostilas</p> <p>O pessoal administrativo pode cuidar da disciplina e impor limites aos abusos, avaliações periódicas das turmas a respeito do trabalho do professor</p>
---	--	--

XIII. Reunião de assessoria – 23/08/2006

Em 23/8/6, estiveram Zulma Canuto, Ivana Lott, Edna Edinha e Maria Auxiliadora Dorinha. Estava acertado com elas conversarmos sobre os resultados de uma consulta, que elas deveriam ter feito junto ao corpo docente (aquela idéia de duplas), sobre como identificar necessidades. Informaram-me que foi difícil fazer a consulta porque mudaram os horários disponíveis. Havia reuniões pedagógicas todas as sextas-feiras, de duas horas. Durante 2005, essas horas foram cortadas pela prefeitura, a partir de uma ação do Ministério Público, que alegou prejuízo aos alunos (estes eram dispensados na metade do turno). Como incentivo à reunião pedagógica (prevendo-se três no primeiro semestre e quatro no segundo), paga-se um abono de R\$ 800,00 a quem comparece às sete reuniões. Estas ocorrem fora do horário de aulas (espécie de hora-extra). Edinha acrescentou que chegarm quatro novos docentes concursados à escola, que requerem atenção, "fora as faltas rotineiras". Após essas explicações, Ivana Lott disse que os contatos com o corpo docente visavam responder a pergunta: quais as necessidades dos alunos? Eu fiz um reparo. A pergunta é: como identificar necessidades (não só de alunos)? Ivana Lott afirmou que precisam detectar quais as necessidades de um professor alfabetizador. Zulma Canuto informou que fez uma reunião com docentes no início de

julho e que havia preparado um instrumento para "delinear melhor o perfil do aluno". Entregou duas folhas (com três colunas) para docentes, individualmente ou em duplas, responderem quais as necessidades dos alunos. Eram 13 docentes do noturno. Enfatizei que a iniciativa de Zulma foi muito boa e que foi um exemplo de como estabelecer um meio de identificar necessidades, mas que o mesmo impulso e iniciativa não foi ainda observado da parte de cada docente.

Seguiram-se comentários das colegas sobre vários aspectos de dificuldades da realidade local e escolar, muitos dos quais referentes às condições familiares de estudantes. Pensei em enviar um texto de Giddens sobre família. Comentei novamente que o magistério, para enfrentar essas adversidades, precisará criar alternativas e, assim como todo mundo, precisa de: liberdade e apoio. Combinamos que as colegas da equipe técnica retomariam a interação com o corpo docente, fazendo um esforço para delinear alguns tipos de necessidades (de equilíbrio familiar, afetivas, estéticas, políticas, econômicas etc.), colocando para cada docente a pergunta: "como você faz ou faria para identificar necessidades quanto a (...)?". Após sistematizarmos os resultados dessas conversas e consultas, passaríamos a: 1) como estabelecer as necessidades prioritárias a enfrentar?; 2) quais serão as atividades para enfrentá-las?

3.2 Entrevistas com a equipe técnica – BH

Regina
Diretora

Antes de ser diretora, você já sabia do projeto?

Sou diretora desde janeiro de 2005. O Elie já tinha apresentado suas intenções para o outro grupo (outra equipe técnica), mas o projeto ainda não tinha começado.. Na verdade, ele estava articulando ainda. **Daí a gente se colocou à disposição pra poder estar fazendo junto com ele esse tipo de pesquisa..**

O que você entende do Sampabeagá? (SPBH)

Olha, a princípio, eu tenho que dizer que eu estava bem perdida mesmo, sem saber quais que eram os objetivos. **A partir daí, quando a gente começou a fazer mesmo um trabalho com a comunidade escolar**, eu entendo que é pra estar buscando alternativas pra estar melhorando a qualidade de vida, tanto dos alunos quanto da comunidade que a escola atende. Agora, é um trabalho difícil, a longo prazo porque a coisa mais difícil que tem é colocar uma comunidade carente igual a essa que a gente tem aqui pra dentro da escola, por mais esforços que a gente faça, a gente não consegue porque os pais só aparecem assim no último caso mesmo. E buscar também parceria com os grupos que atuam fora da escola e que pertence à mesma comunidade, que também é um trabalho difícil – e não é o caso de BH – mas a gente vive num país que falta

política pública para atender esses indivíduos... Entendo também que tem muito a valorização do profissional da educação pra gente mesmo situar onde que a gente está, pra poder transmitir o que a gente tem... Para nós, que estamos dentro da escola, a gente tem que estar bem, né, entendi isso... E isso vem lá da pedagogia... Esqueci o nome da pedagogia... E também que o trabalho pra ele acontecer, pra poder dar certo, eu tenho que conhecer a comunidade onde estou inserida e o tipo de aluno que eu recebo, com quem eu trabalho.. Que ele [o professor] não ta aqui só pra dar aula, dar aula e pronto: tem outros valores da vida que ele [o aluno] não tem acesso e nós é que temos que dar, junto com esses alunos pra poder fazer esse trabalho. É isso o que eu estou entendendo.

Como você acha que participar desse projeto tem impactado na sua prática como diretora?

Tem o lado positivo e o lado negativo. Vou falar do lado negativo primeiro, que é a **falta de tempo mesmo que a gente tem dentro da escola**: hoje mesmo você ta vendo que eu não parei aqui dentro dessa sala. E a **falta de espaço pra professores mesmo dentro da escola, de estarem conversando**, a falta de reunião, a política que está aí, pelo menos em BH, nas escolas municipais, de tempo arrojado mesmo pra fazer esse tipo de trabalho. Por outro lado, no ano passado que foi um ano atípico, tivemos mais liberdade de estar nos organizando dentro da escola, nós já tivemos um lado positivo de levar os professores para dar um passeio em volta da escola, fazer uma caminhada.. **Depois disso, a relação de muitos professores mudou com os alunos dentro de sala porque eles tiveram o conhecimento também de onde esses meninos moram**, de onde estão saindo pra vir pra escola. E como eu moro na comunidade, eu pertencço a essa comunidade aqui, eu converso muito com os professores sobre a falta de acesso dos alunos daqui: eles são iguais, a idade deles é igual a de outras crianças no mundo inteiro, mas eles têm os limites deles e isso tudo é fruto de muita coisa que não é de responsabilidade nossa mas que não deixa de acontecer nas comunidades da periferia. E eu acho também que a gente fez um trabalho com esse projeto de relação dentro da escola, a relação dentro do grupo docente melhorou muito e isso é muito importante pra esse próprio caminhar...

Interrupção.

Você sente essa melhora na relação dos docentes vinda diretamente por conta desse projeto ou isso aconteceu naturalmente?

Acho os dois, primeiro porque tivemos uma orientação sobre a valorização do profissional, então começamos a arrumar tempo mesmo, apesar das dificuldades, pra poder estar conversando com professores dos três turnos (a gente dividiu isso entre direção e coordenação). Conversas que passavam além de sala de aula. E as pessoas foram conhecendo mais umas às outras.

Isso aconteceu quando?

Na verdade, não aconteceu tantas vezes quanto a gente gostaria, mas foi logo depois dessas conversas que começou a melhorar. Uma vez por semana a gente pegava os professores pra conversar durante um dia inteiro.. Isso aconteceu por 1 mês; com cada professor deu mais ou menos uns 3 encontros. Aí é isso.

Esses procedimentos de conversas em duplas foi proposto por quem?
Pelo Elie.

E você acha que foi adequado?

A princípio o pessoal que estava participando com ele – **porque ele não faz a reunião com o grupão, ele faz com o que ele chama de “equipe técnica”, que é a direção e as coordenações e dá uns “para casa” que a gente está repassando para os professores que isso aí foi um dos para casa.** Então, a princípio, a gente achou isso meio complicado, então dividimos os professores em grupos pra poder estar conversando, **porque nós mesmos não conhecíamos os professores com quem estávamos lidando...** Pessoas que a gente achava que ia ter dificuldades para estar conversando e não teve e pessoas que a gente achava que ia ser mais fácil de estar conversando, a gente teve mais dificuldade...Então isso é legal pra escola.

Interrupção

E essas conversas aconteceram por 1 mês, certo?

Certo, e nós da equipe técnica tivemos dificuldades em separar as pessoas porque assim: “ai, eu não vou conversar com fulano não porque fulano é assim” ou “ai, eu também não, tal, tal” e quando a gente foi ver, quando a gente fez uma avaliação das conversas, a gente viu que não era nada daquilo que a gente pensou em relação às pessoas, entendeu... E aí a gente foi conversando, foi se descobrindo, as pessoas.. O cargo que a gente ocupa também, tanto direção quanto coordenação, não tem como a gente se envolver só com a parte pedagógica ou administrativa isolada, a gente acaba se envolvendo também com problemas até pessoais dos professores, né? E aí a gente conseguiu descobrir muitas dificuldades – e aí também acho que nós ajudamos muito esses professores – em sala de aula, de domínio mesmo de poder trabalhar com o tipo de aluno que a gente tem dentro da escola...

Então a gente conseguiu em 2005 e 2006 ter um número bem menor, bem reduzido mesmo de falta de professores no trabalho, de licenças-médicas, e acho que isso é interessante.

Então você relaciona uma coisa à outra...

É, apesar de que também eu sempre fui uma pessoa muito aberta à conversa, ao diálogo, tem hora também que eu nem ouço porque é tanta coisa que você não dá pra resolver tudo, né? Então eu sempre fui uma pessoa muito aberta para estar ouvindo, eu sou uma pessoa muito

tranqüila, o vice-diretor também é muito tranqüilo.. E quando a gente se colocou enquanto candidatos à direção da escola, em 2004, e nosso trabalho seria em 2005 e 2006, a gente convidou as pessoas para estarem junto conosco, então não é uma direção isolada, é uma equipe...

E vocês ficam no cargo até esse ano, em outubro vocês fazem novas eleições, é isso?

Provavelmente, não tem data para isso acontecer, mas provavelmente... E a gente pode se recandidatar e nós pretendemos fazer isso porque nós pedimos para o grupo de professores fazer uma avaliação do nosso trabalho no final do semestre passado e foi uma avaliação muito positiva.. A coordenação também troca de 2 em 2 anos.

Diante dessa possibilidade de trocar de pessoas, como você imagina uma continuidade do projeto SPBH?

Ué... Aí não tenho como te falar, entendeu? Eu acho que provavelmente não vai ter mais chapa, porque as pessoas sabem o que acontece dentro da escola, elas sentem e provavelmente não vai ter porque que a direção também aceita.. E não é também só pelos professores, porque também tem o grupo da comunidade que comenta.. Então eu acredito que ele vá continuar. A gente tem é de ser mais objetivo daqui pra frente pra dar mais encaminhamento e até mesmo essa continuidade da gente na direção é porque tem muita proposta ainda que a gente não acabou, uma delas é o SPBH.. Claro que projetos não têm fim, alguém tem que dar uma continuidade, eles mudam os rumos, mas não acabam, principalmente esse que é um projeto a longo prazo mesmo, pra dar certo, é um projeto que tem que ter mais pessoas envolvidas, né?, e que ainda é bebê pra mim...

Dentro da lógica de funcionamento do SPBH, na sua opinião, pra que servem as reuniões em que o Elie está presente?

O projeto só acontece nas reuniões em que o Elie está presente?

Ué, eu acho que ele não acontece só nas reuniões não... À medida que a gente vai conversando e repassando o que ele conversa com a gente, né?.. Porque ele acaba dando algumas dicas do que a gente pode fazer, porque muitas das reuniões a gente chega muito angustiado, e ele tem uma experiência maior com grupos, com comunidades de periferia em outro estado, então a gente faz uma troca de experiência mesmo.. Então, às vezes acontece alguma coisa, claro que é em outra comunidade, mas que são bem parecidos os casos, então a gente conversa, a gente sempre lembra o que foi possível fazer lá, o que é possível fazer aqui... Então não fica só na reunião.

O que vocês sabem da parte “sampa” do projeto?

Só mesmo os relatos que ele deu nas nossas reuniões. Nós ainda não visitamos nada, tem a proposta, mas ainda não fomos, e mais assim por via de noticiários mesmo, a gente vê os casos que acontecem.. Belo Horizonte, apesar de ser 3ª ou 4ª capital, ela não aparece tanto em violência quanto SP, Rio... Vejo que sempre tem uma ONG, um projeto por trás ajudando uma comunidade... Agora, pra mim, tudo volta pra falta

de políticas públicas eficazes em Educação nesse país. É difícil, mas a gente tem que acreditar que vai melhorar...

Dentro dessa linha, você acredita que a Educação Escolar que se faz nesta escola precisa ter mais qualidade? Se sim, onde existiria a iniciativa de melhorar a qualidade da educação nesta escola e na rede municipal? Em que aspectos deve melhorar?

Interrupção

Na verdade, eu acho que enquanto não tiver uma parceria entre as famílias e a escola, a gente vai ter problemas mesmo porque existem muitos alunos com defasagem de aprendizagem e com idade avançada para o ciclo onde ele está. Primeiro porque a gente sente muito abandono por parte dos pais com relação à escola e esta escola, nas avaliações que a gente tem feito, avaliações de governo mesmo, né, Cimag, Anresc, Prova Brasil (provões), o resultado deixa a desejar. Nós ainda não sabemos o que é que tem que ser feito, nós não sabemos. A questão salarial, se agente for olhar numa conjuntura nacional, nosso salário não é ruim, agora, existe o professor que deveria ganhar mais pelo que faz e o profissional que deveria ganhar até menos porque deixa a desejar. Mas o que a gente conversa entre os professores e eu como educadora (porque eu estou ocupando um cargo, mas eu sou professora), sempre levantei a bandeira da escola pública de qualidade pra atender todo mundo, eu gostaria de não precisar pagar uma escola para o meu filho... E aí tem outros fatores além do que a gente pode fazer para melhorar a questão da qualidade: nós temos uma equipe de professores aqui que são todos formados, trabalham dentro da sua área, acho que uma grande maioria busca alternativas para estar melhorando sim o nível de aprendizado dos alunos, mas tem essa questão social que acaba influenciando na aprendizagem: tem a questão da frequência, que muitos alunos nossos, mais de 60%, é atendido pelo bolsa-escola ou bolsa-família, então a mãe está mais preocupada com o menino estar dentro da escola e não aprender o que está acontecendo dentro da escola, pra ela não ficar sem esse dinheiro... Claro que tem também alunos excelentes, que conseguem sair – porque você sabe, temos só até o ensino fundamental – então a gente tem notícias de alunos que estão na faculdade que passaram por aqui, mas ainda está muito longe do sonho acho que de todo mundo, ainda está aquém do esperado, o nível está bem baixo... Nós não temos receita pra poder melhorar, a gente busca ajuda em tudo o que a gente pode.. A prefeitura investe muito hoje na materialidade, essa escola aqui tem de tudo, mas tem outros fatores que a gente ainda não sabe, assim, umas questões políticas mesmo, e que a gente ainda não dá conta de resolver..

Como assim?

Olha, não é questão salarial, acho que é mais a valorização do profissional.

Por parte de quem?

Acho que por parte do próprio governo, da prefeitura, entendeu? Tem uma briga política muito grande... **Nesses 10 últimos anos, a prefeitura implantou o sistema de escola plural e aí a cada ano mudam algumas normas dentro da própria prefeitura e aí a gente fica meio perdido: o que que vamos seguir?** O ano passado, p.ex., sobre a parte burocrática, seguíamos certos critérios; esse ano isso já mudou... Então você pensa numa lógica que deveria estar acontecendo e não está mais. Aí a gente fica meio sem rumo.. E a própria prefeitura fica meio sem perna para dar conta das coisas mesmo que devia dar, como o Conselho Tutelar, os projetos educacionais como a escola em tempo integral, mas você não atende 1500 alunos dentro dessa escola, não atende... **A educação não é para todos? A inclusão não é para todos? Mas aí continua sendo para uma minoria... Mesmo aqui na escola.** Agora, a gente tem feito uma campanha muito boa para trazer o envolvimento da família, mas ainda está longe de acontecer mesmo...

E como vocês têm envolvido a família? Por meio das oficinas seria um jeito?

É, hoje mesmo você teve a oportunidade de acompanhar.. Pra que as aulas fiquem até mais interessantes, né, porque o pai, a mãe, às vezes eles não conseguem entender que dar uma oficina de artes também é “aula”, eles acham que aula é giz e cuspe.. E esse problema também do número grande de alunos ser atendido por bolsa-escola é um problema social muito grande e a família não dá conta de acompanhar, eles têm muitos filhos, desemprego, aí tem família que sobrevive com isso mesmo, com esse dinheiro... Então a gente busca, eu como diretora de escola estou indo em quem está resolvendo as coisas, não em quem vai me passar para outra pessoa que não vai resolver.. Então a gente já tem conseguido aqui nesta escola, pelo menos uma vez por mês, fazer uma reunião com os pais bolsistas pra falar sobre a disciplina e a aprendizagem dos filhos, a gente pega até meninos de outras escolas também para fazer esse encontro aqui no espaço desta escola, pra ver se melhora.

Uma das falas do projeto SPBH é criar um novo sentido para a educação, e esse novo sentido passa muito por essa questão que você colocou mesmo, a questão social – geração de renda, profissionalização dos alunos, apresentação das disciplinas com uma roupagem mais prática... Essa preocupação está inserida nesses novos sentidos para a educação que o SPBH propõe. Você conseguiu enxergar no projeto esse potencial, como se fosse uma ferramenta mesmo para te ajudar nessa questão que você colocou como questão social?

A gente consegue, não só eu como toda a equipe que está lá, a gente entende que o objetivo maior é esse mesmo, é essa preocupação, uma vez que a gente vive no Taquaril e num país onde o povo está desempregado. E quando você mexe com crianças e adolescentes, eles querem ganhar o dinheiro deles... **Só que a gente não tem escola profissionalizante, a gente não dá conta de cumprir um currículo dentro de um ano letivo de 200 dias com 4 horas diárias de aula com**

conteúdo, e outro tipo de aprendizagem. A gente até tenta: a gente tem aqui na escola o Escola Aberta, que funciona com oficinairos – não deixa de ser uma fonte de gerar renda pq a pessoa aprende, o material é comprado pelo Governo Federal, os oficinairos ensinam e daí pra lá a pessoa aprende e começa a vender. Mas eu não sei se isso atende... Ainda é muito pequeno.. Acho que a proposta do SPBH é muito maior do que isso que funciona aqui porque não sei nem como falar, é difícil, até constrangedor porque, nesse país, o que vale você ter R\$ 10,00? Resolve? Resolve, um dia, dois, pra você comprar 1 L de leite... Mas e aí? E os outros 28 dias do mês? Então não tem, e a prefeitura tem investido mais ou menos, mais em escolas de ensino médio, oferecendo estágios para alunos carentes. Agora, até o ensino fundamental eles são vulneráveis mesmo. Agora, tinha que ter uma proposta maior, tanto que é, essa do Elie, da gente estar vendo coisas que acontecem na comunidade, que a comunidade faz, porque de alguma forma as pessoas têm de tentar sobreviver mesmo, e se ela não tem um trabalho de carteira assinada, ela tem de trabalhar de alguma forma pra tentar conseguir dinheiro... Então a gente já descobriu que há muitas alternativas, mas que têm também um custo alto e que nós, enquanto educadores, ainda não estamos preparados para dar esse tipo de suporte para os alunos e mesmo para a comunidade, não estamos preparados...

Ivana Lott
Coordenadora (tarde)

... É uma desconstrução. Essa semana a gente conversou mesmo sobre quais são as necessidades dos alunos, e como detectar essas necessidades, ele jogou primeiro essa pergunta: “como detectar necessidades”. Eu passei 1 mês pensando nessa pergunta, eu não tive resposta pra ela... E quando ele chegou, eu continuei sem resposta. **Porque na verdade, a gente já tem uma concepção de educação e o que ele está fazendo conosco, e eu já falei pra ele que eu estou sofrendo muito, ele está destruindo essa concepção de educação pra construir uma nova concepção.** Eu acho legal, muito, muito bom, e tem mexido muito com a cabeça da gente. É um conflito, às vezes, entre o que a gente pretende e a prática que a gente tem, as coisas se chocam, as duas coisas se encontram e até nem combinam às vezes... **Por exemplo essa questão das necessidades, quais são as necessidades dos alunos, na minha concepção, do lado de cá de professora, a primeira necessidade dos alunos é aprender a ler e escrever. O que, na verdade, eu cheguei à conclusão na última reunião que não é isso! A necessidade dele, eu nem sei qual é, eu vou precisar ainda pesquisar pra ver qual é a necessidade de cada um, porque elas podem ser diferentes. Então que às vezes a gente trabalha com muito afinco na questão do ler e escrever e às vezes essa não é a necessidade dos meninos, eles não estão nem aí pra ler e escrever, de repente existem coisas muito mais importantes pra ele como, por ex., comer... Né?** A questão da sobrevivência choca com a questão que a gente tem de escola, a concepção que a gente tem de escola, essa

concepção de escola quando ela era pra elite... Agora que a escola é pra todos... Eu por ex. fui formada na escola pra elite, e hoje eu me vejo trabalhando numa escola que é pra todos com uma idéia de uma escola pra elite. Eu ainda quero os meninos cheios de normas, de regras, de padrões... E que padrões? Os meus padrões, os padrões da elite. Por isso é que dói... **A desconstrução sempre dói.**

Você se sente bem mexida...

Mexida. **Me questiono muito, tenho revisto práticas em todos os sentidos: como professora, como coordenadora...** Como professora, sou eclética: aonde quiserem me mandar eu estou indo, mas minha preferência é educação infantil, alfabetização... A professora de história às vezes dá uma passada lá, a de geografia também porque eu acho que os pequenininhos também merecem boas aulas de geografia... Eu gosto mais dos menores.

O que você entendeu do SPBH e há quanto tempo participa dele?

Desde o início, em 2005. **A princípio eu não me sentia muito bem não, não entendia muito bem o que ele queria não.. Eu estava assim meio sem saber onde é que ele queria chegar com tanta pergunta!** Eu até brinquei com ele: “olha, quando tudo isso acabar, você me manda meu diploma de mestrado”, porque o que ele faz com a gente é igual ao que um orientador faz no mestrado, essa coisa de questionar, questionar, questionar até... Ele tem uma resposta pra nós, na verdade, a gente busca respostas, né? No início eu não sabia onde ia dar aquilo. **A primeira pergunta foi como a gente vê educação, algo assim, e a gente devia conversar com os professores e anotar, e surgiram várias coisas. Dessas perguntas, a gente mandou pra ele as respostas e ele nos mandou de volta mais de 100 perguntas!!, outras perguntas, daí eu falei: “pronto, é agora, como é que eu vou sair disso?”. Foi daí que a gente selecionou os pontos que iríamos trabalhar e esse foco é exatamente identificar necessidades,** como identificá-las, quais as reais necessidades dos alunos, interesse dos alunos nos assuntos dos professores e interesse dos professores nos assuntos dos alunos. Agora, nesse próximo encontro que vamos ter, vamos trabalhar com o que você faria para identificar necessidades dos alunos. **E eu vou te falar uma coisa: nós todos aqui, muitas vezes, ficamos sem saber onde é que o Elie quer chegar. Isso angustia.** Porque a gente percebe: a gente fez um levantamento – um levantamento de muitas necessidades – depois a gente não levantou com os alunos. E aí a gente pensa: será que a gente está fazendo tudo errado? Será que não é nada disso, será que é outra coisa o que a gente tem que fazer? É aí que angustia.

E com quem você conversa sobre isso?

Com Edinha, com Zulma, com Dorinha, com os coordenadores. A gente não conversa com os professores sobre isso, a gente conversa com os professores sobre as questões... A gente fica meio de fora, assim, observando; as angústias a gente conversa entre a gente: “meu Deus do céu, e agora, será que a gente está fazendo tudo errado? Ou estamos no

caminho certo..?” **E eu venho insistindo com o Elie... Ainda falo que eu acho que os meninos têm que aprender a ler e escrever! Ainda acho porque o que é a necessidade deles é sair da extrema pobreza! E eu ainda continuei insistindo nessa reunião, e ele dizia que era a minha necessidade... Eu também acho que ele está certo: é o que eu acho que é melhor pros outros... Mas será que os meninos acham que é o melhor pra eles? Agora, eu quero também saber onde é que vai chegar isso...?**

E dentro dessa idéia de “onde é que isso vai chegar”, como você avalia o impacto do Sampabeagá na sua prática? E na da equipe técnica? Na minha prática, muitas coisas mudaram... Eu tenho me questionado muito, com relação a **ouvir mais os meninos**, ter mais tempo pra isso, pra entender mais a vida deles, talvez até pra entrar na vida deles, porque na verdade, talvez a gente quisesse que eles entrassem na nossa, né?, porque **eu acho que esse é o normal que a gente faz, a gente quer trazer para a nossa realidade, e não adianta a gente fazer isso, e isso eu aprendi com o SPBH: não adianta trazer eles pra minha realidade, eu tenho que ir lá na realidade deles para pelo menos entender quais são as necessidades desses meninos.** A gente queria que eles fossem todos loiros, de olhos azuis, engomadinhos, limpinhos, bonitinhos, quietinhos, virados pra frente... **A verdade é essa: nós fomos formados para trabalhar com um tipo de aluno, um tipo de clientela... Pegamos outro tipo de clientela; temos hoje um tipo de clientela completamente diferente do que a gente foi formado para ter...** Eu vejo isso com os professores novos, chegando aqui sem experiência absolutamente nenhuma...E aí, vou falar bem pertinho pra vocês da faculdade escutarem, e aí eu chamei eles num canto e falei com eles assim: “sabe tudo o que vocês aprenderam na faculdade? Esquece. Agora a gente vai ter que trabalhar com a realidade, com o real; o real, aqui, é assim: você não tem meninos que trazem os seus ‘para casa’ todos os dias porque eles não podem fazer, eles trabalham. Você vai ter menino que dorme em sala de aula, você vai ter menino agressivo, você vai ter menino que quer brincar... Porque é aqui que ele é criança... Não adianta você querer passar todo o seu conhecimento porque ele não vai assimilar agora, pode ser que no futuro”. E eles assustam. E isso é verdade, a gente é preparado na faculdade pra uma coisa; quando você chega, é outra coisa. Então eu acho que isso tem mudado bastante, pelo menos a minha concepção de ver a educação tem mudado, nesse sentido.

De quem é esse projeto? Quando você pensa nele, em quem você imagina?

Eu imagino o Elie. Porque é com ele que eu falo por email, é com ele que eu falo por telefone, é ele que está aqui...

Sem ele o projeto não vai pra frente?

(silêncio). Não sei... **A idéia está plantada, principalmente essa coisa do conversar está plantado,** e eu acho que isso aí já é um passo bom, e essa questão de estar próximo da realidade dos meninos está bem

plantada. Agora, se vai parar, eu acredito que não... Parar não pára não, talvez não chame mais SPBH, talvez chame só Taquaril... Porque é trabalhar uma realidade nossa. A partir dessas reuniões com o Elie, olha pra você ver como são as coisas: **em 2005, a gente tinha aqui um grande nº de professores que não conhecia a comunidade, inclusive eu; eu estava na coordenação da escola, eu só conhecia o entorno, mas o entorno bem pequeno mesmo, a rua da frente e o seu Juca** (dono da venda do lado da escola). **Hoje, conheço o Taquaril inteiro** e foi a partir disso que eu passei a conhecer, a partir do SPBH. A partir do SPBH, uma das questões era “o que eu conheço e o que eu gostaria de conhecer no bairro” e a gente levou isso pros professores e eles acharam isso interessante. **A partir disso a gente participou de passeatas no bairro, levamos os meninos todos, a gente conheceu lugares onde nunca tínhamos ido!**, pra _____ (Laude?), que é lá em cima.. **Levamos os meninos para participar da passeata com o projeto Providência, com os meninos da pizzaria (Cidadãos Planetários)**, com as outras associações de bairro, nós trouxemos associações de bairro para dentro da escola, já aconteceram 3 reuniões aqui na escola de associações de outros movimentos, de ONGs... Acho que nossa escola hoje está mais aberta, antes ela era bem fechada, acho que nesse ponto o SPBH ajudou muito. **Vejo também os professores querendo conhecer mais a realidade dos meninos...** Uma professora outro dia falou assim: “eu queria que você me falasse quantos meninos têm bolsa-escola na minha sala”. É uma pergunta muito interessante, é uma pergunta de quem está interessada em saber quem tem condição e quem não tem, e até que ponto eu posso estar ajudando. Aí eu acho que nesse ponto foi excelente. Aliás, eu acho que em todos os pontos está sendo muito bom. De qualquer forma, é doloroso, **é até doloroso conhecer essa realidade, porque não é uma realidade minha, não é uma realidade dos professores desta escola**, de ninguém dessa escola... Talvez seja uma realidade dos funcionários, mas não dos professores. Nossa realidade é outra. E a gente não.. Eu não conhecia mesmo! Antes eu reclamava muito da vida, hoje eu não reclamo não, minha vida é ótima, ta tudo muito bom, estou bem com meu marido, com meu filho, onde eu moro está ótimo, eu não preciso de nada, eu tenho tudo! Porque depois que você vê essa realidade, a sua vida é...

Pessoalmente você mudou de ponto de vista, como ficou a qualidade do seu olhar...?

Mudei, com certeza. Ontem, por exemplo, nós entramos no ônibus eu e Gracinha, que trabalha no xerox conosco. Nós entramos no ônibus era umas sete e meia e esse horário já é perigoso. Eu já não considero mais, porque eu já conheço tudo, tudo! Aí a gente entrou e tinha 2 meninos sentados, e o povo em pé, sem querer sentar do lado dos meninos, e um deles é nosso aluno. Aí eu entrei no ônibus e vi ele lá, aí eu dei “tchau”, atravessei a roleta, no que eu atravessei eu vi que a cadeira do lado de um deles estava vazia e a moça do lado deles estava de pé... Aí eu pedi licença pra ela e “tira o sapato aí, meu filho, deixa eu sentar aí do seu lado”. Aí sentei, virei para trás e comecei a conversar: “onde é que cês tão indo, hein?”, sabe?, e aí o que estava do meu lado falou “deixa ela sentar

aqui no meu lugar”, para a Gracinha, e eu falei: “ó, vem cá, senta aqui no meu colo”, e o ônibus parou. Em outros tempos, eu não faria isso também... Então realmente muda, mudou muito, acho que mudou pra mim, mudou pra muitas pessoas também... Mudou pra algumas pessoas da escola. A gente não conhecia essa realidade. **Até na questão de contatar os meninos, o olhar que você tem com eles, hoje, é outro olhar... Mas não deixa de ser triste, angustiante e sofrido!** É bonito, mas é triste. Eu vivia dizendo assim: “meu Deus, eu não quero, **eu não posso acostumar com isso... Eu não quero achar que isso é normal.**”, sabe? Chegar do final de semana, segunda feira, saber que tem 4 meninos nossos mortos por aí e saber que a gente nem pode ir ao enterro... Então eu não queria acostumar com essa idéia, eu falava assim: “isso não é normal, isso não é normal”... Eu ainda acho que não é normal. Mas eu sofro menos, hoje, nesse sentido...

A metodologia do SPBH é adequada?

Sim.. **Acho que está num ritmo bom: o ritmo da dúvida** – pra que isso, onde vou chegar com isso –, passamos também por um processo de “mas que diabo também! A gente também não vai mudar tudo só porque esse sujeito quer!”, né, teve um dia que a gente falou “mas afinal de contas, esse cara quer o quê?!?”, né? Teve uma vez que a gente chegou a se questionar nesse sentido: “não!, não é por aí não, nós não vamos deixar de fazer o que a gente tem certeza absoluta do que tem que fazer...”. E o ritmo dessa inquietude, desse sofrimento, e agora na questão da... organização das idéias, vamos colocar assim, eu acho que está num ritmo bom: poderia nem ser mais, nem ser menos.

Você considera que o projeto só existe quando há reunião, ou ele existe no intervalo entre reuniões?

Com certeza! Não estou te falando que a vida da gente mudou totalmente? Pelo menos a minha mudou muito... Tenho certeza que a da Zulma também.. Ela vai te falar. Dorinha também.. A gente tem um outro olhar para a comunidade. Foi a partir disso, eu tenho certeza, foi porque essa proposta veio dele. Lembro de ficarmos aqui num sábado, depois de uma reunião, nós ficávamos aqui eu, ele, aquela menina – a coronel –, o coordenador da manhã, a Regina.. Não, não era a Regina, era a Vera ainda, Ionara... A gente estava numa reunião aqui nessa sala mesmo e ele falando disso.. Acho que desde essa época já foi mexendo bastante com a gente. Talvez fosse exatamente nesse ponto que ele quisesse chegar.

De qualquer forma, você ainda está angustiada para saber onde isso vai dar...

Eu estou desconstruindo. A desconstrução de um saber é sempre angustiante. Você tem uma coisa em que você acredita piamente nela, e eu vivo duas realidades, **eu vivo uma realidade em que é o conhecimento que importa**, é a quantidade de modelos que importa, é meninos sendo loiros, quietinhos, bonitinhos.. **Pros meninos pode não importar, mas pros pais importa e muito!** Eles cobram os cadernos, eles cobram porque que a escola X está dando isso e a gente não está

trabalhando aquilo.. Então isso tudo existe. **Agora, aqui, não. Então eu vivo duas realidades completamente diferentes.**

ZULMA CANUTO

Coordenadora noite - EJA

Você está no SPBH desde o começo?

Não, nós entramos mesmo porque acho que teve uma outra direção com quem o Elie teve contato mas não vingou, não foi pra frente... Mas meu primeiro contato com o professor [Elie] foi em 2005, então eu estou no projeto desde 2005.

E o que você entende do projeto?

Olha, eu **entendo que a proposta é trabalhar um pouco a comunidade:** é trazer a comunidade pra dentro da escola. Parece que o foco do SPBH é os jovens, não é tanto a educação para jovens e adultos. Mas seria a proposta **de contar com vários parceiros da comunidade.**

E o que te fez concluir que esse é o foco do projeto?

Acho que foi a apresentação do projeto, **acho que isso agradou o pessoal, isso de lidar com a comunidade,** conhecendo melhor e trazendo pra escola. Acho muito interessante esse tipo de proposta, eu acredito nela: estando com a comunidade integrada à escola...

E desde que o projeto começou, você conseguiu ver impacto na prática de educação desta escola, já que você colocou que a proposta do SPBH é mais trabalhar com a comunidade?

Eu acho que na ampliação de visão dos professores, de nós coordenadores, eu acho que ampliou mesmo, sabe, a partir das discussões a gente teve outras idéias de trabalhar com professores pra poder ver mais o perfil dessa comunidade, pra ver quais as suas necessidades pra gente poder fazer uma proposta pra eles, proposta pedagógica. Mas a escola, não sei se em função disso, mas a escola também, de 2005 pra cá, abriu mais: tem vários programas, como o escola aberta, pro-jovem, então ela fica aberta aos finais de semana, não sei se por conta disso, mas acho que acaba ajudando porque você vai filtrando isso, vai achando interessante e vai trazendo.

E o que mexeu em você? Estar participando desse projeto impactou de alguma maneira a sua visão de educação, a sua prática, ou você, na sua vida, aconteceu alguma coisa, te mexeu de algum jeito?

(Silêncio)

Eu acho que do mexer é só do querer fazer: querer mudar, querer chamar a comunidade.. Agora, pra nós, e a gente vai ter que até retomar um pouco com o Elie, ainda parece um pouco confuso esse projeto, a gente não conseguiu assim com clareza entender o que quer de fato, **onde é que ele quer chegar.** A gente está achando interessante, ele manda uns textos para a gente ler, discutir, refletir, então, independente da onde a gente vai chegar, está sendo interessante.

Você acha que os procedimentos adotados pelo SPBH são adequados?
Eu acho que ainda está um pouco frustrante porque a gente ainda não conseguiu juntar todos os coordenadores, então às vezes tem um que atrasa, o outro não chega.. Não conseguimos ainda reunir a equipe toda... (fita incompreensível)

[sobre trabalho em equipe]:

.. Essa coisa de organizar, então acho que a gente teria que priorizar o projeto (não priorizamos pois há muitas outras coisas a fazer). Então acho **que deixa a desejar um pouco nesse aspecto da gente formar uma equipe** mesmo e tocar pra frente.. Acho que fica mais nas iniciativas individuais.. Não está assim um grupo, né, eu procuro fazer, tem uns para casa que eu procuro fazer, mas aí às vezes o pessoal não deu tempo de fazer porque é um tempo doido essa coisa de escola: a gente se programa mas nunca dá pra cumprir. Mas tem que esforçar.

[fita incompreensível].

Zulma também disse que se reúne com professores às sextas à noite para conversar e propor novas posturas e atividades, também influenciada pelas propostas debatidas no SPBH. Diz que a estrutura curricular de EJA é diferente do resto da escola, sendo que somente em EJA há o tempo para reunião com professores na grade curricular.

CÍCERO MACEDO NEVES FILHO
Prof. e coordenador da manhã

Como você estava falando aqui, o grupo daqui “tem empreendido projetos próprios sem interferência de consultoria”... Você considera o projeto SPBH como uma consultoria?

Veja bem, tudo o que vem por fora, que tem um acompanhamento, é uma consultoria.

Você encara que essa é uma coisa que veio de fora...?

Veja bem, você não pertence à escola, ao quadro; o outro também não pertence à escola. Isso quer dizer que nós não vamos fechar as portas para vocês, porque a idéia é bem-vinda, mas todas as idéias que chegam fora do núcleo da escola é uma consultoria. Você sugeriu, p.ex, um pai sugeriu – não, o pai não porque o pai faz parte da comunidade escolar, o pai, o vizinho, o bairro, faz parte da comunidade escolar –, agora, você é de São Paulo, o outro lá é lá do bairro do Estoril (?), se ele vem pra cá e fala “quero te dar uma idéia”, eu vou ouvir a idéia, mas ... [interrupção]. Olha só, todas essas idéias, oficinas.. Nós estamos montado agora oficina pedagógica com jogos – estou separando e montando lá – **infelizmente, o lado pedagógico, o meu lado pedagógico aqui [referindo-se à função de coordenador], eu tenho que tomar conta de tudo!** Tem vários jogos, estou formatando os jogos pedagógicos pra gente fazer, eu marquei no calendário, era essa semana, do dia 21 a 25, “semana pedagógica”, que são gincanas, livros, jogos, então eu formatei todos os

jogos que nós temos, nós temos muitos, e agora eu estou separando por salas como é que a gente vai trabalhar isso.

Pra quê vocês estão fazendo essas oficinas?

Veja bem, nós temos 2 partes: uma **é o grupo de oficinas e isso é atividade pedagógica**, primeiro com jogos e qual o objetivo? O objetivo é incentivar o uso de material pedagógico, então são jogos matemáticos, brinquedos como aquele puzzle, você tem quebra-cabeças, você tem formar frases, grupos, vários brinquedos que nós temos aqui na escola nós vamos utilizá-los efetivamente – eu estou montando esse grupo ainda. Então, provavelmente, daqui a umas 2 semanas, eu vou ver se a gente efetiva com todos os grupos. **Nunca fizeram isso aqui nessa escola.** A outra coisa é a formatação dessas oficinas: nunca tiveram oficinas como essas aqui. Nós conseguimos implementar essas oficinas com várias pessoas do próprio grupo que estão nas oficinas – isso eu até já contei para o Elie aquele dia –, e aí a gente tem um dia para as oficinas. O objetivo delas, além da interação – até ex-aluno nosso já participou sendo oficineiro – ...

Uma outra coisa é o encontro da biblioteca, que nós também efetivamos aqui, idéia do grupo também: nós montamos uma tenda aqui da biblioteca, compramos várias revistas de todos os tipos, como se fosse uma banca, então os alunos chegam lá e têm oportunidade de ver várias revistas, como se fossem nessas grandes lojas que você vê e compra se quiser, então eles adoram. No primeiro dia, como você sabe, tudo é novidade, levaram as revistas, sumiram, tal. Tudo bem, não tem problema. E aí, na 2ª vez que nós fizemos, não aconteceu absolutamente nada disso, a gente tá controlando mais, etc e tal, e foi super legal. E a gente está com idéia de fazer, a partir dessas leituras, convidar pessoas para dar umas palestras, principalmente do lado do corpo, e a gente já combinou com as 2 bibliotecárias lá, que tem 2 moças, pra gente estar afinando o diálogo trazendo uma pessoa, além de dar pequenas oficinas, para falar um pouco sobre sexualidade com os alunos. O que mais chama atenção são aquelas revistas de novela, tem a Caras também, mas tem aquelas Contigo, que eles ficam doidos, tem uma novela do SBT, Rebelde, fez o maior sucesso esse Rebelde aí.. E querem levar, me dá, não pode.. O jornal não foi nem aberto...! Então, a partir daí nós vamos jogar isso para o lado das oficinas.

O que te motiva a fazer essas oficinas? Em que você acredita?

Minha formação, eu sou professor há 18 anos.. Em termos de titularidade, estou precisando só ser doutor, estou pensando, sabe? Tenho várias pós e eu gosto de ser professor, eu sou professor porque eu quero ser, eu quis ser professor. Tive oportunidades de ser outra coisa, mas eu quis ser professor. Veja bem, primeiro, essas coisas não sou eu que faço, é o grupo que faz, eu só fico correndo pra lá e pra cá. A outra coisa é: a escola tem aquela velha história que todo mundo sabe: tudo mudou, o cientista adormeceu e tudo mudou, quando eu fui a uma escola agora, vi um quadro digital. Veja bem, essa escola de quadro e giz não funciona, ela tem que ser conjugada... Ela funciona para determinados objetivos,

mas você tem que criar questões de múltiplos interesses para os alunos.. Então eu acredito nesta escola: eu acredito na escola rígida, que discuta as regras e que faça valer as regras. Mas dentro desse “qual é as regras” você tem que ser maleável, você tem que transitar por alegrias, por descontração, por uma série de coisas... Eu sou durão, pela minha formação de escola, de família, eu sou durão. Mas eu também sei ser mole também, como se diz tem que ser duro sem perder a ternura, Che Guevara... Então, você tem que fazer cumprir as regras. Infelizmente, o que é combinado é caro: se a gente combina uma coisa, tem que fazer prevalecer, eu não abro mão disso de maneira alguma. Há necessidade da gente discutir os limites: de alunos, de escola, colegas professores.. Há necessidade de discutir isso.

Você sente que não faz mais tanto sentido fazer a educação que se tem feito e que portanto devem ser criados outros sentidos para a educação? Olha só, educação é uma coisa complexa. A escola, a aula, não faz muito sentido você ser só um “dador” de aula, cuspe e giz não faz sentido. Ele tem que ser educado por várias ferramentas disponíveis no mundo moderno para melhorar e, conseqüentemente, vai melhorar o ensino-aprendizagem, porque você sabe, aprender não é fácil, aprender é uma coisa que dói, é dolorido.. O ato de aprender, você não aprende só olhando, você tem que exercitar... Você tem que engolir, digerir, repensar... Você tem muitas informações, e você tem que pegar essas informações e transformar em conhecimento, e pra fazer isso é dolorido, e pra fazer isso, você sendo só ouvinte, a gente tem que utilizar a tecnologia, nós temos ferramentas do computador, temos ferramentas dos jogos, das brincadeiras, olha o gravador aqui, olha os Ipods aí, tem menina aqui na escola que tem celular que toca música, aí elas baixam aqui e ficam escutando... Olha, nós temos que transformar esses instrumentos em ferramentas pedagógicas: tudo isso que a gente tem é transformar essas atividades em ferramentas pedagógicas.

A meninada quer isso também?

Quer... claro! As oficinas de informática são as mais concorridas, porque é novo, tecnologia, eles gostam disso. Quando eu falei das revistas, eles adoram, eles querem isso, é o cotidiano deles, então vamos trazer esse cotidiano para a escola e transformar isso em ensino-aprendizagem...

Voltando um pouquinho para o projeto, como você, como coordenador pedagógico, acha que aproveitou as conversas realizadas durante as reuniões do SPBH?

Veja bem, eu só tive uma reunião com vocês, infelizmente. Eu tenho lido algumas coisas que o Elie manda por email, mas influência mesmo efetiva comigo, infelizmente ainda não chegou. Mas como a escola, como o texto que ele mandou o qual eu já li tem o mesmo pensamento nosso, então **eu acho que estamos no caminho certo**, mas ainda não sinto influência do projeto, nem pela leitura. O material acrescenta mas, você me perdoe, não estou querendo... Tenho anos de leitura, tenho várias pós, mestrado etc, então eu acho que tudo é válido, **então já que tem a academia próxima da gente – e eu acho isso**

ótimo de ter a academia –, “opa, não estou fazendo bobagem”, entende? Se a academia está me acompanhando, então está bom... Então você tem algumas comparações, não tenha dúvida, de tudo se tira proveito, nesse sentido influencia sim.. É a fala da academia e a fala da práxis, então tem essas comparações sim, não é descartável, mas é um pensamento antigo também, esse não é um pensamento de agora...

Como assim?

Ué, é um pensamento antigo ao qual eu já pensava em querer fazer isso, essas ações pedagógicas que a gente está fazendo agora.. [referindo-se às oficinas]. Inclusive algumas atividades eu já desenvolvi em outras escolas... Talvez aqui, porque não tinha nada, poucas ações pedagógicas mesmo, estou aqui há 6 anos e, sem modéstia nenhuma mas, nos 6 anos que estou aqui, as ações pedagógicas que estamos tendo esse ano, não é porque a outra não dava conta não [outra diretora], porque a outra era boa, acho que o grupo é que ainda não tinha maturidade para aceitar, talvez seja isso. **Então você percebe o seguinte, nós temos um cronograma aqui, temos um calendário, você sabe o que vai acontecer, isso é uma concepção que você passa para os professores e nada é de improviso. E olha que nós não temos reunião pedagógica, infelizmente – a prefeitura cortou isso.** Talvez esses jogos pedagógicos não saíram porque não adianta eu montar as coisas, eu estou chamando o professor, conversando com ele pra ele ter uma idéia mas não adianta... A primeira pessoa de uma escola, querendo ou não, são os professores, somos nós professores, não tem jeito... **Se você não motivar o professor, se você não demonstrar sua importância, eu mesmo aqui, em várias conversas com professor, eles disseram “eu não vou fazer isso não por várias razões, por isso, isso e isso...”. Hoje já não, “ó, vou fazer”, estão topando..** Então tem toda essa discussão. E eu quero deixar bem claro o seguinte: a presença de vocês aqui influencia sim.. De qualquer pessoa fora, que traga idéias, influencia. Numa escola, qualquer idéia é bem-vinda, desde que voltada ao ensino-aprendizagem...

Você está participando do SPBH desde quando?

Olha senhorita, eu só vim um dia, infelizmente, porque eu trabalho de manhã-tarde-noite, é a realidade.. Isso não quer dizer que a escola não esteja engajada... Ta? Isso não quer dizer que as idéias não sejam comuns.. Agora, olha só, função pedagógica: eu faço muito mais função sem ser pedagógica do que a pedagógica especificamente. **O que me empolga é o lado da pedagogia. Mas aqui tem uma série de coisas, aqui a gente fica anotando o que o aluno deixou de fazer, anotando.. Então tem essas coisas.**

A reunião pedagógica não existe mais do jeito como era antes. A prefeitura está pagando agora hora extra pra gente fazer, isso desde esse ano. Então às vezes é no sábado, aí tem uns que não querem... Antes era na grade, de segunda a sexta-feira, tínhamos 2 horas-aula pra fazer a reunião, agora acabou. Então a gente tem que vir num sábado, formatar

isso aí e aí fica muito complicado.. **Eu sou professor nos 3 horários e ainda trabalho na coordenação. Que tempo sobra para as ações pedagógicas? Então eu tenho que me virar... Primeiro para ter uma resposta porque é viável, é viável, sem modéstia nenhuma, as ações pedagógicas nesta escola mudaram. Mudaram mesmo, e tenho anotado. Sou coordenador pedagógico desde esse ano. Inclusive mudou a concepção de coordenação.** Além de mim tem o Marcos Flávio e a Dorinha também que transita aí (manhã).

MARCOS FLÁVIO

Coordenador desde 2005 (noturno) e 2006 (manhã)

Desde quando participa do Sampabeagá?

Particpei de reuniões do SPBH no início de 2005 só.

E naquela época, o que você entendeu?

Olha, um dos pontos mais importantes que eu pude perceber é o professor **ter espaço para reunir. Ter espaço para conversar. E eu percebi essa contradição com a política atual da prefeitura que tirou esse espaço.** E eu lembro que o professor [Elie] falou que nas empresas, as reuniões são as coisas mais importantes, a reunião ela é fundamental para o crescimento das empresas, **e na escola não há reuniões, a reunião é vista como uma enrolação, como tomar o tempo do aluno...** A reunião como educação numa escola não está sendo valorizada como a reunião numa empresa.. Mas das poucas reuniões que eu participei eu percebi isso, porque naquele momento, a prefeitura estava começando a questionar muito o tempo de reunião pedagógica dos professores, o que praticamente foi extinto... O professor atualmente está, de certa forma, em contradição com aquela discussão porque nós não temos mais momentos de reunião, em momento nenhum. **A reunião se dá no corredor, a reunião se dá nos pseudo dias escolares** e entra em choque diretamente com o que a gente começou a discutir, sobre a necessidade de conversar, a necessidade de trocar idéias, de tornar esse momento muito importante.

E você consegue enxergar, nas menores coisas que sejam, algum impacto deste projeto desde que ele começou até hoje?

Bom, o ano passado foi um ano atípico para mim, porque eu peguei o ensino regular noturno acabando, com 4 turmas praticamente sendo extintas – a noite agora só tem o EJA e o Pró-Jovem, do Governo Federal –, e eu não pude me inteirar direito do programa. Então eu não tenho como avaliar, ver se alguma coisa está sendo colocada em prática. E esse ano eu comecei de manhã, transferi da noite para a manhã, e talvez por essa falta de discussão, de momentos para a discussão e o planejamento eu não tenha percebido.

Você enxerga esse projeto como “mais um que vem de fora”?

Se não houver a participação – depois de 15 anos dando aula na rede, só nesta escola são 12 –, eu acho que se não houver um

envolvimento de coração do professor e a motivação também pra ele se envolver, qualquer projeto, pode ser de dentro, de fora, não vai a lugar nenhum. É apenas mais um projeto, seja criado de fora pra dentro, seja criado de dentro pra fora. Se o envolvimento não for de coração...

Interrupção

Então se não tiver essa questão do querer fazer motivado, pra ter um retorno prazeroso, acho que nenhum projeto vai pra frente.

Mas esse projeto como foi desenhado trabalharia com os professores numa 2ª etapa: primeiro se trabalharia com o que foi chamado de “equipe técnica”, que são a diretora, o vice e os coordenadores e essa equipe trabalharia, por reflexo, com os professores, em conversas em dupla etc. **Você percebeu alguma iniciativa nesse sentido de envolver os professores?**

Ainda não, sinceramente não. Os projetos dos quais tenho participado, de carona, são as oficinas de escola aberta, que são projetos até bem espontâneos, sem muito planejamento que vão acontecendo.. É o que eu tenho percebido.

E essas oficinas? Antes elas já existiam?

Não, pelo menos no ano passado, quando eu estava só aqui à noite, não tinha nada.

De quem foi a idéia?

De todos os lados, da coordenação, da direção, de pessoas da comunidade que se interessaram.. E vem dando certo, já no segundo semestre teve várias, eu mesmo já dei oficina de desenho artístico pros meninos, hoje teve oficina de bom-bons, tem de costura, de contação de histórias e assim por diante. Isso tem tornado a escola um espaço aberto, mais agradável, antes ela era bem mais fechada... **Mas são projetos que eu vejo que não tem nada sendo esquematizado, construído pela equipe técnica, eu vejo que surge de uma pessoa, que passa pra outra que abraça aquela idéia, que vão discutindo no corredor, na hora da merenda e aquilo vai fluindo. Marca o dia e todo mundo vai e...**

Os professores se envolveram?

Aqueles que tiveram a iniciativa, pelo menos, sim.

O SPBH é construído em cima da idéia de se buscar novos sentidos para a educação. Você tem percebido aqui na escola iniciativas nessa direção, de procurar fazer uma educação que faça sentido para professores, que faça sentido para alunos, para os pais, para a comunidade...?

Sim, no início já percebi de cara essa inovação: valorização da reunião, valorização da equipe técnica, valorização do professor. **Porque na escola as coisas giram muito em torno do aluno, como se tudo se resolvesse na carga letiva,** como se dando aula já estivesse tudo pronto

e acabado. **E essa discussão: trazer idéias novas, projetos diferentes, valorizar o tempo de reunião, isso tudo é uma inovação. Nós não temos nada disso.** Eu percebi inclusive numa reunião que tivemos com o Elie e estava um representante da Regional. Eu não sei se algumas pessoas perceberam essa contradição, mas ao mesmo tempo em que o Elie estava valorizando esse tempo, citou o ex. da grande empresa, dizendo que a reunião é um momento muito importante, mais importante até que os momentos ordinários de trabalho e logo em seguida o representante da Regional falou que a questão do tempo tinha que ser cumprida, que as reuniões não cabiam naquele tempo da escola porque o aluno estava indo embora e por questões políticas de cobrança da comunidade, ter o filho mais cedo em casa estava gerando problemas políticos na Regional. **Eu percebi isso de cara, fiquei chocado, quando uma pessoa está querendo inovar, outra está preocupada com o administrativo que não gere problemas políticos com a clientela,** com aquela mãe que vai reclamar que o filho está chegando 1 ou 2 horas mais cedo em casa por semana. Então a preocupação de um é cumprir um horário e dar uma satisfação à comunidade, e a preocupação de outro é com a qualidade. **Uma coisa não está batendo com outra.**

De quem é esse projeto?

Eu acho que é do prof. Elie, pq a princípio é ele quem está tomando a frente, mas se ele tem outra origem daí eu já não sei. **Pra mim a idéia é do prof. Elie** que está trabalhando isso aí há algum tempo já.. Mas vai ser uma surpresa se você me disser que é de outra pessoa!

4. Limites e potencialidades: pontos centrais da experiência

4.1 Sustentabilidade do projeto Sampabeagá

Da leitura desta sistematização fica uma sensação forte de que o projeto ainda está bastante centrado na figura do gestor. Isso é claro no caso da EMEF Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento que, apesar de sua história demonstrar uma ligação com a abordagem de educação proposta no Sampabeagá, afastou-se dele e, até o presente momento, procura evitar a comunicação com o gestor.

Na EMEF Professora Alcida Torres, ainda que nas entrevistas haja a fala de que sem a figura do gestor o projeto se mantém, as pessoas ainda identificam o “movimentador” do projeto como sendo o gestor. Além disso, em muitos momentos – como na fala de Ivana – o gestor é citado como aquele que tem as respostas, como na questão “*de quem é esse projeto?*”

Quando você pensa nele, em quem você imagina? Eu imagino o Elie. Porque é com ele que eu falo por email, é com ele que eu falo por telefone, é ele que está aqui...” Ou na fala de Zulma: “agora, pra nós, a gente vai ter que até retomar um pouco com o Elie, ainda parece um pouco confuso esse projeto, a gente não conseguiu assim com clareza entender o que que quer de fato, onde é que ele quer chegar”. Parece que, para a equipe técnica, existe a idéia de que participa de um “curso de formação” em que quem ministra é quem sabe as respostas – ainda que tal idéia possa estar se enfraquecendo à medida que o projeto avança.

Com um cenário que não se mostra propício à realização de projetos inovadores em educação escolar, aliado à centralização do projeto na figura do gestor, surge uma questão relevante: porque um professor da Faculdade de Educação da USP, sem apoio da faculdade ou de qualquer outra organização, empreende um projeto há pelo menos dois anos em duas escolas de estados diferentes? Ghanem diz que se move por achar que é o que deve ser feito. Simples e difícil?

4.2 Vontade de mudar: conforto em não ter respostas prontas

O processo de quebra de concepção de educação inclui questionar essa concepção. Em seu papel de formulador de proposições, o gestor fez isso muitas vezes – como na declaração de Ivana: “no início eu não sabia onde ia dar aquilo. A primeira pergunta foi como a gente vê educação, algo assim, e a gente devia conversar com os professores e anotar, e surgiram várias coisas. Dessas perguntas, a gente mandou pra ele as respostas e ele nos mandou de volta mais de 100 outras perguntas!!, daí eu falei: “pronto, é agora, como é que eu vou sair disso?”

A fala de Ivana, assim como a de Zulma, de Dorinha e de Edna, mostram um tipo de envolvimento com o processo de reorientação pedagógica que o projeto propõe diferente dos demais participantes. Inúmeros fatores, de ordem subjetiva – circunstâncias “invisíveis” – contribuem para que haja

esses graus diferentes de envolvimento com a proposta. Uma questão que surge desta leitura é: em que medida existe o acolhimento consciente dessa diversidade como parte do desenvolvimento e da própria sustentabilidade do Sampabeagá?

Outra questão interessante que surge desta sistematização diz respeito ao conforto ou ao absoluto receio de se ver sem respostas: a fala da equipe técnica de Belo Horizonte frisa com frequência a falta que não ter respostas lhes faz. Interessante notar que o próprio movimento de reorientação, ou “desconstrução”, como usou Ivana, implica a atitude de se “tirar o chão” –mas, mesmo sabendo-se disso, a angústia é quase onipresente nas falas da equipe (seja nas entrevistas, seja nos registros de conversas e de reuniões).

Será que pode ser dito que, na adversidade do contexto em que o Sampabeagá acontece, o que diferencia os tipos de engajamento de uns e outros (ou de uma escola e de outra) é a vontade de cada um em agarrar esse processo, em aceitar colocar em dúvida sua prática, uma prática que, até então, era tida como “certa”?

4.3 Que desenvolvimento? Transformações internas fazem parte do desenvolvimento humano?

Que desenvolvimento, afinal, o projeto Sampabeagá empreendeu até aqui? O desenvolvimento local por meio do desenvolvimento profissional dos profissionais da escola que situa, com isso, a educação escolar como responsiva a necessidades básicas de seus públicos não parece ainda ter sentido (e ter feito sentir) na prática desses dois anos. Essa hipótese se coloca na majoritária falta de referência a esse objetivo do projeto nas falas das equipes técnicas – ressaltando alguns momentos em que isso se deu. O projeto, como caminha, parece estar ainda em uma fase inicial de seu desenvolvimento, como a diretora Regina coloca: “claro que projetos não têm fim, alguém tem que dar uma continuidade, eles mudam

os rumos, mas não acabam, principalmente esse que é um projeto a longo prazo mesmo, pra dar certo, é um projeto que tem que ter mais pessoas envolvidas, né?, e que ainda é bebê pra mim...”

Parece que houve uma outra qualidade de desenvolvimento gerado pela experiência do Sampabeagá até aqui. Uma qualidade que se volta mais ao auto-conhecimento dos participantes do projeto que ao impacto coletivo, social ou político nas práticas educativas enquanto parte da “educação escolar” – ainda que tal impacto tenha sido percebido por membros da equipe técnica da EMPAT. Questionar a própria prática significa questionar os próprios valores o que, em primeira instância, é uma das formas de se auto-conhecer. Um projeto social cujo objetivo se expressa em alguma “forma” de desenvolvimento inevitavelmente passa pelo desenvolvimento das pessoas implicadas no projeto. Com o tempo vai-se aprendendo a sofrer menos com as desconstruções todas que a vida coloca – talvez seja esse o significado de maturidade. E um projeto que tenha tido esse “efeito”, ainda que em apenas uma ou duas pessoas, já é, a meu ver, inovador.

5. Autores e colaboradores

Para a realização desta sistematização, contribuíram:

Equipe técnica da EMEF Madre Imilda do Santíssimo Sacramento (2005 – 2006)

Equipe técnica da EMEF Professora Alcida Torres (2005 – 2006)

Prof. Dr. Elie Ghanem – elie@usp.br

Rita Monte – les_timbales@yahoo.com.br

6. Anexos

Anexo 1: Projeto Sampabeagá

Projeto

Sampabeaga

Formação de Profissionais da Educação e Desenvolvimento Local

Duração: 12 meses

1. Problema a que o projeto pretende responder

O problema a que este projeto pretende responder é o fraco envolvimento da educação escolar em iniciativas de desenvolvimento de comunidades locais. Dois exemplos de iniciativas dessa espécie são o projeto Curuçá e o programa Cidadãos Planetários. O projeto Curuçá, de responsabilidade de um grupo de cinco organizações, inclui variadas atividades de educação com jovens na Zona Leste do município de São Paulo (SP). O programa Cidadãos Planetários, do Instituto Pauline Reichstul, também forma e mobiliza jovens do Taquaril, no município de Belo Horizonte (MG). São projetos que apresentam inspiração comum e características similares, entre as quais, a busca de atuação articulada com escola pública de educação básica.

Porém, a atuação articulada com escola exige também uma profunda reorientação da educação escolar. Essa reorientação, por sua vez, depende essencialmente do engajamento dos profissionais da escola. Por questão de coerência, as iniciativas de desenvolvimento local precisam contar com práticas formativas que ofereçam estímulo e apoio àqueles profissionais, especialmente técnicos e docentes.

O propósito de desenvolvimento local, além disso, determina que se adote uma concepção ampla de educação e que as práticas formativas de profissionais dessa área se orientem para: a) identificação e priorização

de das necessidades das pessoas implicadas na educação (a começar dos profissionais, dos educandos e de seus familiares); b) elaboração e implementação de ações que respondam às necessidades identificadas e priorizadas.

Práticas educativas nessa perspectiva precisam constituir-se, ao mesmo tempo, como processos abertos de tomada de decisões, ou seja, de gestão da educação. Requer-se, portanto, praticar a democratização da gestão escolar de modo a viabilizar a implementação de uma educação com significado amplo, dedicada efetivamente ao desenvolvimento das comunidades com as quais interagem as escolas.

2. Objetivo geral

Engajar o pessoal técnico e docente de escolas públicas em processos de formação que promovam tanto o desenvolvimento profissional quanto o de comunidades locais, respondendo a necessidades básicas das pessoas implicadas nas práticas educacionais.

3. Objetivos específicos

Para atingir o objetivo geral do projeto, será implementada extensão universitária com os seguintes objetivos específicos:

Difundir saberes sobre educação e gestão escolar junto a profissionais de estabelecimentos públicos de educação básica, estudantes e seus familiares.

Orientar profissionais (docentes e técnicos) desses estabelecimentos em processo de participação ampliada nas decisões sobre educação.

Favorecer ensino universitário envolvendo estudantes de graduação da Faculdade de Educação da USP, da Faculdade de Educação da UFMG e outras nas atividades de assessoria a profissionais de educação básica e de orientação que estas venham a prestar junto a corpos docentes.

Propiciar a pesquisa científica consolidando relações interpessoais e interinstitucionais requeridas para investigar em campo: a) condições de trabalho em escolas públicas de educação básica; b) iniciativas de desenvolvimento profissional de pessoal técnico e docente; c) práticas de democratização da gestão escolar situadas em processos de desenvolvimento de comunidades locais; d) projetos de intervenção nos quais jovens têm posição central.

Intercambiar e submeter à crítica saberes referentes a empreendimentos econômicos solidários entre integrantes de projetos de desenvolvimento local e docentes de educação básica.

4. Procedimentos (o que será feito e como)

Os procedimentos propostos neste projeto podem ser sintetizados em dois pontos:

Realizar ações de desenvolvimento profissional que tenham lugar durante o exercício profissional.

Estabelecer diálogo entre agentes educativos internos à escola e entre estes e os externos em torno da definição e priorização de necessidades básicas.

Para implementar essas ações e esse diálogo, serão realizadas reuniões de assessoria aproximadamente mensais (fev. 2005 – fev. 2006) de docente da Feusp com profissionais das escolas de educação básica, principalmente integrantes de equipe técnica, além de ser mantida comunicação por e-mail entre as reuniões. Esse trabalho visa a:

a) Consolidar a equipe técnica da escola por seu engajamento na promoção do desenvolvimento profissional do corpo docente e das equipes administrativa e operacional.

b) Planejar e implementar atividades educacionais em alianças com agentes variados de órgãos públicos e organizações privadas, de diferentes níveis e setores.

c) Aproveitar ao máximo as oportunidades de formação disponíveis, articulando-as com o intercâmbio com projetos e centros educativos de outras cidades e estados.

O trabalho proposto pretende seguir três grandes orientações da Declaração Mundial de Educação para Todos (Jomtien, 1990):

Apoiar-se em um conceito amplo de educação básica (inicia com o nascimento e ocorre ao longo de toda a vida).

Centrar a educação na aprendizagem. Potencializando-a ao fazer com que decorra de intervenções deliberadas nas realidades e da reflexão sobre estas intervenções.

Educar para satisfazer necessidades básicas.

Essas orientações se materializarão em atividades educacionais. Estas podem ser classificadas de muitas maneiras, uma das quais distingue as atividades como convencionais, diferenciadas e inovadoras.

Convencionais: consistem em ensinar o que se sabe (centradas no saber certificado de quem ensina).

Diferenciadas: consistem em ensinar o que se gosta (centradas na preferência pessoal de quem ensina).

Inovadoras: consistem em aprender o que se necessita (centradas no acordo de prioridades gerado entre as pessoas que realizarão as atividades).

As atividades educacionais convencionais e mesmo as diferenciadas são compatíveis com uma escola que simplesmente está situada em um local. Essa escola “atende”. As atividades inovadoras são produzidas por uma escola que atua em um local. Essa escola “intervém”. A eficácia desse terceiro tipo de atividades depende, portanto, de alianças com outros que atuam ou também podem atuar no local.

Para desenvolver agentes educativos ao mesmo tempo em que concebem e executam atividades inovadoras, é preciso disponibilidade de tempo.

Para pensarem sobre o que já fazem.

Ação proposta: diálogo em duplas de profissionais (uma pessoa da equipe técnica e uma do corpo docente).¹³

Para dialogarem com agentes externos.

Ação proposta: visitas.

Para planejarem e avaliarem atividades educativas referentes: a) aos próprios profissionais; b) aos alunos e seus familiares.

Ação proposta: reuniões técnicas.

Para ampliar o tempo disponível ao desenvolvimento dos agentes educativos internos, estes incentivarão e apoiarão a crescente presença de agentes externos.¹⁴ Mas a presença desses agentes externos não será meramente instrumental, será proposta para multiplicar aprendizagens, deles inclusive. Cabe salientar, entre esses agentes externos, quadros técnicos da Secretaria de Educação, cujo engajamento será decisivo para que este experimento não seja isolado, mas se constitua como um experimento de política educacional.

5. Condições favoráveis

Entre as principais condições favoráveis para a satisfatória realização deste projeto está a disposição demonstrada por profissionais da Escola Municipal Professora Alcida Torres, do Instituto Pauline Reichstul (Belo

¹³ É preciso ponderar a viabilidade de incluir nessa ação funcionários não docentes. A ação proposta, contudo, está baseada na constatação de que o ofício docente é aprendido predominantemente por dois meios: a) ensaio e erro; b) consulta a colegas. A proposta baseia-se também no perceptível distanciamento que as práticas de formação docente mantêm em relação a esses meios recorrentes de aprendizado do ofício.

¹⁴ Como a letra de um samba: “quem não dança segura a criança”.

Horizonte, MG) e da Escola Municipal Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento (São Paulo, SP).

Além disso, este projeto é parte de uma trajetória¹⁵ que levou a confrontar e sintetizar aprendizados originados da pesquisa e da experiência direta com alunos, familiares e profissionais de escolas públicas. Tais aprendizados balizam uma atuação que: i) reconhece o caráter educativo de múltiplos agentes; ii) identifica e leva em conta o papel destacado que, entre esses agentes, desempenham a família, a escola e os meios de comunicação de massa; iii) desafia a prática educacional a oferecer respostas a necessidades básicas dos indivíduos e grupos implicados nessa mesma prática; iv) inclui a abordagem das necessidades pessoais e profissionais dos educadores nos processos de sua formação; v) faz da formação de educadores um experimento ativo que envolve crítica e formulação; vi) não reduz o pedagógico à relação entre professor e alunos, situando-o na própria produção democrática das políticas educacionais, pela participação dos múltiplos agentes na concepção e na tomada de decisões.

Os modos de realizar esse tipo de perspectiva educacional se insinuam em muitas situações e lugares e requerem observação atenta, reflexão, muita experimentação e, sobretudo, muito diálogo e cooperação. Na Zona Leste do município de São Paulo, aproveitam-se os resultados da atuação concentrada nos últimos quatro anos como base para a elaboração e implementação de projetos educativos, centrados nas gerações mais jovens como animadoras e, ao mesmo tempo, como aprendizes.

¹⁵ A sistematização de aprendizados decorrente dessa trajetória pode ser verificada em: Ghanem, Elie (Org.). *Participação popular na gestão escolar* : bibliografia. São Paulo : Ação Educativa, 1995.

Ghanem Elie. Participação popular na gestão escolar : três casos de políticas de democratização. São Paulo, *Revista Brasileira de Educação*, n. 3, 1996, p. 31-63.

Ghanem, Elie. *Democracia* : uma grande escola : alternativas de apoio à democratização da gestão e à melhoria da educação pública : guia para equipes técnicas. São Paulo : Ação Educativa, 1998.

Giglio, C., Ghanem, E., Madeira, V. L. S. Integrar por la Educación. São Paulo. Brasil. In : Neirotti, N., Poggi, M. (Orgs.). *Evaluación de proyectos de desarrollo local* : aprendiendo juntos en el proceso de autoevaluación. Buenos Aires : IIPE-Unesco, 2004. p. 177-207

É o caso do projeto Curuçá, que busca um desenvolvimento educativo definido como o próprio desenvolvimento das comunidades locais. Procura conjugar três grandes fatores determinantes da estagnação daquelas comunidades: desarticulação de políticas setoriais; falta de alternativas de sobrevivência; inexistência de política democrática de segurança pública. Portanto, está em andamento a articulação de recursos e capacidades presentes nos programas de diferentes setores governamentais (saúde, habitacional, escolar, transportes, cultura, abastecimento etc.), mas também a busca de iniciativas de dinamização da economia local em atividades de geração de renda, bem como medidas de adequação dos serviços policiais e judiciários com a participação direta de jovens, docentes e organizações da sociedade civil.

Projetos e práticas de inspiração semelhante têm surgido em outras cidades e, para fortalecer-se, é preciso que se aproximem e sintonizem de forma intencional e planejada. Em conseqüência, demanda-se a criação de mecanismos de intercâmbio de saberes, em especial referentes a aspectos da educação escolar, da política educacional e da formação de educadores.

Em Belo Horizonte, o Instituto Pauline Reichstul tem como missão “viabilizar condições para o desenvolvimento local estimulando o potencial humano e o empoderamento comunitário”. Já havia realizado, em Recife, o projeto Cidadãos: Soldados em Formação (1999), de capacitação de 300 soldados da Polícia Militar em direitos humanos, além do projeto Teclando Nossos Direitos (2001-2002), de capacitação de 5 mil pessoas em direitos humanos e informática.

Com base nessas experiências, o Instituto elaborou e veio executando o projeto Férias o Ano Inteiro (no Morro das Pedras, região Oeste de Belo Horizonte), no qual oficinas artísticas e cursos profissionalizantes com cerca de 300 jovens visam diminuir a vulnerabilidade de crianças e adolescentes à violência e à criminalidade característica do lugar. Pelo projeto Formação de Educadores (2003-2004), o Instituto os apóia para

atuarem junto a adolescentes em conflito com a lei que cumprem medida de internação.

Com o programa Cidadãos Planetários, o Instituto agrega um conjunto de projetos que visam induzir o desenvolvimento local, por meio da criação de empreendimentos econômicos solidários e de centros de apoio e oportunidades (arenas de discussão e espaços para capacitações e eventos). O sucesso de tais empreendimentos depende não só dos recursos aportados, depende também do estabelecimento de relações interpessoais nas comunidades, capazes de gerar eficácia coletiva. Nessa direção, as comunidades são convocadas por jovens a participar da solução de problemas locais, público principal a quem se destina o programa. Esses jovens podem mobilizar não só pessoas de seus núcleos familiares, mas também de outros grupos de convivência.

6. Sistematização e avaliação

Nas reuniões de assessoria, será definida uma proposta de avaliação na qual participantes do projeto possam contribuir como avaliadores, além de fornecer informação para a avaliação. Tem-se em vista a participação de profissionais da escola, de alunos e familiares, de técnicos da Secretaria de Educação e de outros agentes externos que venham a se envolver nas atividades previstas. Os dados sistematizados e os resultados da auto-avaliação do projeto serão encaminhados para publicação, preferencialmente em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

7. Orçamento

Despesa	Valor unitário	Total (R\$)
---------	----------------	-------------

10 passagens aéreas SP-BH-SP para assessor Feusp	300	3000
5 passagens aéreas SP-BH-SP para 2 alunos Feusp	300	3000
20 traslados (aeroporto) para assessor e 2 alunos USP	100	2000
10 diárias para assessor da Feusp	80	800
5 diárias para 2 alunos USP	80	800
4 passagens aéreas SP-BH-SP para 2 jovens e 2 docentes de São Paulo	300	1200
2 traslados (aeroporto) para 2 jovens e 2 docentes de São Paulo	100	200
12 diárias para 2 jovens e 2 docentes de São Paulo	80	960
4 passagens aéreas BH-SP-BH para 2 jovens e 2 docentes de Belo Horizonte	300	1200
2 traslados (aeroporto) para 2 jovens e 2 docentes de Belo Horizonte	100	200
12 diárias para 2 jovens e 2 docentes de Belo Horizonte	80	960
360 passagens ônibus Vila Curuçá (5 alunos USP)	2	720
360 passagens metrô Vila Curuçá (5 alunos USP)	2,1	756
Total	-	15.796

7. Bibliografia

GHANEM, Elie. Educação Escolar e Democracia no Brasil. São Paulo: Editora Autêntica, Fapesp e Ação Educativa. 2004, 231p.

_____. Mudança Educacional – inovação e reforma. Relatório final de pesquisa. São Paulo: Fapesp. 2006.

KAPLAN, Allan. Artistas do Invisível - o processo social e o profissional do desenvolvimento. São Paulo: Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social e Editora Fundação Peirópolis. 2005, 260 p.